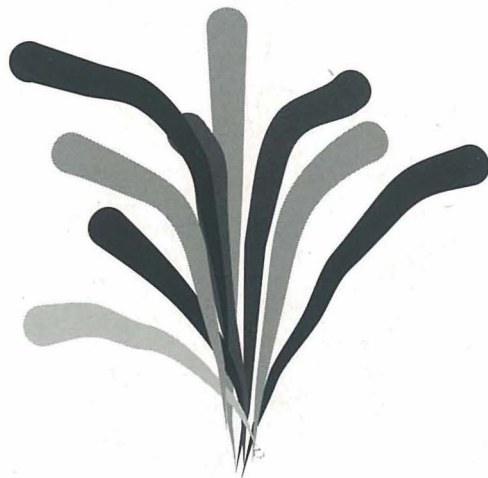


José Luís Lopes Brandão

Da Quod Amem
Amor e Amargor
na Poesia de Marcial



Edições Colibri

•
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

DA QVOD AMEM
AMOR E AMARGOR
NA POESIA DE MARCIAL

Colecção: ESTUDOS

Livros Publicados:

- 1 – SCHEIDL, Ludwig – *A Viena de 1900: Schnitzler, Hofmannsthal, Musil, Kafka*, Coimbra, 1985 (esgotado).
- 2 – RIBEIRO, António Sousa et alii – *A literatura, sujeito e a história. 5 estudos sobre literatura alemã contemporânea*, Coimbra, 1996 (esgotado).
- 3 – BURKERT, Walter – *Mito e mitologia*, Coimbra, 1986 (esgotado).
- 4 – GUIMARÃES, Carlos e Ribeiro Ferreira – *Filoctetes em Sófocles e em Heiner Müller*, Coimbra, 1977 (esgotado).
- 5 – FERREIRA, José Ribeiro – *Aspectos da democracia grega*, Coimbra, 1988 (esgotado).
- 6 – ROQUE, João Lourenço – *A população da freguesia da Sé de Coimbra 1820-1849*, Coimbra, 1988.
- 7 – FERREIRA, José Ribeiro – *Da Atenas do séc. VII a.C. às Reformas de Sólon*, Coimbra, 1988.
- 8 – SCHEIDL, Ludwig – *A poesia política alemã no período da Revolução de Março de 1848*, Coimbra, 1989.
- 9 – ANACLETO, Regina – *O artista conimbricense Miguel Costa (1859-1914)*, Coimbra, 1989.
- 10 – CRAVIDÃO, Fernanda Delgado – *Residência secundária e espaço rural. Duas aldeias na Serra da Lousã Casal Novo e Talasnal*, Coimbra, 1989.
- 11 – SOUSA, Maria Armada Almeida e, VENTURA, Zélia de Sampaio – *Damião Peres. Biobibliografia analítica (1889-1976)*, Coimbra, 1989.
- 12 – JORDÃO, Francisco Vieira – *Mística e Filosofia. O Itinerário de Teresa de Ávila*, Coimbra, 1990.
- 13 – FERREIRA, José Ribeiro – *Participação e Poder na Democracia Grega*, Coimbra, 1990.
- 14 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e OLIVEIRA, Francisco de – *O Teatro de Aristófanes*, Coimbra, 1991.
- 15 – CATROGA, Fernando – *O Republicanismo em Portugal. Da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, Coimbra, 1992.
- 16 – TORGAL, Luís Reis et alii – *Ideologia, Cultura e Mentalidade no Estado Novo – Ensaio sobre a Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1992.
- 17 – SEABRA, Jorge et alii – *O CADC de Coimbra. A democracia cristã e os inícios do Estado Novo: 1905-1934: uma abordagem a partir dos Estudos Sociais*, Coimbra, 1993.
- 18 – ANACLETO, Marta Teixeira – *Aspectos da Recepção de 'Los siete libros de la Diana' em França*, Coimbra, 1994.
- 19 – MARNOTO, Rita – *A Arcadia de Sannazaro e o Bucolismo*, Coimbra, 1995.
- 20 – PONTES, J. M. da Cruz – *O Pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1997.
- 21 – SANTOS, João Marinho dos – *Estudos sobre os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa*, Coimbra, 1998.
- 22 – LEÃO, Delfim Ferreira – *As Ironias da Fortuna – Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*, Lisboa, 1998.
- 23 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e (coord.) – *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, Lisboa, 1998.
- 24 – MARQUES, Maria Alegria Fernandes – *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Coimbra, 1998.
- 25 – SCHEIDL, Ludwig – *Mitos e figuras no Teatro Clássico Alemão do século XVIII à actualidade*, Lisboa, 1998.
- 26 – BRANDÃO, José Luís Lopes – *'Da quod anem'. Amor e amargor na poesia de Marcial*, Lisboa, 1998.

Edições Colibri

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

José Luís Lopes Brandão

DA QVOD AMEM
AMOR E AMARGOR
NA POESIA DE MARCIAL



Edições *Colibri*

*

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Brandão, José Luís Lopes, 1967–

Da quod amem : amor e amargor na poesia de Marcial. –
(Estudos da Faculdade de Letras da Universidade de
Coimbra ; 26)

ISBN 972-772-043-9

CDU 821.124 Martialis, Marcus Valerius . 09

Título: *Da quod amem*
Amor e amargor na poesia de Marcial

Autor: José Luís Lopes Brandão

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Revisão: Maria Fernanda Araújo

Depósito legal: 127 495/98

ISBN 972-772-043-9

Tiragem: 1.000 exemplares

Edições *Colibri*, Lisboa, Outubro de 1998

ÍNDICE

Preâmbulo	9
Epistula	15
1. UM POETA INCAPAZ DE AMAR?	17
2. APEGO À TERRA.....	25
2.1. A terra natal.....	25
2.2. A terra adoptiva	31
2.3. Amor da simplicidade e da paz.....	52
3. DEDICAÇÃO AOS AMIGOS.....	61
3.1. O valor da amizade	61
3.2. Os amigos do coração.....	66
3.3. Os amigos de circunstância	83
3.4. Os falsos amigos.....	87
4. OS AMORES VOLÚVEIS	93
4.1. As preferências do poeta.....	93
4.2. As vozes insistentes.....	97
4.3. Os ecos de recreio.....	103
4.4. A incerteza de um casamento	107
4.5. Juízo sobre a mulher.....	111
5. O AMOR DOS SIMPLES E DOS HUMILDES	119
5.1. O afecto pelos escravos.....	119
5.2. A ternura pelas crianças	124
5.3. Erócion: o lume de um afecto que a morte não apagou.....	128
6. O ROSTO IMORTAL DO POETA.....	131
6.1. Como o poeta se vê a si mesmo.....	132
6.2. Como o poeta vê os outros	140
6.3. Como o poeta vê a sua vida	149
6.4. Como o poeta cria <i>uictura carmina</i>	151
BIBLIOGRAFIA	153
1. Edições de Marcial (Epigramas)	153
2. Concordâncias	153
3. Estudos	153

(Página deixada propositadamente em branco)

*À memória
do Mestre e Amigo
Carlos Alberto Louro Fonseca*

(Página deixada propositadamente em branco)

PREÂMBULO

A sua terra era alpestre; o homem, não. Serras e fragas e penhascos sombreavam uma planície verdejante, múrmure nos bosques, gárrula nas águas envolventes. E o homem se acordou ao timbre da planície: antes fronde que rocha, o olhar sagaz na presa fugidia, todo um casulo aperreado de cantos por florir. A Lésbia que viesse – achava adorador. Um coração pronto a brilhar como palhetas da lua sobre o rio. Mas as Lésbias negaceavam, nas brenhas e na urbe. E assim, morosos, foram correndo os anos, a soledade, o desencanto, um tentear no vazio, farrapos de amargor – que também vestem, havendo estro, o burel da poesia.

Marcial trazia retórica de hispanos: quanto baste (cuidava ele) para fazer do noviço um experimentado – e triunfar. Não triunfou. A situação na Urbe, fagueira de início, degenerou em pesadelo. De pouco lhe valeram as amizades de próceres como Séneca e Lucano, breve truncadas pela repressão, inexorável, da conjura pisoniana. Mas Nero tinha de cair, caiu: qualis artifex pereo! E Roma conheceu o ano trágico dos quatro imperadores, a guerra civil, o Capitólio em chamas, saques e violações, o horror dos combates, corpo a corpo, pelas ruas. Tudo quanto a alma de Marcial, sedenta de paz, abominava.

Com a restauração, obra dos Flávios, se aviventou a esperança, sempre frustrada, nos mecenas. Mas aqueles eram tempos revolutos, irrepetíveis. Tornava-se dura a vida para os poetas. Era preciso acudir a géneros de circunstância, de celebração ou de convívio, mercadoria avulsa, vistosa para agradar, fútil ou mercenária. Nascem, deste modo, o Liber de spectaculis, os Xenia, os Apophoreta, que trazem ao forasteiro alguma notoriedade, algum proveito: nada comparável, infelizmente, à glória efêmera de certos gladiadores ou aurigas. Mas vão afeiçoando a mão que há-de compor a obra principal – os doze livros de Epigrammata.

O epigrama é um género velho, muito velho, tão velho que os tratadistas antigos renunciavam a encontrar para ele um heuretês. Podiam, por vezo conaturado, mencionar Homero, mas sabiam que o epigrama, antes de mais, é 'inscrição' e, como tal, há muito que surgia em díspares lugares, fossem as paredes de um túmulo ou o corpo boleado de um taça. Característico, desde logo, o uso frequente do dístico elegíaco, que supunha, na altura, uma entoação melancólica ou severa. Simónides escreveu os epigramas de maior fama no seu tempo; e, com a força do exemplo, induziu outros a imitá-lo: o tragediógrafo Eurípides, os filósofos Platão e Aristóteles são nomes ilustres entre dezenas de cultores anónimos ou insignificativos.

A grande messe e a sua diversificação vieram com o período helenístico – a tal ponto que pôde dizer-se que a Antologia Grega é «toda a poesia em miniatura» (Butler). Prosperam ainda as inscrições votivas e funerárias, mas o campo alarga-se desmedidamente para abranger retratos de figuras célebres, descrições de paisagens e de ambientes, versos de amor, de sátira ou de invectiva, epítáfios de animais favoritos, brinquedos de estilo. É o tempo de Ânite e de Nóssis, de Asclepiades e dos seus amigos Hédilo e Posidipo, Leónidas de Tarento, depois Antípatro, Filodemo, Meléagro, Marco Argentário.

Marcial poderia recordar, não recordou, entre os antecedentes próximos e influentes, Lucílio e Nearco, que estão representados por umas centenas de epigramas na Antologia Palatina e antecipam aquele gosto do aliquid luminis final (aculeus, mucro, acumen), tão característico da poesia do Bilbilitano. Mas o estreante prefere citar exclusivamente o exemplo de quatro poetas romanos: Catulo, Domício Marso, Albinovano Pedão e Lêntulo Getúlico.

Compreende-se porquê: são os representantes próximos, e nacionais, do epigrama escomático em que Marcial pretende directamente filiar-se. A história do epigrama latino era, contudo, mais antiga: vinha do tempo em que também os Romanos compunham epítáfios em verso, como os dos primeiros Cipiões, ainda em satúrnios. Já Ênio, para o Africano e para si próprio, escreve em elegíacos; mas os auto-epítáfios (improváveis) de Névio, de Plauto, de Pacúvio recorrem a metros mais familiares. Tem-se afirmado,

aliás, que tais epigramas podem ser de Marco Terêncio Varrão, máximo entre os grandes eruditos romanos, e que teria composto setecentos elogios para as suas Imagines.

O epigrama de inspiração alexandrina, predominantemente erótico e satírico, mas com larga representação do género epidíctico, principia, nos alvares do século I a. C., com os antesignanos do neoterismo (Pórcio Lícino, Valério Edúto, Lutácio Cátulo, Lévio), e é continuado pelos poetae noui de estrita ou parcial obediência (Catulo, Calvo, Cina, Cornélio Nepos, Tícidas; Varrão Atacino, Fúrio Bibáculo) e personagens não alinhadas como Hortênsio, o orador, e Mêmio, o pretor abominado de Catulo, mas encarecido por Lucrécio. À moda cederam também os grandes da política, César, Bruto, Octaviano, Mecenas, Tibério, mas pouco resta da sua contribuição. Epigramas compôs, na sua imaturidade, o próprio Virgílio; e Plínio-o-Moço, o complacente epistológrafo, amigo de Marcial, escusa-se, como exemplo alheio, de cultivar também um género tão divulgado.

Divulgado, sem dúvida, mas nem por isso dominado, já que a despeito da propalada concisão latina, só a raros se concede a graça de escreverem dísticos lapidares e eternos como o catuliano Odi et amo. Quare id faciam fortasse requiris. / Nescio, sed fieri sentio, et excrucior. E, por sinal, é o confronto directo com Catulo que mais tem prejudicado a justiça devida a Marcial. À paixão e à sinceridade do Veronense costumam opor-se a volubilidade e as adulações do Bilbilitano. Mas o paralelo é ilegítimo e escassamente probativo. Catulo morreu no verdor dos anos, com as promessas intactas de uma rebeldia que a fortuna truncou; Marcial subsistiu (penosamente, às vezes) até uma idade avançada para a época, e as suas provas estavam dadas quando sucumbiu, antes dorido que realizado, na sua terra natal. Catulo, à parte as dificuldades passageiras do dissipador, era rico e independente, com uma vivenda de sonho sobre um lago; Marcial arrastou a vida humilhante de cliente, em casa arrendada, depois própria, com um desaforo precário em Nomento e, por fim, em BÍlbilis. Catulo reverberou na flama de um grande e possessivo amor; Marcial apagou-se, por culpa própria e dos outros, na cinza dos desejos que o consumiam, os desencontros, as platitudes, os gestos ou palavras convencionais, as inevitáveis

trivialidades de um comércio pago e recalcitrante. A sua atitude, regra geral, parece leviana, escarninha, cínica ou travessa, despudorada – mas esconde, por vezes, o broquel protector, o recuo profí-láctico de um homem escaldado e inseguro. Bateu, esperou, ninguém respondeu, pesava-lhe insistir – abalou. Mas o seu coração não ganhava aridez após as frustrações. Quantas ambages e esquivanças e amargores à volta de Gala! Se Erócion tivesse sobrevivido – quem sabe? –, seria a flor no canteiro. Marcela estaria comprometida, tendesse ou não para o sisudo, guardaria as distâncias com o libertino (mas seguramente inócuo) admirador. E era tarde de mais.

Os amigos de Catulo são uma revoada alegre, pronta a largar, de asas abertas, sobre o azul do mar; os de Marcial são gente mais pausada, imersa até aos cabelos no mundo dos negócios, que deixa morrer o tempo e as horas de convivência. Mas, no afecto que lhes dedica, o poeta não pede meças a Catulo: antes pode dizer-se que, na antiguidade e nos tempos modernos, raros, como Marcial, souberam expandir e fixar tamanha preia-mar de sentimento. Isenta, para mais, de qualquer escória de carnalidade; e que nem sempre obteve a retribuição que mereceria. Com o expoente, não exemplificado em Catulo, de um verdadeiro amor aos humildes e às crianças. Não pode ser volátil o coração dotado deste lastro de humanidade.

Há a outra face, bem sabemos, da adulação desmarcada e intemperante, que os inimigos de Marcial se comprazem em acentuar. Mas no próprio exagero de alguns louvores se encobrirá, provavelmente, a ironia do poeta: que o lisonjeado (se vaidoso) não captará, mas que o leitor experto é convidado a captar. O próprio Domiciano, que era arguto, pode ter ficado, algumas vezes, perplexo ou suspeito: e nunca foi liberal com o poeta. Mas há hipérboles que o serão para nós, e não o eram para o reconhecimento ou a amizade de Marcial. O provinciano vivia há muito tempo na Urbe, mas nem por isso se tornara um filhote embotado da Loba: era generoso como podia ser. Ou mais do que podia. Catulo, é verdade, não hesitou em atacar César. Mas os tempos eram outros. E a posição do poeta bem mais favorecida. Não façamos da irreverência de Catulo um gravame para Marcial. Tão dependente, ao cabo, e tão necessitado de compreensão.

A compreensão que pôde encontrar no autor deste livro; e que, estranhamente, lhe tem sido recusada por alguns historiadores da literatura latina. Marcial é considerado um poeta "simpático" – nem grande nem pequeno – e "de boa tolerância": salvo para os refractários à obscenidade efectiva de alguns carmes (toantes, de resto, com o género; e menos abundantes do que parecem supor os seus detractores). Mas com este juízo de comodidade se nega o âpreço devido àquele que foi «o poeta de Roma viva» (Paoli), sem deixar de ser poeta dos seus próprios sentimentos; e, com a atitude de um clássico verdadeiro, trabalhou a forma dos seus epigramas até alcançar a naturalidade, a graça, o fulmen in clausula que ambicionava. Só nos dois últimos decénios – na sequência, porventura, dos congressos reatinos e de Calatayud – Marcial começou a receber uma atenção mais esclarecida, que se exprime na edição teubneriana de Shackleton Bailey (Stuttgart, 1990), na publicação de comentários extensos a alguns livros (Citroni e Howell, para I, respectivamente Firenze, 1975, e London, 1980; Kay, para IX, London, 1985), no estabelecimento de concordâncias elaboradas com critérios modernos (Seidschlag, Hildesheim – New York, 1979; Estefania, Santiago de Compostela, 1980) e na apresentação de estudos bem fundamentados (Sullivan, Martial: the unexpected classic, Cambridge, 1991, e M. Cristina Pimentel, A 'adulatio' em Marcial, diss. Lisboa, 1993).

É nesta linha de "recuperação" que se insere, com características próprias, o trabalho de José Luís Lopes Brandão, 'Da quod amem'. Amor e amargor na poesia de Marcial. Um estudo que, a despeito da sua fidelidade ao plano estatuído, oferece algo mais do que o seu título anuncia. Graças ao conhecimento aprofundado da obra de Marcial, graças a um esforço louvável de sintonia com as reacções do poeta, o autor passa de uma análise de sentimentos a uma tentativa bem-lograda de convivência com a paisagem humana em que o Bilbilitano se moveu; e que foi carne e sangue de um dia-a-dia fadigoso, mas, apesar de tudo, gratificante. Estão lá as casas, as pedras, as ruas, os montes, os rios da Urbe e da terra natal – mas está, principalmente, a fisionomia, externa ou interna, das pessoas, a natureza real do homem, com muitos vícios e algumas virtudes. Hominem pagina nostra sapit é o emblema de Marcial e do seu intérprete.

Deliberadamente José Luís Brandão renunciou à consideração dos livros de circunstância (De spectaculis, Xenia e Apophoreta): mas toda a linfa versicolor dos doze livros de Epigrammata circula, em fluxo ordenado, na textura harmoniosa do seu trabalho. É uma fauna prodigiosa e cativante. De mil rostos. E em alguns deles se reflecte, inevitavelmente, o rosto do seu criador. Um pouco, às vezes, o nosso próprio rosto. Complexo e precário, mortal e imortal. Mas sempre inesquivável: nosso.

Agradeçamos a quem sugere ou sublinha a aproximação. E em boa hora!

WALTER DE MEDEIROS

EPISTVLA

Quis a fortuna que eu conhecesse, nos primeiros anos da Faculdade, os aspectos mais sensíveis da poesia de Marcial em conferência – *O poeta que buscava um amor* – proferida pelo Doutor Walter de Medeiros e publicada em *Biblos* 64 (1988) 1-15. A beleza do texto influenciou, mais tarde, a escolha deste tema como dissertação de mestrado.

O presente trabalho pretende, ao mesmo tempo, esboçar um perfil da alma do poeta e facultar uma espécie de guião de leitura dos *Epigramas* de Marcial, com variadas informações, deles retiradas, para o estudo da Roma do século I.

Mas estudar os *Epigramas* de Marcial não é tarefa fácil: o poeta não se deixa conquistar facilmente. Por algum motivo Marcial, como o apresenta I. Lana, é o poeta da contradição. Foi, no entanto, um trabalho marcado pela satisfação que a leitura dos epigramas proporciona. E, ao chegar ao fim, ocorrem-me as palavras do poeta: *dulcia mixta sunt amaribus, / sed iucunda tamen fuere plura* (12.34.3-4).

Muito se fica a dever à ajuda preciosa de uma pessoa que, além de Mestre, se tornou amigo. Ao Doutor Walter de Medeiros agradeço a disponibilidade que mostrou na escolha do tema e do título: na discussão dos epigramas; na indicação e fornecimento de bibliografia; nas sugestões de tradução; no trabalho de revisão do texto e no apoio amigo nas horas de desalento. Muito obrigado!

Estou grato a muitos dos meus amigos, em especial, ao Dr. Delfim Leão, pelas mais diversas sugestões, que vão desde a tradução até aos aspectos formais do texto; à Florence Woillet, pela boa vontade manifestada na procura de bibliografia; à Dr.^a Cristina Ferrão e à Dr.^a Adília Marques, pelo apoio que me deram na pesquisa em Barcelona – *ne ualeam, si non res est gratissima nobis!* (4.31.3) –; ao Dr. António Leitão Alves – sempre prestável, nas horas de intenso trabalho – e a todos quantos, no Instituto de Estudos Clássicos e na Escola

Secundária de Arganil, me acompanharam e me incentivaram na realização deste trabalho.

Quero ainda expressar a minha gratidão à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e às Edições Colibri e a quantos se empenharam na presente publicação.

Não me alongarei mais, para que os leitores, como diz o poeta no prefácio ao livro II, *ad primam paginam non lassiperuenient*. Daqui para a frente deve falar Marcial.

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO

1.

UM POETA INCAPAZ DE AMAR?

Ego esse miserum credo, cui placet nemo.

5. 28. 9.

Há pouco mais de trinta anos, um filólogo japonês, Noboru Fujii¹, depois de considerações um tanto deslocadas sobre o amor em Platão no budismo e no judaísmo, fazendo suas as palavras de Giuseppe Lipparini², observa que Marcial é um poeta «incapace di amare»

Diz Fujii que, enquanto Juvenal, na sátira VI, parece demonstrar um coração capaz de amar (o que é discutível), em Marcial desfila apenas uma procissão de mulheres extravagantes, mas não uma sombra do poeta.

Pois bem, é esta sombra que iremos procurar ao longo deste trabalho: uma sombra (para nós luz) que Fujii diz não existir, mas que, segundo nos parece, se manifesta continuamente na obra de Marcial.

Uma primeira leitura dos epigramas que se referem às mulheres parece confirmar a opinião do autor japonês: mas, por muito importante que seja esta dimensão do amor, não parece justo, perante a vastidão da obra do poeta, tomar unicamente como base essas relações para afirmar que Marcial é incapaz de amar.

Partiremos de uma expressão de sentimentos que se torna evidente para qualquer leitor: o amor que Marcial nutre por BÍLBILIS, a sua terra natal. O tempo que viveu em Roma não o fez esquecer a sua pátria hispânica. Quando a descreve, deixa correr livremente a sua emoção, ao ponto de quebrar a brevidade característica dos seus epigramas para

¹ Cf. FUJII, "Love and women in Martial, a poet *incapace di amare*": *Annuario dell' Istituto Giapponese di Cultura a Roma* 1 (1963-64) 27-42.

² *Ib.* nota 3.

falar dos pátrios montes e dos rios.³ Não evita mencionar os topónimos da Hispânia, ásperos para os sensíveis ouvidos romanos,⁴ sente orgulho dos homens ilustres da Hispânia e deseja ser um deles.⁵ Chega mesmo a opor as suas características másculas de hispano às de um efeminado de Corinto.⁶ Em Roma, sem esconder a saudade, Marcial cantará Bílbilis e para lá há-de voltar no fim da vida, na esperança de recuperar o que perdera com o longo estágio na Urbe. Não será isto uma forma de amor?

Nos trinta e quatro anos que vive nesta cidade, centro do Império e de todos os vícios, é com olhar atento que descreve os seus tipos sociais: caçadores de heranças; avaros; ébrios; homossexuais; plagiários e recitadores; mulheres feias e velhas presumidas; devassos; prostitutas; médicos e advogados fanfarrões; etc. Porque se empenha o poeta com tão evidente prazer no desenho destes quadros?

Roma ao vivo é fonte de inspiração para Marcial. Mas tudo tem um preço: os sofrimentos também são motivo de inspiração. E eis Marcial a descrever, por vezes com manifesta saciedade e azedume, a vida de cliente, que o obriga a levantar-se muito cedo para a *salutatio* aos seus patronos, na mira de arrecadar a *sportula*, única forma, aliás, de o poeta sobreviver, já que não estava vocacionado para a advocacia.

Dizia-se pobre, o seu único bem eram os leitores: *lector, opes nostrae*.⁷ Para a *salutatio* matinal tinha de ir da sua água-furtada no Quirinal até às *domus* dos protectores, atravessando a Suburra com toda a sua confusão. De resto, o rumor da cidade entrava-lhe dia e noite na cabeça, pois, para quem não vive no aconchego de uma *domus, ad cubile est Roma*.⁸

Esta existência tumultuosa acorda nele a memória da sua vida provinciana. A única coisa que deseja é cultivar um pequeno campo e gozar em paz os seus modestos rendimentos.⁹ Chega mesmo a pedir ao

³ Cf. MARCIAL, *Epigr.* 1.49. Doravante os epigramas de Marcial serão citados só pelo número.

⁴ 4.55.

⁵ Cf. 1.61.

⁶ Cf. 10.65.

⁷ 10.2.5.

⁸ 12.57.27.

⁹ 1.55.

amigo Lúcio Júlio que lhe conceda o *otium*: só assim o poeta poderá escrever algo de perdurável.¹⁰

E Marcial regressa à Hispânia cansado, convencido de que Roma já não é o seu lugar. Mas, mais uma vez, a distância traz consigo a saudade, e o poeta percebe a falta que lhe faz aquela Roma que, já saturado, abandonara e de que se sente agora despojado.¹¹ Porque sentirá Marcial, depois de tantos anos de amarguras, este desejo de Roma? Decerto porque o amor à Urbe, até então inconsciente, se transformara em viva nostalgia.

Outra faceta evidente do carácter do poeta é a dedicação aos amigos, os amigos verdadeiros, que cita nos seus epigramas: os amigos que lhe deu Roma, ou a sua terra natal. Para quem amizade é sinónimo de convívio frequente,¹² que leva à comunhão de bens,¹³ e para quem o aniversário de um amigo é mais importante que o seu¹⁴ – a mágoa vai crescendo quando a amizade não é correspondida.¹⁵

Poderão sair da pena de um poeta incapaz de amar estes versos dirigidos a Júlio Marcial?

*nulli te facias nimis sodalem:
gaudebis minus et minus dolebis.*¹⁶

Ou estes dirigidos a Deciano?

*Te tamen ut uideam, duo milia non piget ire;
ut te non uideam, quattuor ire piget.*¹⁷

São afirmações que denunciam antes um coração que ama e que, por vezes, se não sente suficientemente amado.

No que se refere às mulheres, o caso de Marcial não é obviamente comparável ao de poetas como Catulo e Propércio. É verdade que Catulo teve uma só Lésbia e Propércio uma só Cíntia, que cantou desde

¹⁰ 1.107.

¹¹ Cf. 12 *pref.*; 12.21.9-10: o *desiderium* de Roma.

¹² Cf. 1.86.

¹³ Cf. 3.41.

¹⁴ 9.52.6-7: *Hic uitam tribuit, sed hic amicum./ Plus dant, Quinte, mihi tuae kalendae.*

¹⁵ Cf. 9.6; 2.55.

¹⁶ 12.34.10-11.

¹⁷ 2.5.7-8.

a juventude, ao passo que Marcial nos faz, de facto, assistir a um desfile interminável de mulheres.

Marcial arde em várias chamas? Também Camões. Mas isso não quer dizer que seja incapaz de amar. Por outro lado, também é verdade que, em Marcial, há certos nomes que, pela frequência com que ocorrem, nos levam a suspeitar de que algo mais existe para além da letra dos epigramas.

É claro que não imaginamos Marcial a dirigir-se a qualquer mulher com os versos que Catulo dedica a Lésbia:

*Nulla potest mulier tantum se dicere amatam
uere, quantum a me Lesbia amata mea es.*¹⁸

Nenhuma mulher se pode considerar tão amada / de verdade quanto tu, minha Lésbia, foste por mim amada.

E muito menos com as palavras de Propércio:¹⁹

*Cynthia prima suis miserum me cepit ocelli
contactum nullis ante cupidinibus.*²⁰

Cíntia foi a primeira que, com os seus queridos olhos, me conquistou, a mim infeliz, / nunca antes tocado por quaisquer paixões.

Marcial tem um carácter totalmente diverso: mesmo que sentisse algo de semelhante, teria dificuldade em o confessar. O poeta parece demonstrar uma insegurança inultrapassável que o encaminha para os braços fáceis e mulheres incapazes de gerar uma paixão inspiradora. Mas, por vezes, deparamos com epigramas que nos surpreendem pela sua candura e sensibilidade:

*Intactas quare mittis mihi, Polla, coronas?
A te uexatas malo tenere rosas.*²¹

Outras vezes encontramos versos que denunciam o sofrimento de um coração solitário, que afoga a dor no falerno e no sono:

¹⁸ CATULO, 87. 1-2. .

¹⁹ WALTER de MEDEIROS, "A Lua Negra do poeta": *Humanitas* 35-36 (1983-84) 87-103.

²⁰ PROPÉRCIO, 1.1.1-2.

²¹ 11.89.

*Omnis ab infuso numeretur amica Falerno;
et quia nulla uenit, tu mihi, Somne, ueni.*²²

Regra geral, o poeta prefere o caminho da provocação, através de afirmações desconcertantes. Eis o exemplo de um epigrama que é a análise psicológica de um relacionamento amoroso que já tem história e que ainda promete novos episódios:

*Galla, nega: satiatur amor, nisi gaudia torquent.
Sed noli nimium, Galla, negare diu.*²³

Ao compararmos os versos anteriores com os que se seguem, verificamos que aumentou o despeito e um longo caminho foi percorrido:

*Inferius numquid potuit descendere? Fecit.
Dat gratis, ultro dat mihi Galla: nego.*²⁴

Ora esse despeito não será a reacção natural de um coração que se não sentiu suficientemente amado? Será que, entre estas duas situações, não haverá momentos de transição?

No meio destes sinais, acaso diversos, de amor, passa um cortejo de heteras e amásios. Como se reflecte tal desfile no juízo que o poeta faz das mulheres? É um desafio e uma proposta de trabalho. Soluções definitivas, não pretendemos encontrá-las, mas levantar a ponta do véu já será gratificante.

Onde, em Marcial, o amor assume maior expressividade é no afecto aos escravos e às crianças. Para o poeta, um escravo é um homem; e como tal deve ser tratado.²⁵ Além disso, por vezes os escravos mostram-se capazes de atitudes tão nobres que são uma lição para os homens livres:

*Proscriptum famulus seruauit fronte notatus.
Non fuit haec domini uita, sed inuidia.*²⁶

Como põe o poeta em prática as ideias que defende? Como lida com os seus próprios escravos?

²² 1.71.3-4.

²³ 4.38.

²⁴ 10.75.13-14.

²⁵ Cf. 10.31.

²⁶ 3.21.

Três têm um tratamento especial na sua obra: o escravo Álcimo;²⁷ o seu escriba, Demétrio;²⁸ e a escravinha Erócion, morta aos seis anos e, por muito tempo, chorada pelo poeta²⁹.

Estes exemplos, adiante desenvolvidos, contrariam francamente a ideia de que Marcial é incapaz de amar.

Afirma Boissier que «comme Ovide, Martial était un homme d' un très petit tempérament et fort maître de lui».³⁰ Para este autor, a separação que o poeta faz entre a sua obra e a sua vida – *lasciua est nobis pagina, / uita proba*³¹ –, longe de o absolver, serve para o culpabilizar ainda mais, uma vez que escreve todas aquelas obscenidades a sangue-frio, para agradar aos seus protectores e, mais grave ainda, conhecendo a sociedade romana, escrevia segundo os seus gostos.

Os aspectos atrás mencionados põem em dúvida estas afirmações. Poderão secundá-las, quando muito, os epigramas dirigidos ao imperador, mas mesmos esses têm de ser lidos à luz do contexto histórico e social em que se inserem.

Escrevia ao gosto dos seus protectores? Também Virgílio e Horácio. E isso em nada os diminui. De resto, Marcial não parece ter ganho muito com isso, pois queixa-se precisamente de que já não há em Roma os desejados mecenas.³²

Escrevia ao gosto da sociedade romana, mas isso não quer dizer que as suas composições sejam vulgares. O poeta tem consciência da superioridade da sua cultura em relação aos novos-ricos e aos cavaleiros de espírito plebeu.³³ É verdade que agradava a muita gente, inclusive àqueles soldados que, destacados para a Gália, ou envoltos pelo nevoeiro da Bretanha, sentiam saudades da vida quente de Roma com os seus escândalos sociais, tão ao gosto das línguas curiosas de todos os tempos. Mas as composições de Marcial manifestam uma orientação estética bem definida. Foi mestre no realismo: ele próprio se considera o primeiro na arte das *nugae*,³⁴ e a sua linguagem, tantas vezes acusada

²⁷ Cf. 1.88.

²⁸ Cf. 1.101.

²⁹ Cf. 5.34; 5.37; 10.61.

³⁰ *Le poète Martial*, 281-335.

³¹ 1.4.8.

³² Cf. 1.107; 8.55; MARACHE, "La revendication social chez Martial et Juvénal": *R C C M 3* (1961) 37-38.

³³ Cf. 5.13; 5.27.

³⁴ 9. *Pref.*: *Ille ego sum nulli nugarum laude secundus*.

de obscena, faz parte da sinceridade realista que obriga a chamar as coisas pelo seu nome.³⁵ Os seus contemporâneos não se surpreenderam com as suas palavras e o próprio Plínio-o-Moço lhe reconheceu o valor.³⁶ O segredo do seu êxito reside precisamente no facto de, nos seus epigramas, pulsar o coração de Roma. Além disso, afirmou-se como um perfeito estilista: submetia continuamente o seu trabalho ao *labor limae*,³⁷ e denotava constante preocupação com o rigor da métrica, segundo os cânones estritamente clássicos, embora sem deixar, por vezes, de ceder à tentação do virtuosismo.³⁸

A alma do artista expressa-se com argúcia através da brevidade dos seus epigramas, mas não podemos confundir brevidade, característica do género, com frieza de sentimentos. Em muitas composições – disfarçado, por vezes, pela agudeza da frechada final – podemos, com efeito, entrever um coração capaz de amar.

Marcial não se apresenta tão senhor de si como faz crer Boissier. Pelo contrário, manifesta muitas vezes um espírito carente, que quase chega a mendigar a atenção dos amigos, ou o carinho de uma *puella* que não vem...

O poeta fica sentido, mas sabe que precisa do Amor como fonte de inspiração para obras imortais. Por isso grita *da quod amem*:³⁹ é do amor que jorra a poesia.

Toda esta diversidade de manifestações de amor irá ser objecto de estudo nos capítulos que se seguem. Do conjunto dos epigramas tentaremos reconstituir, pedaço a pedaço, a alma de Marcial: *o rosto imortal do poeta*.⁴⁰

³⁵ Cf. 1. *pref.* Além disso, seguia um princípio estóico: cf. CÍCERO, *Fam.* 9. 22. 1: [...] *suo quamque rem nomine appellare. Sic enim disserunt, nihil esse obscenum, nihil turpe dictu.*

³⁶ PLÍNIO, *Ep.* 3. 21: *Erat homo ingeniosus, acutus, acer, et qui plurimum in scribendo haberet et salis et fellis, nec candoris minus.*

³⁷ Cf. 7.11; 7.17; 10.2.

³⁸ DOLÇ, *Retorno a la Roma clásica. Sobre cultura y sociedad en los albores de Europa*, Madrid, 1972, 199-222.

³⁹ 8.73.4.

⁴⁰ Cf. 7.84.

(Página deixada propositadamente em branco)

2.

APEGO À TERRA

2.1. A terra natal

Me multos repetita post Decembres
acceptit mea rusticumque fecit
auro Bilbilis et superba ferro.

12. 18. 7-9.

Vivia há muito tempo longe da sua pátria, há mais de três décadas em Roma, na babel do Império, mas parte da sua alma permaneceu na Hispânia. O seu pensamento voava constantemente para os montes da terra natal. Os primeiros vinte e cinco anos que viveu em Bílbilis hão-de marcar para sempre a sua vida e a sua produção poética com a nostalgia que, com o decorrer dos anos, criará, na sua alma, a imagem de um paraíso perdido. É um poeta de Roma, mas raízes ibéricas saltam aos olhos¹ em epigramas que a sua saudade alonga para além da concisão habitual. Por isso será crescente a relutância com que se submete às obrigações de cliente.

Marcial sente a Hispânia como um todo geográfico e espiritual, com as suas paisagens rústicas e os seus filhos mais distintos, que, como o nosso poeta, são o orgulho da mãe. É com carinho que fala da pátria, da *nostra Hispania*.² E essa pátria são os montes, como o *Caius*,³ são os bosques, como o *dulce Boterdi nemus*,⁴ são as águas sulfurosas de *Congedus*,⁵ são os rios, como o *brevis Salo*⁶ e o *aureus*

¹ Cf. M. DOLÇ, *Hispania y Marcial. Contribución al conocimiento de la España antigua*, Barcelona, C. S. I. C., 1953, 23-28.

² 1.49.2.

³ 1.49.5. O actual Moncayo.

⁴ 1.49.7 e 12.18.11.

⁵ 1.49.9. Eram conhecidas pelo nome de *Aquae Bilbilitanae*.

⁶ 1.49.12. O actual Jalón.

Tagus,⁷ mas são também os nomes de personalidades famosas de que a Hispânia se orgulha.⁸ Além de Quintiliano,⁹ célebre mestre da oratória, natural de Calagúrris, outros nomes contribuem para a glorificação da sua pátria. Córdoba, que até possui um plátano plantado por Júlio César,¹⁰ orgulha-se dos dois Sénecas e de Lucano;¹¹ Cádiz alegra-se com Cânio;¹² Mérida, com Deciano;¹³ e BÍlbilis há-de gloriar-se de Liciniano e do próprio Marcial.¹⁴ Um sentimento justo, já que o poeta também não cala os louvores à sua terra natal. Nos seus epigramas palpita a Hispânia na sua totalidade,¹⁵ mas, no centro deste louvor, surge a *alta Bilbilis*,¹⁶ com a paisagem que a rodeia. Depois de evocar as glórias de Córdoba, de Cádiz e de Mérida, Marcial deixa transparecer a sua emoção ao chamar-lhe *nostra... Bilbilis*, e ao separar o determinante possessivo com valor afectivo e o nome, para os colocar em lugar de relevo, no final dos dois últimos versos do epigrama:

*te, Liciniane, gloriabitur nostra
nec me tacebit Bilbilis.*¹⁷

Assim BÍlbilis surge *alta*, no centro de um círculo constituído pela unidade cultural e geográfica que é a Hispânia celtibérica.¹⁸

Há quem afirme que Marcial se sente inferiorizado por ser provinciano,¹⁹ ou que não sabe falar serenamente da pátria sem experimentar um sentimento de inferioridade em relação à Urbe em que vive, uma vez que, nos seus epigramas, como é o caso de 1.19 e 12.18, não há um quadro da vida de província, mas um série de particularidades,

⁷ 1.49. 15. O actual Tejo.

⁸ Cf. M. DOLÇ, *Hispania y Marcial*, cit. 67-238.

⁹ Cf. 2.90.

¹⁰ 9.61.

¹¹ 1.61.7-8. Cf. para Lucano 7.21; 7.22; 7.23; e para Séneca, 7.44.10; 7.45.1.

¹² 1.61.9. Cf. 1.69.2; 3.20; 3.64; 7.69; 7.87.2; 10.48.5.

¹³ 1.61.10. Cf. 1.8; 1.24; 1.39; 2. *Pref.*

¹⁴ 1.61.11-12; cf. 10.103.4; e 1.49.3.

¹⁵ Cf. M. DOLÇ, "Due passioni di Marziale: Roma e Hispania": *Colloquio italo-spagnolo sul tema: Hispania Romana*, Accad. Naz. dei Lincei 200 (1974) 15.

¹⁶ 1.49.3.

¹⁷ 1.61.11-12.

¹⁸ Cf. M. DOLÇ, *Hispania y Marcial*, cit. 169-176.

¹⁹ Cf. N. FUJII, "Love and women in Martial", cit. 28.

em polémica oposição à vida de Roma.²⁰ Ora, se é verdade que constatamos nos seus epigramas essa oposição entre a vida provinciana e a vida urbana, tal facto resulta de uma divisão interior, um duelo que não terá fim entre dois amores.²¹ Julgamos, no entanto, exagerado falar de sentimento de inferioridade. O poeta orgulha-se das suas características de hispano, nascido de Iberos e de Celtas, e não sente vergonha de citar os *nostrae nomina duriora terrae*, que, embora possam provocar o riso do leitor, são preferíveis ao itálico *Butunti*.²² Às suas características de *ex Hiberis / et Celtis genitus Tagique ciuis*, opõe Marcial as de Carménion, um efeminado de Corinto que um dia lhe chamou *frater*.²³ Para o poeta, foi um verdadeiro insulto, uma vez que o retrato que de si próprio faz é o oposto do coríntio. Este tem uma cabeleira ondulante e luzidia, à força de unguentos e perfumes (*flexa nitidus coma*), o poeta diz que tem os cabelos rebeldes (*ego contumax capillis*); Carménion é liso, graças à depilação diária (*leuis dropace quotidiano*), Marcial tem as pernas e as faces peludas (*hirsutis ego cruribus genisque*); o coríntio é gago e débil de língua (*os blaesum debilisque lingua*), Marcial até pelas ilhargas fala mais alto (*nobis ilia fortius loquentur*).²⁴ Não existe tanta diferença entre uma pomba e uma águia, entre uma tímida gazela e um feroz leão. Note-se que o poeta associa este *municeps Corinthiorum* a uma pomba e uma gazela, símbolos de debilidade, e, a si próprio, liga a águia e o leão, símbolos de vigor e de raça, a altivez e autenticidade. E, no final do epigrama, a fechada em tom de desprezo:

*Quare desine me uocare fratrem,
ne te, Charmenion, uocem sororem.*

Por isso deixa de me chamar irmão, / para que eu te não chame,
Carménion, irmãzinha.

Marcial tem um paradigma: os vinte e cinco anos que viveu na sua terra natal. É essa referência que o mantém lúcido no meio das seduções da capital do Império. Mas, nessa referência, reside também a

²⁰ Cf. I. LANA, "Marziale poeta della contraddizione": *R F I C* 33 (1955) 237-38.

²¹ Cf. M. DOLÇ, "Due passioni di Marziale", cit. (1974) 120.

²² 4.55.

²³ 10.65.

²⁴ Seguimos, por conveniência, a lição de HAUPT, adoptada por IZAAC e, com dúvida, por DUFF e GIARRATANO. Mas os códices apresentam *filia loquetur*.

origem da sua fractura interior, a dualidade entre as suas aspirações e a vida que é obrigado a levar em Roma. A nostalgia aumenta e as recordações da pátria longínqua apresentam-se logo, no extenso epigrama 1.49, como uma visão de paz, no tumulto da capital, que lhe provoca um incontido rancor à vida de cliente, inimiga da dignidade e das aspirações à tranquilidade campestre.²⁵

Ao longo de todos aqueles anos em Roma, Marcial vai criando uma ideia quase divinizada da sua terra natal: um paraíso perdido, mas não esquecido. A ideia do regresso vai ganhando força com as mudanças políticas e com o avançar dos anos.

Nerva sobe ao poder, depois Trajano. Marcial regressa à pátria. Parte em busca do seu paradigma de vida, tem saudades do aurífero Tago e do pátrio Salão, e da vida frugal que os *sordida rura* oferecem.²⁶ As aspirações do poeta *Latia factus in urbe senex* são simples:

*Illa placet tellus in qua res parua beatum
me facit et tenues luxuriantur opes.*²⁷

A terra que me agrada é aquela em que um pequeno pé-de-meia feliz / me torna, e os magros recursos se multiplicam em abundância.

Esse desejo realiza-se devido à generosidade de Marcela, que lhe dá uma casa e uma propriedade, o que leva o poeta a dizer:

*Si mihi Nausicaa patrios concederet hortos,
Alcinoos possem dicere: 'Malo meos'.*²⁸

Se Nausícaa me concedesse os jardins de seu pai, / a Alcínoo eu poderia dizer: “Prefiro os meus.”

Além disso, encontra um mecenas na pessoa de Terêncio Prisco, o que lhe permite ter direito ao ócio (*ingenuae ius pigritiae*), necessário ao exercício do *ingenium*.²⁹ Com a segurança deste mecenas se preocupa Marcial, pois ele é demasiado ousado nas cavalgadas e nas caçadas. O poeta avisa-o de que, muitas vezes, o cavaleiro morre em vez da lebre.³⁰

²⁵ Cf. U. E. PAOLI, "Il poeta di Roma vivente": *Avventure e segreti del mondo greco e romano*. Firenze, Le Monnier, 1956, 554.

²⁶ 10.96.1-4.

²⁷ 10.96.5-6.

²⁸ 12.31.9-10.

²⁹ 12.3.

³⁰ 12.14.

Graças à liberalidade de Marcela e de Prisco, o poeta parece ter reencontrado finalmente o seu paraíso. O círculo fechou-se, Marcial está de novo em BÍlbilis, princípio e fim, ponto de partida e de chegada.

Num epigrama dirigido a Juvenal,³¹ faz o contraste: enquanto o amigo, com a *sudatrix toga*, continua a correr inquieto pela Suburra ou pela colina de Diana e pelos átrios dos poderosos, Marcial, na sua BÍlbilis, há tantos invernos desejada (*multos repetita post Decembres*), cultiva preguiçosamente os campos de Boterdo e Plátea – *Celtiberis haec sunt nomina crassiora terris* – e goza um sono que *nec tertia saepe rumpit hora*, vingando-se, assim, de trinta anos de vigília em Roma. Para mais, ali *ignota est toga*. Esta paz rústica, há tanto desejada, leva o poeta a exclamar no final do epigrama:

sic me uiuere, sic iuuat perire.

Assim me agrada viver, assim me agrada morrer.

Se é fácil aos fados realizarem o segundo desejo, já assim não acontece com o primeiro: os espíritos cansam-se, os desejos são mutáveis; a felicidade de hoje é a indiferença, senão o desconsolo, de amanhã. A sensação de bem-aventurança não se mantém por muito tempo num espírito adverso à monotonia como o de Marcial. Esperaria certamente um acolhimento mais caloroso da parte dos conterrâneos: afinal ele é a glória, a honra e a fama dos *municipes* de BÍlbilis (*nam decus et nomen famaue uestra sumus*).³² Por isso, antes de regressar, já os avisara:

*Excipitis placida reducem si mente, uenimus;
aspera si geritis corda, redire licet.*³³

Se receberem de boa mente um regressado, eu vou, / mas, se endurecerem os corações, resta-me a possibilidade de regressar.

Pelos vistos, à parte os casos de Marcela e de Prisco, Marcial não foi tão bem recebido como desejava: ele próprio confessa que encontra alguma inveja e maledicência, coisa frequente em meios pequenos.³⁴ Além disso, alguns oportunistas locais procuram aproveitar a posição e os conhecimentos do poeta em proveito próprio, o que o leva a zangar-

³¹ 12.18.

³² 10.103.4.

³³ 10.103.11-12.

³⁴ Cf. 12. *pref.*

-se com um *cliens matutinus*: Marcial não é advogado nem amigo de pleitos, é apenas um *piger et senex Pieridumque comes*, a quem agrada o ócio e o sono que a grande Roma lhe negava. Foi por isso que regressou, mas agora inverteram-se os papéis: os clientes madrugadores vêm acordá-lo. Termina com desalento: *redeo, si uigilatur hic*,³⁵ como que a dizer que, vigília por vigília, prefere as de Roma. Com efeito, os anos que passou no Lácio mudaram-lhe a cor dos cabelos³⁶ e, de certa forma, moldaram-lhe também o espírito. Habitado à azáfama da Urbe, a vida simples transforma-se, com o tempo, em tédio, e a paz, em pasmaceira. Em Roma, lembrara nostálgicamente a sua terra; agora, em BÍlbilis, experimenta a solidão e o desterro numa pátria que se tornou estrangeira para ele.³⁷

E, no prólogo ao livro XII, o poeta manifesta a sua carência da vida de Roma, inspiradora dos seus epigramas e, como ele próprio diz:

(...) *ad summam omnium illa quae delicati reliquimus desideramus, quasi destituti.*

(...) em suma, todas aquelas coisas que por enjoo abandonei, agora as desejo como se delas fora despojado.

Falta-lhe o estímulo poético, os motivos que o inspiraram durante três décadas. Em BÍlbilis deveria acontecer muito pouco.

O resultado foi o livro XII, que, embora escrito em BÍlbilis, está cheio de reminiscências que o poeta guardou da Urbe: um *liber non Hispaniensis... sed Hispanus*.

A alegria proveniente da nova liberdade desvanece-se para dar lugar à saudade da grandeza de Roma, da sua universalidade, que lhe concedera a alegria irrepetível de se sentir romano.³⁸ Marcela, com a sua urbana liberalidade, consegue mitigar um pouco esta saudade,³⁹ mas não por muito tempo: o poeta parece dizê-lo mais por simpatia e gratidão do que por o sentir realmente... De resto não o repete, o que, em Marcial, é significativo. E, durante as longas e solitárias noites bil-

³⁵ 12.68.

³⁶ 10.103.10: *mutauere meas Itala regna comas*; cf. 10.96.2: *Latia factus in urbe senex*.

³⁷ Cf. PAOLI, "Il poeta di Roma vivente", cit. 562.

³⁸ Cf. AUGELLO, "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale": *A L G P* 5-6 (1968-69), 234-270.

³⁹ 12.21.9-10.

bilitanas, ecoam, no espírito do poeta, dois versos, que vão ganhando forma:

*Terrarum dea gentiumque Roma,
cui par est nihil et nihil secundum.*⁴⁰

Ó Roma, deusa das terras e das gentes, / a quem nada se compara nem de perto nem de longe!

Mas o que é que este espírito vário, que só está bem onde não está, deseja da Urbe que perdeu? Por que razão sente tanto a sua falta?

É o que veremos a seguir.

2.2. A terra adoptiva

*Terrarum dea gentiumque Roma (...)
cui par est nihil et nihil secundum*

12. 8. 1-2

Tudo começara trinta e quatro anos antes, quando o jovem Marcial abordou a "grande sereia" arrebatadora.⁴¹ Fora atraído, como tantos outros provincianos, pela fama, que levava até aos extremos do Império as novas de uma vida sedutora e do sucesso de alguns hispanos, como Séneca, Quintiliano, Liciniano ou Lucano. De todas as partes, chegam a Roma forasteiros trazidos pela ambição, à procura de liberdade para usufruírem de uma vida de prazer, para desenvolverem os seus talentos artísticos, para se entregarem às letras... Os hispanos vêm sobretudo para vender a sua eloquência como advogados.⁴²

Marcial chegara a Roma nos últimos anos de Nero, assistira à conjura dos Pisões e teria ficado com certeza fascinado pelo conjunto de edificações urbanas que se fizeram durante a dinastia dos Flávios, sobretudo no reinado de Domiciano. Este facto pode explicar a adulação hiperbólica por parte do poeta,⁴³ que coloca o imperador acima do próprio Júpiter.⁴⁴ Do fascínio que a maior obra dos Flávios, o anfitea-

⁴⁰ 12.8.1-2.

⁴¹ MEDEIROS, "O poeta que buscava um amor": *Biblos* 64 (1988) 5.

⁴² Cf. PAOLI, "Il poeta di Roma vivente" cit. 551-52, e BOISSIER, "Le poète Martial": *Tacite*, Paris, Hachette, 21904, 287-293.

⁴³ Cf., por exemplo, 9.3.

⁴⁴ Cf. AUGELLO, "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale" cit. 234-238.

tro de Tito, exerceu sobre o poeta, resultou o *Liber spectaculorum*, que constitui uma crónica de cem dias de espectáculos que atraíram gente de todo o mundo.

O género epigramático, que Marcial cultiva, leva-o a estar atento ao que se passa à sua volta e a fixar argutamente os mais diversos quadros caricaturais da vida romana. Como já notara Terzaghi,⁴⁵ não se pode dizer que sejam fotografias, porque deste modo se anularia a mão do artista: são antes aguarelas, através das quais vemos a realidade como o poeta a via, com as mesmas sombras e as mesmas luzes, inclusivamente experimentando os mesmos sentimentos de simpatia ou repulsa. É nesses quadros que se manifesta, muitas vezes pela negativa, o seu amor pela Urbe. Segundo Paoli,⁴⁶ o poeta ama Roma como se ama uma mulher e ama-a ainda mais quando censura os seus vícios. Farto das suas traições, pede o divórcio, regressa a BÍlbilis, mas depois sente saudades da traidora.

Como é possível que esta cidade, onde só prosperam os delatores, os caluniadores, os fraudulentos, os traficantes, os devassos e os mestres de gladiadores,⁴⁷ seja uma cidade atraente? Exactamente porque apresenta tantas deformidades é que Roma atrai um poeta epigramático. É nessa babilónia que encontra o estímulo para a criação poética. Assim entendemos o prefácio do livro XII: sem Roma, não existe Marcial. E, graças aos epigramas de Marcial, Roma vive e sobrevive à poeira dos séculos.⁴⁸

Guiados pelos epigramas de Marcial, podemos ainda deambular pelas ruas da Urbe, conhecer a luz e as sombras.

A Urbe é feita de homens e não de deuses. O poeta sai então à rua em busca do homem, e sabe que o encontrou:

*Hominem pagina nostra sapit.*⁴⁹

A minha poesia tem sabor humano.

Os homens são todos diferentes. No entanto, têm características comuns que os permitem agrupar em tipos sociais.

⁴⁵ Cf. NICOLA TERZAGHI, *Storia della letteratura latina da Tiberio a Giustiniano*, Milano, Vallardi, 1934, 257.

⁴⁶ Cf. PAOLI, "Il poeta di Roma vivente" cit. 555.

⁴⁷ 11.66; Cf. 4.5. e 6.50.

⁴⁸ Cf. CASTAGNOLI, "Roma nei versi di Marziale": *Athenaeum* 28 (1950) 67-78.

⁴⁹ 10.4.10.

Abundavam na Urbe os caçadores de heranças, que, na esperança de uma fortuna fácil, se sujeitavam a casar com velhas, se elas estivessem com os pés para a cova: Gemelo quer casar com Maronila, porque ela *tussit*, isto é, está tísica;⁵⁰ e o próprio poeta diz que não quer desposar Paula, porque ela é velha; já queria, se ela fosse mais velha.⁵¹ Mas as mulheres também sabem disso, e Nêvia *tussit* só para atrair o pretendente Bitínico.⁵² Basso gasta a sua potência sexual com amásios à custa do dinheiro da esposa, deixando-a sem aquilo que ela tinha pago com o dote:⁵³ Basso esquece-se que a *mentula* já lhe não pertence: vendeu-a.

A morte de esposas ricas era uma verdadeira fonte de rendimento: Saleiano chora uma esposa que lhe deixou uma fortuna⁵⁴ e Fíleros tem um campo muito rentável, pois já lá sepultou sete mulheres.⁵⁵ Por isso Marula tem medo de ser envenenada.⁵⁶

Mas não são só as velhas ricas as vítimas dos caçadores de heranças. Para conseguirem ser contemplados em testamentos, os *heredipetae* encham de presentes os velhos ricos. Nestes presentes o poeta capta um sussurro: "Morre!"⁵⁷ Alguns, no entanto, saem frustrados: a única herança que Fábio deixou a Bitínico, ao morrer, foi não ter de gastar seis mil sestércios anuais em presentes.⁵⁸ Também Marcial se sente desafortunado porque Numa, moribundo, o nomeia seu herdeiro universal, mas depois melhora.⁵⁹ Catulo diz que o nomeará seu herdeiro, mas o poeta só acredita quando vir isso escrito.⁶⁰ Carino faz tantos testamentos que leva o poeta à ruína: é que sempre que ele faz testamento, Marcial lhe oferece um presente para lhe refrescar a memória.⁶¹

⁵⁰ 1.10.

⁵¹ 10.8.

⁵² 2.26.

⁵³ 12.97.

⁵⁴ 2.65; Cf. 5.37.

⁵⁵ 10.43.

⁵⁶ 12.91; Cf. 4.69.3: *diceris hac factus caelebs quater esse lagona*.

⁵⁷ 8.27. Cf. 11.44. e 11.67.

⁵⁸ 9.8.

⁵⁹ 10.98.

⁶⁰ 12.73.

⁶¹ 5.39. Outros exemplos de caçadores de heranças: 2.76; 4.56; 4.70; 6. 62; 6.63; 7.66; 8.44; 9.48; 9.80; 9.82; 9.88; 10.10; 11.55; 11.83.

Outro grupo social característico da sociedade romana, que não escapa ao olhar crítico do poeta, é formado pelos parasitas, que multiplicam as atitudes bajulatórias até conseguirem um convite para o jantar. Exemplo disso é a *turba togata* que louva a eloquência, não a de Pompônio, mas a do seu jantar.⁶² Vacerra passa horas, e até mesmo todo o dia, sentado nas latrinas públicas, na esperança de um convite para jantar.⁶³ Filão nunca janta em casa: é que, quando não tem convite, não janta.⁶⁴

Mas, se alguns se sujeitam a tudo, na esperança desse convite,⁶⁵ outros há que são imprudentes, como Cântaro, que janta fora e é um crítico maldizente. Ora um parasita não tem liberdade para dizer mal de quem lhe dá com que encher o ventre:

*Liber non potes et gulosus esse.*⁶⁶

Não podes ser livre e ser glutão!

Há também aqueles que são muito requisitados por serem divertidos: exemplo disso é Filomuso. No entanto, o poeta chama-o à razão:

*Nolito nimium tibi placere:
delectas, Philomuse, non amaris.*⁶⁷

Que isso te não suba à cabeça: / divertes os outros, Filomuso, mas não és amado.

O aviso é amargo: e quem sabe se Marcial não estaria a identificar-se com este Filomuso. Também o poeta deveria ser desejado nos banquetes devido ao seu humor; mas sentir-se-ia amado? Trataremos deste assunto no capítulo seguinte.

Roma está cheia dos mais diversos parasitas. Uns fazem-se rogados, mas nunca recusam um convite;⁶⁸ outros roubam comida nos banquetes;⁶⁹ outros ficam sentidos, quando não são convidados;⁷⁰ mas

⁶² 6.48; Cf. 2.14; 2.27; 9.9; 12.82.

⁶³ 11.77.3: *cenaturit Vacerra, non cacaturit.*

⁶⁴ 5.47.

⁶⁵ Cf. 2.72.

⁶⁶ 9.9.

⁶⁷ 7.76.5-6.

⁶⁸ Cf. 2.69; 5.49; 6.51; 8.67; 12.19.

⁶⁹ Cf. 3.23 e 7.20.

⁷⁰ Cf. 2.11; 5.50.

há o caso único de Etão, que é condenado por Júpiter a jantar em casa três noites seguidas, por ter deixado escapar uma ventosidade quando, no Capitólio, fazia as preces ao deus. Depois desta desgraça, sempre que Etão vai ao Capitólio, dirige-se primeiro às latrinas. Mesmo assim, por via das dúvidas, quando chega ao Capitólio, *compressis natibus Iovem salutat*.⁷¹

Para um poeta formado nas virtudes tradicionais da província, a devassidão moral que imperava em Roma era um inspirador objecto de ataque. Marcial descreve quase obsessivamente todos os devassos que encontra. Assim Cota não convida para jantar, senão aqueles com quem toma banho. Marcial admira-se de nunca ter sido por ele convidado e deduz que lhe não agrada nu.⁷² E os banhos são um local revelador de determinadas situações: ouvem-se aplausos nas termas; é o sinal de que entrou a *mentula* de Marão.⁷³ Esta cena lembra outra do *Satyricon* de Petrónio: a dada altura, o sobredotado Ascilto, que está em apuros no banho, vê-se rodeado por uma multidão de admiradores, e é logo socorrido por um cavaleiro (que, devido ao seu estatuto, deveria ser símbolo da *grauitas* romana).⁷⁴ Filomuso observa atentamente os escravos de Marcial no balneário e quer saber por que é que os escravos do poeta são tão lisos de pele e sexualmente tão bem dotados. A resposta é simples e pronta: *Pedicant, Philomuse, curiosos*.⁷⁵

O poeta insurge-se contra Basso pelo facto de só lhe agradarem velhas decrépitas⁷⁶ e mostra-se bastante admirado pelo facto de Apício, apesar de se não queixar nem dizer mal de ninguém, ser considerado um má-língua.⁷⁷ É uma das inúmeras alusões ao *cunnilingium*,⁷⁸ práti-

⁷¹ 12.77.

⁷² 1.23.

⁷³ 9.33.

⁷⁴ Petrónio, 92. Sobre este assunto, cf. DELFIM LEÃO, *As ironias da Fortuna. Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*, Ed. Colibri – FLUC, 1998, 79-80.

⁷⁵ 11.63. Sobre as relações despuadoras entre senhores e escravos, cf. 3.71: *Mentula cum doleat puero, tibi, Naeuole, culus, / non sum diuinus, sed scio quid facias*. Note-se que Marcial condena este tipo de relação homossexual entre senhor e escravo, quando o homem livre assume uma atitude passiva: cf. MARGUERITE GARRIDO-HORY, "La vision du dépendant chez Martial à travers les relations sexuelles": *Index* 10 (1981) 300-306.

⁷⁶ 3.76.

⁷⁷ 3.80.

⁷⁸ Cf. 1.77; 2.84; 3.81; 4.43; 6.26.

ca a que recorre Látara para não ter relações com uma mulher.⁷⁹ Se Marcial acha esta prática aberrante e intolerável,⁸⁰ parece, no entanto, não só tolerar, como até aconselhar a *irrumatio*. Queixa-se, por exemplo, de um tal Paulo que quer que o poeta escreva versos contra Licisca para que ela core e fique irritada. Marcial percebe o truque e responde-lhe à letra: *O Paule, malus es: irrumare uis solus*.⁸¹ Chega a atribuir a esta prática uma função terapêutica ou de recurso. Mévio esforça-se, mas *nec leuat extinctum (...) caput*. O poeta aconselha-o a atacar a boca: aí ressuscita uma *mentula anus*.⁸²

A degradação moral minou o carácter sagrado da família em Roma. Para o poeta uma madrasta que permanece em casa do enteado depois da morte do pai, nunca foi madrasta;⁸³ e certas mulheres, contornando a lei Júlia, encontram no casamento uma forma de tornar legal o que é ilegal.⁸⁴

Impotentes e castrados também não escapam à atenção mordaz do poeta.⁸⁵ A Bético deve castrar-se a cabeça, já que só pela boca é viril.⁸⁶ Caricata é a situação de um eunuco e um velho a contas com uma *sicca puella*⁸⁷ e de um afortunado que tem trinta rapazinhos e trinta rapariguinhas, mas *una est nec surgit mentula*.⁸⁸

Marcial tem um faro apurado para as aberrações sexuais: um pudor exagerado pode ser sinal de práticas vergonhosas.⁸⁹ Na verdade, o nosso poeta parece não suportar os excessos, quer de devassidão, quer de castidade, e, porque conhece a natureza humana, ridiculariza, como suspeitos de hipocrisia, os que se mostram exageradamente íntegros.⁹⁰ Os libertinos têm grande representação na sua

⁷⁹ 11.47.7-8.

⁸⁰ Cf. SULLIVAN, *Martial: the unexpected classic. A literary and historical study*, Cambridge, University Press, 1991, 189-190.

⁸¹ 4.17.

⁸² 11.46.

⁸³ 4.16.

⁸⁴ Cf. 6.7 e 6.22. Com efeito, a lei Júlia proibia quer o adultério, quer a castração dos adúlteros.

⁸⁵ Cf. 2.45; 3.24; 5.41.

⁸⁶ 3.81: *castrandum caput est (...) ore uir es*; cf. 6.26.

⁸⁷ 11.81.

⁸⁸ 12.86.

⁸⁹ Cf. 11.45.

⁹⁰ Cf. 11.103 e 1.24.

obra⁹¹ e fornecem o material para os epigramas obscenos, mas o poeta não se identifica com eles.⁹² É com tristeza que nota a inversão dos valores: quem quiser enriquecer, deve andar com os *cinaedi*.⁹³

Os viciosos de toda a espécie são atacados pelo poeta: Caridemo pela sua sujidade moral,⁹⁴ Édilo por ser sodomita.⁹⁵ O cúmulo dos cúmulos é Zoilo, que não é vicioso, é o próprio vício.⁹⁶

No tocante à masturbação,⁹⁷ o poeta reprova duramente Pôntico, que tem a mão por amante:

Hoc nihil esse putas? Scelus est, mihi crede, sed ingens (...)
Ipsam crede tibi naturam dicere rerum:
*'Istud quod digitis, Pontice, perdis, homo est.'*⁹⁸

Achas que é um coisa de nada? É um crime, acredita em mim, e dos grandes!(...) / Crê que a própria natureza te diz: / – Isso que destróis com os dedos, Pôntico, é um homem!

Outro grupo que Marcial não suporta são os efeminados: Cota quer parecer bonito, *sed qui bellus homo est, Cotta, pusillus homo est*.⁹⁹ Critica asperamente os depilados,¹⁰⁰ aqueles que tingem os cabe-

⁹¹ Só para se fazer uma ideia da extensão do tratamento deste tema, e sem pretender ser exaustivo, cf. além dos epigramas já citados, 1.31; 1.58; 1.83; 1.84; 1.96; 2.17; 2.28; 2.42; 2.47; 2.51; 2.54; 2.60; 2.61; 2.62; 2.63; 2.70; 2.89; 3.26; 3.84; 3.85; 3.88; 3.95; 3.96; 4.39; 4.43; 4.48; 5.61; 6.33; 6.39; 6.54; 6.56; 6.67; 6.70; 6.91; 7.62; 7.70; 9.27; 9.47; 9.63; 9.69; 11.25; 11.30; 11.58; 11.61; 11.70; 11.78; 11.85; 11.88; 11.94; 11.95; 12.16; 12.20; 12.33; 12.35; 12.75; 12.84. As mulheres devassas aparecem pouco representadas neste rol, uma vez que irão ser consideradas em capítulo próprio.

⁹² Cf. 1.4.8: *lasciua est nobis pagina, uita proba*; cf. 11.15: *mores non habet hic meos libellus*.

⁹³ 6.50.

⁹⁴ 6.81.

⁹⁵ 9.57.

⁹⁶ 11.92: *Mentitur qui te uitiosum, Zoile, dicit. / Non uitiosus homo es, Zoile, sed uitium*.

⁹⁷ Cf. J. P. SULLIVAN, *Martial*: cit. 190-191.

⁹⁸ 9.41.3 e 9-10.

⁹⁹ 1.9.2; Cf. 3.63: *Res pertriosa est, Cotile, bellus homo*.

¹⁰⁰ Cf. 2.36; 3.74; 8.47; 12.38.

los¹⁰¹ e os perfumados. Os perfumes *tam bona quam mala sunt*;¹⁰² por isso o poeta adopta uma norma: *Malo quam bene olere nil olere*.¹⁰³

Alguns destes efeminados são libertos que se tornaram novos-ricos.¹⁰⁴ Há um tipo sentado na primeira fila com um anel reluzente, um manto de púrpura, uma toga cuja brancura vence a neve, uma cabeleira que enche de perfume todo o teatro de Marcelo, bem depilado com calçado rico e a fronte coberta de sinais postiços. Mas, se se retirarem os sinais, ficamos a saber quem ele é:¹⁰⁵ os adornos escondem os vestígios da antiga escravatura.

Zoilo é um liberto da pior espécie. Marcial insinua mesmo que é um escravo fugitivo,¹⁰⁶ sem ascendência conhecida, visto ninguém lhe atribuir um pai ou uma mãe.¹⁰⁷ No entanto, conseguiu chegar a cavaleiro.¹⁰⁸ Agora pavoneia-se numa liteira enorme,¹⁰⁹ fica doente para exhibir as suas colchas esplêndidas¹¹⁰ e as suas extravagâncias durante a *cena* chegam a rivalizar com as de Trimalquião no *Satyricon* de Petrónio.¹¹¹ Faz-se rodear de escravos para todos os serviços e não falta sequer um eunuco, para, a um sinal de Zoilo, recolher a urina do patrão, enquanto este continua a beber. Isto tudo à mistura com requintes de mau gosto.¹¹² Por exemplo, traz um anel tão pesado que seria apto para usar nas pernas, não nos dedos;¹¹³ e, durante a *cena*, a pretexto da sudação, levanta-se onze vezes para mudar a *synthesis*. Quem, como o poeta, só tem uma *synthesis*, está sempre fresco...¹¹⁴

¹⁰¹ Cf. 4.36.

¹⁰² Cf. 7.41.

¹⁰³ 6.55.5.

¹⁰⁴ Cf. AUGELLO, "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale", cit. 250.

¹⁰⁵ 2.29.

¹⁰⁶ Cf. 11.54.

¹⁰⁷ Cf. 11.12.

¹⁰⁸ Cf. 3.29: possui os anéis distintivos desta classe.

¹⁰⁹ Cf. 2.81; Filipe (6.84) e Afro (6.77) têm uma atitude semelhante de ostentação.

¹¹⁰ 2.16.

¹¹¹ PETRÓNIO, 32-78.

¹¹² Cf. 3.82.

¹¹³ Cf. 11.37.

¹¹⁴ Cf. 5.79.

A falta de gosto fere a sensibilidade de Marcial. Aniano bebe autêntica zurrapa em uma pátera que é uma obra de arte;¹¹⁵ e Basso bebe por um copo de vidro, enquanto defeca num bacio de ouro.¹¹⁶ Olo revela o seu mau gosto ao apresentar cobertos bons serviços de mesa: assim até o poeta pode oferecer serviços excelentes.¹¹⁷ No que se refere à roupa, Cina inverte as coisas: a toga, que deveria ser nívea, usa-a sórdida, e o calçado, peça menos importante, é mais branco do que a neve.¹¹⁸ Cota, para lhe não roubarem as sandálias, começou a ir descalço para os jantares.¹¹⁹ Com efeito, o calçado era algo de que o cidadão romano se procurava desembaraçar, logo que entrava em qualquer casa.¹²⁰ Depois de um jantar bem bebido, era natural que se verificassem trocas e desaparecimentos por furto.

Mais grave do que estes pequenos incidentes é a glotonaria de certos indivíduos, que chega a ser uma ofensa aos convidados. Ceciliano come cogumelos, enquanto os convidados ficam à espera.¹²¹ Apício é tão guloso, que, depois de arruinado, não podendo suportar a fome e a sede, bebeu – suprema gulodice! – veneno.¹²² A Tuca não basta ser guloso, quer que lho digam e quer parecê-lo.¹²³ Partenopeu tomou um xarope para a tosse e, desde então, não mais deixou de tossir: já não é tosse – comenta Marcial –, é gula.¹²⁴ Falta de elegância é surripiar comida nos banquetes para levar para casa:

*Vllus si pudor est, repone cenam:
cras te, Caeciliane, non uocauit.*¹²⁵

¹¹⁵ 6.92; cf. 10.49: Cota oferece a Marcial vinho mau em copo de ouro.

¹¹⁶ 1.37.

¹¹⁷ 10.54.

¹¹⁸ 7.33.

¹¹⁹ Cf. 12.87.

¹²⁰ Cf. AUGELLO, "Moda e vanità a Roma nella testimonianza di Marziale": *Studi classici in onore di Q. Cataudella*, Catania, Università, 1972, III, 375. Referindo-se ao mesmo Cota, diz o filólogo italiano que ele vai para o jantar calçado, o que seria uma deselegância. Mas, no referido epigrama 12.87.6, afirma-se expressamente: *excalceatus ire coepit ad cenam*.

¹²¹ 1.20; cf., por oposição ao anterior, 7.78.

¹²² 3.22.

¹²³ 12.41.

¹²⁴ 11.86.

¹²⁵ 2.37.10-11.

Se tens alguma vergonha na cara, restitui o jantar; / não foi para amanhã, Ceciliano, que eu te convidei!

A situação é mais indecorosa ainda, se o furto se destina a ser vendido, no dia seguinte, na Suburra.¹²⁶

Há tipos sociais correntes em todas as épocas que não escapam ao olhar trocista de Marcial. O poeta, contrário a toda a casta de excessos, também no vinho se mostra moderado,¹²⁷ e reage contra os ébrios inveterados. Beber vinho *merum*, como faz Sextiliano,¹²⁸ é tão grave para um cidadão romano quanto para nós hoje misturá-lo com água. Panareto urina numa ânfora de vinho vazia e restabelece plenamente o seu conteúdo: é que tinha bebido vinho puro.¹²⁹ Um certo sujeito, dependente do álcool, prefere perder um olho a deixar de beber, como lhe aconselhava o médico,¹³⁰ e Acerra não cheira ao vinho da véspera, porque bebe de manhã.¹³¹ Procilo bebeu uma dezena de copos com Marcial, mas não se esqueceu de que o poeta o convidou para jantar, no dia seguinte. «Não gosto de companheiros de bebida com boa memória!» – diz o poeta.¹³² Polião, pelo contrário, quando bebe toda a noite, promete tudo, mas, pela manhã, não cumpre nada: o conselho do poeta é que beba de manhã.¹³³

Os invejosos constituem outro tipo social que Marcial detesta. O poeta nunca pediu riquezas aos deuses e contenta-se com pouco: mas agora esconjura a pobreza, só para ver o famigerado Zoilo enforcar-se de inveja.¹³⁴ Com Carino é mais moderado: já que ele tem inveja do poeta, este deseja-lhe que também tenha mulas e um campo suburbano.¹³⁵ Mas, num momento de cólera, compõe, contra certo invejoso, um epigrama duríssimo em seis dísticos que começam e

¹²⁶ Cf. 7.20.

¹²⁷ Cf. 12.27.

¹²⁸ Cf. 1.11; 1.26.

¹²⁹ 6.89.

¹³⁰ 6.78.

¹³¹ 1.28.

¹³² 1.27.

¹³³ 12.12. Neste rol de bêbados não falta sequer um *topos* já tratado desde a comédia grega: as velhas beberonas, cf. 1.87; 2.73. Mas o tema será retomado adiante, no juízo sobre a mulher.

¹³⁴ Cf. 4.77.

¹³⁵ Cf. 8.61.

terminam com a expressão: *rumpitur invidia*.¹³⁶ Consegue assim, à custa desta anáfora, resumir os triunfos que teve na vida e provocar ainda mais a inveja daquele *quidam*. E termina o poema de forma explosiva:

Rumpatur quisquis rumpitur invidia.

Estoire todo aquele que de inveja estoirar!

Como poeta que era e com reconhecido êxito em Roma,¹³⁷ Marcial sente a presença funesta de uma praga de recitadores e plagiários.¹³⁸ O mais atacado é Fidentino que recita versos do poeta como seus.¹³⁹ Além disso, recita-os tão mal que os epigramas deixam de ser do poeta para passarem a ser do recitador.¹⁴⁰ Alguns chegam a ser maçadores e inoportunos.¹⁴¹ Paulo é um caso à parte: compra os versos; e pode, por isso, chamá-los seus.¹⁴²

Poetas maus há muitos em Roma e não escapam ao olhar crítico do poeta. Há aqueles que se dizem poetas e, no entanto, nunca escrevem nada¹⁴³ e aqueles que se refugiam em temas mitológicos.¹⁴⁴ Varo, embora faça duzentos versos em um só dia, prudentemente nada recita.¹⁴⁵ O dístico que Marcial dedica a Pontiliano é suficientemente elucidativo acerca da qualidade dos seus versos:

*Cur non mitto meos tibi, Pontiliane, libellos?
Ne mihi tu mittas, Pontiliane, tuos.*¹⁴⁶

Porque é que te não envio, Pontiliano, os meus epigramas? / Para que tu, Pontiliano, me não envies os teus.

¹³⁶ 9.97.

¹³⁷ Cf. 8.61 e 9.97.

¹³⁸ Cf. 1.66.

¹³⁹ Cf. 1.29; 1.53; 1.72.

¹⁴⁰ 1.38: *Quem recitas meus est, o Fidentine, libellus: / sed male cum recitas, incipit esse tuus.*

¹⁴¹ Cf. 1.63; 2.71; 3.18; 3.44; 3.45; 3.50; 4.41; 4.80; 6.41.

¹⁴² 2.20.

¹⁴³ Cf. 4.33; 6.14; 10.102.

¹⁴⁴ Cf. 5.53 e 5.72.

¹⁴⁵ 8.20; Cf. 2.88.

¹⁴⁶ 7.3.

Resposta muito semelhante dá Marcial ao poeta Teodoro, quando este lhe pede os seus *libelli*.¹⁴⁷ E, quando a casa deste ardeu, Marcial achou que foi um crime dos deuses:

*non arsit pariter quod domus et dominus.*¹⁴⁸

porque não ardeu do mesmo modo a habitação e o habitante.

Gálico consulta-o acerca da qualidade dos seus versos e quer saber a verdade, mas às vezes a verdade não é o que se espera ouvir:

*Verum, Gallice, non libenter audis.*¹⁴⁹

A verdade, Gálico, não a ouves com agrado.

Os filósofos também não parecem ser muito gratos ao nosso poeta,¹⁵⁰ que nos apresenta um velho mal vestido cuja cabeleira branca e a barba sórdida cai sobre o peito e que ladra por comida. Pela descrição, parece um cínico, mas *non est hic cynicus*. O que é então? *Canis* «Um verdadeiro cão!».¹⁵¹

Terríveis importunos são os beijoqueiros, implacáveis perseguidores.¹⁵² Roma está cheia deles, desde os mais repelentes, com doenças contagiosas,¹⁵³ até aos mais requintados, que, como Póstumo, dão beijos de meia boca.¹⁵⁴ A situação piora quando têm mau hálito, ao ponto de conspurcarem a comida ou bebida,¹⁵⁵ ou até os perfumes:¹⁵⁶ *facto* que, em alguns casos, é indício de práticas obscenas.¹⁵⁷

¹⁴⁷ 5.73: *Non donem tibi cur meos libellos (...) miraris, Theodore? (...) dones tu mihi ne tuos libellos.*

¹⁴⁸ 11.93. Na tradução tentamos manter, dentro do possível, o jogo de palavras.

¹⁴⁹ 8.76.

¹⁵⁰ Cf. 9.47.7-8: *Tu qui sectarum causas et pondera nosti, / dic mihi, perছি, Pannyche, dogma quod est?* Em 1.24 e 11.56 é feita uma crítica à hipocrisia dos filósofos estóicos.

¹⁵¹ 4.53.

¹⁵² Cf. 11.98 e 7.95.

¹⁵³ Cf. 12.59 e 11.95.

¹⁵⁴ Cf. 2.10; 2.21; 2.22; 2.23.

¹⁵⁵ Cf. 2.15: Hormo, consciente do seu defeito, é por caridade que não bebe à saúde de ninguém; 3.17: depois que Sabídio soprou sobre uma tarte quente, *nemo potuit tangere: merda fuit.*

¹⁵⁶ Cf. 7.94.

¹⁵⁷ Cf. 12.85: o hálito de um *cunnilingus*.

Claro que nem todos são assim: alguns são pessoas importantes, ou como tal se julgam. O poeta não lhes perdoa. Ele que terá conseguido o grau de cavaleiro pela posição social que a sua poesia lhe conferia, não tolera que alguém tente mostrar ser aquilo que não é.¹⁵⁸ Estes vaidosos apregoam as suas riquezas;¹⁵⁹ exigem que os tratem por *dominus*;¹⁶⁰ são palradores e fanfarrões;¹⁶¹ ou falsos espirituosos isentos de graça¹⁶² e chegam a ter atitudes ridículas, como Carisiano que anda vestido a rigor, com toga, durante as Saturnais,¹⁶³ ou Bácsara que se lamenta de não fazer o frio suficiente para ostentar as suas seiscentas capas de lã.¹⁶⁴

Numa sociedade em que as actividades assalariadas e laborais, à excepção da indústria e do grande comércio, são consideradas desonrosas,¹⁶⁵ abundam os arruinados e os pelintras¹⁶⁶ e os leilões públicos são uma natural consequência deste estado de coisas.¹⁶⁷ A situação é de tal ordem que certo cavaleiro, para poder comer, teve de empenhar o anel distintivo da sua classe.¹⁶⁸ Tongílio está doente com febre, mas o que ele tem é uma fome desenfreada.¹⁶⁹ Olo tinha construído uma casinha pobre; agora que perdeu tudo, vai habitá-la.¹⁷⁰ A pobreza existe a cada passo,¹⁷¹ mas por vezes é escondida das formas mais curiosas e inesperadas. Veja-se a argúcia e a ironia do seguinte monóstico:

¹⁵⁸ Cf. 5.38; 5.27; 5.41.

¹⁵⁹ 4.37.

¹⁶⁰ 5.57.

¹⁶¹ Cf. 4.61; 5.35; 9.35.

¹⁶² Cf. 1.41; 6.44.

¹⁶³ 6.24.

¹⁶⁴ 6.59.

¹⁶⁵ Cf. MARACHE, "La poésie romaine et le problème social à la fin du I^{er} siècle: Martial et Juvenal": *IL* 13 (1961) 12-13.

¹⁶⁶ Cf. 1.92.

¹⁶⁷ Cf. 1.85.

¹⁶⁸ 2.57.

¹⁶⁹ 2.40.

¹⁷⁰ 3.48.

¹⁷¹ Cf. 6.94.

*Pauper uideri Cinna uult; et est pauper.*¹⁷²

Pobre, quer parecê-lo Cina; e é mesmo pobre!

Tristemente irónico é também o caso de Mamurra, que, sendo homem de gostos requintados, como não tem posses, se limita a sonhar. Vê e aprecia os artigos que estão à venda. Cansado, às cinco da tarde, compra dois cálices de barro e vai-se embora.¹⁷³ Também Eros, ao ver os vasos e os escravos, chora por não os poder levar para casa.¹⁷⁴

O poeta demonstra simpatia pelo agricultor que, já nessa altura, era mal pago pelo seu trabalho.¹⁷⁵ Pelo contrário, é mordaz e quase cruel nas descrições sórdidas que faz de certas situações de miséria cidadina. Santra corre a um banquete, arrebatada os restos de comida, sobe os duzentos degraus até ao seu quarto e guarda tudo aquilo para no dia seguinte vender.¹⁷⁶ Vacerra está a mudar de casa: a mulher com sete cabelos, a mãe de cabelos brancos e a gigante irmã dele, mais parecem Fúrias emersas da noite. Com eles vão os trastes velhos. Escusa de procurar casa: aqueles trastes ficam bem é debaixo de uma ponte.¹⁷⁷

Mas, na cidade, abundam também os esbanjadores¹⁷⁸ e os devedores e caloteiros,¹⁷⁹ classe em que, por vezes, o poeta se inclui.¹⁸⁰ Abundam também os exploradores, como Luperco, que deixará Cloe nua;¹⁸¹ ou Tuca que quer que Marcial lhe ofereça os livros, para depois os vender;¹⁸² e os gananciosos, como Clito, que celebra o aniversário oito vezes por ano para receber os presentes¹⁸³ e como Policarmo que adoce dez vezes ao ano e, quando melhora, pede os *soteria* (presentes de convalescença) aos amigos. O poeta formula um desejo:

¹⁷² 8.19.

¹⁷³ 9.59.

¹⁷⁴ 10.80.5-6.

¹⁷⁵ Cf. 12.76.

¹⁷⁶ 7.20.

¹⁷⁷ 12.32.

¹⁷⁸ Cf. 3.62.; 5.32. 7.98; 11.66.

¹⁷⁹ Devedores: cf. 2.58; 4.15; 8.37. Caloteiros: cf. 1.75; 2.3; 8.9; 8.10.

¹⁸⁰ Cf. 6.5; 11.76.

¹⁸¹ 4.28.

¹⁸² 7.77.

¹⁸³ 8.64.

*Sit pudor: aegrota iam, Polycharme, semel.*¹⁸⁴

Haja vergonha! Adoece agora, Policarmo, de uma vez por todas!

Mesmo os ricos, como um tal Africano, são gananciosos. Marcial sabe porquê:

*Fortuna multis dat nimis, satis nulli.*¹⁸⁵

A Fortuna dá demasiado a muitos; mas o suficiente, a ninguém.

Porque Marcial é um poeta que depende, em boa parte, da liberalidade de grandes senhores e, porque tem uma filosofia de vida que coloca as riquezas ao serviço do homem, estranha a avareza de certas pessoas.¹⁸⁶ Essa avareza torna-se de mau gosto nos jantares que se oferecem.¹⁸⁷ Caso caricato é o de Cândido, que é avaro em tudo, menos na mulher, visto que a reparte *cum populo*.¹⁸⁸

Na crítica às profissões, sobressaem os advogados e os médicos. Marcial ataca tanto os advogados que se calam,¹⁸⁹ como os que falam de mais, e se perdem em questões meramente retóricas. Tal é o caso daquele advogado que se põe a dissertar sobre Mitridates, a batalha de Canas, as traições de Cartago, Sula, Mário e Múcio, quando a *lis* é somente *de tribus capellis*.¹⁹⁰ A Ceciliano, que pedira o tempo de sete clépsidras para falar, como tem muita sede, o poeta aconselha-o a beber uma clépsidra.¹⁹¹ Zomba de Cascélio, porque é medíocre e nunca mais chega a ser bom orador.¹⁹² A crítica estende-se ainda aos corruptos (Sabelo teve umas boas Saturnais, porque recebeu muitos presentes)¹⁹³ e àqueles que defendem causas sem defesa possível, chegando mesmo a corar.¹⁹⁴ Há ainda aqueles que erraram a profissão,

¹⁸⁴ 12.56.

¹⁸⁵ 12.10.2.

¹⁸⁶ Cf. 1.98; 1.117; 2.78; 2.79; 4.51; 6.20; 6.30; 11.32; 12.53.

¹⁸⁷ Avareza na comida: cf. 1.43; 2.19; 3.12; 11.31. Avareza no vinho que se serve: cf. 3.49; 4.85.

¹⁸⁸ 3.26.

¹⁸⁹ Cf. 1.97; 8.7.

¹⁹⁰ 6.19.

¹⁹¹ 6.35.

¹⁹² Cf. 7.9.

¹⁹³ 4.46.

¹⁹⁴ Cf. 8.17.

como Cípero, um antigo padeiro que defende causas, mas desbarata os lucros: continua, por isso, a fazer pão e a fazer farinha.¹⁹⁵

Segundo Marcial, a advocacia era uma profissão rentável. Já naquela época existiam os maníacos dos tribunais: Gargiliano arrasta um litígio há vinte anos.¹⁹⁶ Um velho e rico amigo, em vez de emprestar os vinte mil sestércios que o poeta lhe pede, aconselha-o a advogar causas.¹⁹⁷

Quanto aos médicos, Marcial olha-os com desconfiança. Um dia estava adoentado, veio um médico com os seus cem discípulos e o poeta foi apalpada por cem mãos gélidas do aquilão: se antes não tinha febre, agora tem.¹⁹⁸ Pior aconteceu a Andrágoras que morreu só de ver em sonhos o médico Hermócrates.¹⁹⁹

Dura é a crítica contra os médicos cujo desempenho tem o efeito contrário do esperado: um certo indivíduo antes era médico, agora é cangalheiro; mas o que faz como cangalheiro, já o fazia como médico.²⁰⁰

Certos médicos aproveitavam a profissão para roubar os doentes. Airosa é a desculpa de um médico surpreendido a subtrair um vasilha a um doente: *stulte, quid ergo bibis?*²⁰¹

Há ainda os médicos devassos. Marcial interpela Caridemo que, embora o saiba, permite que a mulher seja amante do médico: *uis sine febre mori*.²⁰² Bácsara entregou o pénis a um seu rival médico para este o curar; já sabe: ficará *gallus*.²⁰³ E Leda, dizendo-se histérica, declara ao velho marido que precisa de ter relações sexuais, senão morre. Ora não convém sacrificar uma mulher tão jovem:

*Protinus accedunt medici medicaeque recedunt,
tollunturque pedes. O medicina grauis!*²⁰⁴

¹⁹⁵ 8.16. Cf. 12.72: advogado e agricultor.

¹⁹⁶ 7.65.

¹⁹⁷ 2.30. No entanto em 3.38 Marcial apresenta a advocacia e a poesia como fracos remédios, sobretudo se o praticante é um homem *bonus*.

¹⁹⁸ 5.9.

¹⁹⁹ 6.53.

²⁰⁰ 1.47 e 1.30, cf. 8.74.

²⁰¹ 9.96.

²⁰² 6.31.

²⁰³ 11.74.

²⁰⁴ 11.71.

Imediatamente vêm os médicos e vão-se as médicas: / os pés andam pelo ar. Ó medicina de peso!

Outra profissão tratada com comicidade pelo poeta são os barbeiros. Eutrápelo, nome dado por antífrase,²⁰⁵ enquanto se alonga a fazer a barba, outra barba tem tempo de crescer. Antíoco é um barbeiro tão terrível que devia fazer a barba aos pacientes cínicos e estóicos. Inteligente é, entre todos os animais, o bode, que usa barba para não suportar Antíoco.²⁰⁶

Em relação aos comerciantes, há os que roubam os clientes misturando água no vinho.²⁰⁷

E ladrões é coisa que não falta, como aquele Cilício que, não tendo mais nada para roubar num jardim, roubou o Priapo,²⁰⁸ e Hermógenes que provoca a debandada geral ao chegar a qualquer lado: quando vai jantar, nunca leva guardanapo, mas, quando sai, traz sempre um.²⁰⁹

Marcial regista ainda difamadores,²¹⁰ perjuros,²¹¹ falsários,²¹² desonestos,²¹³ hipócritas,²¹⁴ bajuladores,²¹⁵ e pessoas de gostos estranhos.²¹⁶

Há uma série de personagens com traços fisionómicos que Marcial não resiste à tentação de caricaturar: Febo, como tem as pernas em meia lua, pode lavar-se num rício²¹⁷ e apresenta uma cara de quem está a defecar;²¹⁸ Sexto diz -se "engatatão", mas o seu rosto lembra o de um

²⁰⁵ 7.83. *Eutrapelus* significa 'ágil' em grego

²⁰⁶ 11.84; cf. 8.52. Libertina é a *tonstrix* da Suburra que o poeta nos apresenta em 2.17: *Non tondet, inquam. Quid igitur facit? Radit.* «Não barbeia, digo-te eu. Que faz então? Esfola!»

²⁰⁷ Cf. 1.56.

²⁰⁸ 6.72. Precisamente a estátua que deveria guardar o jardim...

²⁰⁹ 12.28. Cf. CATULO, 72.

²¹⁰ Cf. 3.28.

²¹¹ Cf. 4.21; 11.94; 12.90.

²¹² Cf. 8.34; 9.98.

²¹³ Cf. 12.54.

²¹⁴ Cf. 12.70: Apro pregava contra o hábito de beber vinho nos banhos. Depois que recebeu uma fortuna em herança, não consegue regressar sóbrio das termas.

²¹⁵ 5.77.

²¹⁶ Cf. 3.77: Bético só gosta de alimentos apodrecidos.

²¹⁷ 2.35.

²¹⁸ 3.89.

nadador debaixo de água;²¹⁹ Papilo tem uma *mentula* tão longa quanto o nariz: quando ela se levanta, pode cheirá-la;²²⁰ Carino é um sodomita sem traseiro;²²¹ Picente é desdentado;²²² Marino é um calvo cabeludo que cobre a careca com os cabelos longos das têmporas, mas estes voltam ao lugar com o vento;²²³ a cara do poeta Júlio Rufo, no frontispício das suas *Sátiras*, parece-se com o conhecido rosto de Sócrates;²²⁴ e Tongiliano não tem mais nada, além do nariz.²²⁵

Marcial procura lançar ao papel situações que fogem à normalidade e que, por vezes, fazem arrepiar os defensores da moral. Não lhe passou despercebido, por isso, um acontecimento que faria inveja ao século XX: um matrimónio *gay*. Segundo os ritos habituais de um casamento romano, o barbudo Calístrato desposou Afro. Espera-se agora que Afro dê à luz!²²⁶

Marcial deixa-se inebriar e arrastar pela vertigem cidadina. Mas, com o tempo, surge a saturação.

Como poderia um jovem provinciano sem recursos sobreviver nesta cidade? Só havia um caminho: submeter-se à humilhante vida de cliente – era uma instituição e, ao mesmo tempo, a forma mais honrosa de um pobre ganhar a vida.²²⁷ Marcial rende-se a uma prática que juridicamente tem uma origem servil.²²⁸ Mal rompe a aurora, ou ainda antes, lá vai a turba dos clientes, tremebunda de frio, para a *salutatio matutina* ao seu *patronus*.²²⁹ Saúdam-no com o título de *dominus et rex*,²³⁰ na esperança de obterem o prémio do seu sacrifício matinal: a *sportula*. Trata-se de uma pequena quantia em dinheiro, que dá para cem banhos,²³¹ já que estes, como serviço público, custam muito pou-

²¹⁹ 2.87.

²²⁰ 6.36.

²²¹ 6.37.5: *culum non habet, est tamen cinaedus*.

²²² 8.57. Cf. 6.74.

²²³ 10.83. Cf. 5.49; 12.45 e 12.89.

²²⁴ 10.99.

²²⁵ 12.88.

²²⁶ 12.42. Cf. 1.24: um filósofo estóico que *nupsit*.

²²⁷ MARACHE, "La revendication sociale chez Martial et Juvénal" cit. 38-53.

²²⁸ Sobre a origem da clientela vd. AUGELLO, "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale" cit. 259-260, e n.156.

²²⁹ Cf. 9.92.

²³⁰ Cf. 2.68.2; e 10.10.5

²³¹ Cf. 8.42.

co. Depois, acompanham a liteira do patrono pelas ruas ou aplaudem-no no foro; se tiverem sorte, talvez consigam um convite para a *cena*. Em suma, para conseguir sobreviver, o poeta vê-se confrontado com uma série de humilhações diárias.

A subserviência é de rigor. Uma vez Marcial saudou o patrono pelo nome, em vez de o tratar por *dominus*: o lapso custou-lhe cem quadrantes.²³²

De qualquer modo, à exceção dos dias especiais, como o aniversário do patrono, em que a quantia podia aumentar consideravelmente,²³³ a *sportula* mal dava para sobreviver, e o estafado cliente tinha de correr para saudar vários patronos. Cano morreu; Marcial faz o diagnóstico: foi a *sportula* que o matou... porque foi só uma.²³⁴

Mas um dia – que tragédia! – a *sportula*, cuja tarifa remontava a Nero, foi abolida²³⁵ por Domiciano, na sua tentativa de apagar de Roma os traços do imperador deposto.²³⁶ *Centum miselli iam ualete quadrantes* – gritava Marcial desgostoso – *iam salarium dandum est*²³⁷ Túcio, um hispano, que se dirigia a Roma, quando, à entrada da ponte Mílvio, ouviu a notícia da abolição, voltou logo para trás.²³⁸

Esta situação não se deve ter mantido por muito tempo. Mas o certo é que, por vezes, certos patronos se furtavam, como é o caso de Paulo, que se finge doente para deixar os convidados em jejum e não dar a *sportula*;²³⁹ e de Mário, que não dá nem jantares nem presentes e contudo é cortejado por uma turba de clientes – *Eheu! Quam fatuae sunt tibi, Roma, togae!*²⁴⁰ A um tal Afro, regressado da Líbia, que evitava a saudação do poeta, este responde-lhe:

*non uis, Afer, hauere: uale!*²⁴¹

não queres, Afro, os meus bons-dias: adeus para sempre!

²³² 6.88.

²³³ Cf. 10.27.

²³⁴ 1.80.

²³⁵ Cf. 3.60.

²³⁶ Cf. AUGELLO, "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale" cit. 263.

²³⁷ 3.7.

²³⁸ 3.14.

²³⁹ 9.85.

²⁴⁰ 10.19.

²⁴¹ 9.6.

Mandava o protocolo que o cliente fosse de toga, sempre impecável e branca, mas o uso excessivo que dela se fazia e as constantes lavagens depressa a deterioravam. Parténio ofereceu uma toga a Marcial; uma toga excelente, digna do nome do benfeitor. Agora está velha; o poeta já pode dizer: *mea est*.²⁴² Por isso, fica sempre muito agradecido, quando lhe dão uma nova.²⁴³

Esta forma de vida agrada cada vez menos ao poeta, que começa a reagir. Não admite ser cliente de outro cliente²⁴⁴ e não consegue ter a atitude hipócrita de se dizer amigo daquele a quem corteja: das duas uma, ou é cliente ou é amigo.²⁴⁵ Pelo contrário, quando descursa as regras da vida de cliente, é que é mais amigo.²⁴⁶ Assume-se então como um cliente *sui generis*, que, de quando em quando, em vez de se deslocar a casa do patrono para o *haue* matinal, manda o livro como embaixador.²⁴⁷

Marcial dá sinais de cansaço e saturação. Está farto de suportar o frio e a neve²⁴⁸ durante trinta anos.²⁴⁹ Não é o único: Célio, não podendo suportar por mais tempo esta correria matutina e a saudação aos poderosos, fingiu sofrer de gota nos pés. E, à força de simular, acabou mesmo gotoso.²⁵⁰

A vida de cliente é ainda um atentado contra a produção literária do poeta: ocupado em servir Labulo, só escreveu uma página, em um mês.²⁵¹ No fundo é este o seu ofício principal, escrever epigramas. Não serve para enriquecer,²⁵² mas serve para se impor socialmente, tornar-se respeitado junto dos poderosos que reconhecem o valor dos seus versos e ser conhecido nas mais diversas partes do Império.²⁵³

²⁴² 9.49. Sobre o uso da toga: AUGELLO, "Moda e vanità a Roma nella testimonianza di Marziale" cit. 372-374.

²⁴³ 10.73.

²⁴⁴ Cf. 2.18.e 2.32.

²⁴⁵ 2.55.

²⁴⁶ Cf. 10.58.

²⁴⁷ Cf. 1.70; 1.108; 3.4.

²⁴⁸ 10.82.

²⁴⁹ 3.36.

²⁵⁰ 7.39.

²⁵¹ 11.24.

²⁵² Cf. 5.56.

²⁵³ 3.95; 6.64; 7.84; 7.88.

O poeta atinge a exaustão, sente-se *ruptus* e, para isso, não encontra remédio.²⁵⁴ Ou melhor, há um remédio e é a única coisa que ele deseja: dormir.²⁵⁵ Houve mesmo uma altura em que, para não suportar as fadigas da *uana toga*, trocou Roma pelo *Forum Cornelii* (Ímola).²⁵⁶

Através dos epigramas de Marcial percorremos as ruas de Roma, acompanhamos os clientes na saudação matinal, num roçagar de togas apressadas, entramos no foro, subimos ao Capitólio, vamos ao teatro e às termas, somos convidados de vários banquetes e ouvimos muitos poetas, conhecemos as pessoas mais notáveis de então e também as mais pobres, convivemos com algumas cortesãs e entramos na intimidade de algumas alcovas, ouvimos boatos que correm de boca em boca, aprendemos a analisar criticamente as reacções de algumas personagens e, ao anoitecer, regressamos, cansados, à água-furtada no Quirinal,²⁵⁷ àquele espaço exíguo que o poeta partilha connosco para o descanso merecido, após um dia fatigante. E aprendemos muito acerca da alma humana: a poesia de Marcial *hominem sapit*.²⁵⁸

Agora é a hora de dormir. Mas quem é que pode dormir? «Na Urbe o pobre não pode pensar nem dormir» – diz o poeta ao amigo Esparso. Pela manhã, são os mestres-escola, pela noite, os padeiros, os martelos dos artesãos do cobre ao longo do dia, os cambistas que se instalam nas ruas e fazem tilintar as moedas, um batedor de linho da Hispânia, a turba dos fanáticos de Belona cujas procissões são tumultuosas, um naufrago lamentoso que exhibe uma representação pintada do seu naufrágio, um judeu adestrado para a mendicidade, um vendedor de fósforos, os batimentos nos caldeiros para acabar com um eclipse da lua, o próprio riso dos transeuntes nos desperta. Para quem não habita numa *domus*, *ad cubile est Roma*.²⁵⁹

Sempre que o poeta quer dormir, ou esquivar-se aos maçadores e importunos, dirige-se à sua propriedade de Nomento:

²⁵⁴ 10.56.

²⁵⁵ 10.74.

²⁵⁶ 3.4.6

²⁵⁷ Cf. 1.117.6-7: *Longum est, si uelit ad Pirum uenire, / et scalis habito tribus, sed altis.*

²⁵⁸ 10.4.10.

²⁵⁹ 12.57.

*Quid mihi reddat ager quaeris, Line, Nomentanus?
Hoc mihi reddit ager: te, Line, non uideo.*²⁶⁰

Queres saber, Lino, o que me rende o campo de Nomento? / É isto que me rende o campo: fico dispensado, Lino, de te ver.

É aí, no campo, que se liberta quando já não aguenta mais... Aí que recupera as forças e se conforta um pouco no seu sonho da paz de uma vida simples.

2.3. Amor da simplicidade e da paz

*Illa placet tellus in qua res parua beatum
me facit et tenues luxuriantur opes.*

10. 96. 5-6

Foram trinta e quatro anos. Roma entrou no espírito de Marcial. Mas o poeta não esquecia os primeiros tempos de vida passados na pacatez de Bílbilis. No seu espírito gera-se um conflito, uma repulsa pelo tumulto da grande cidade que o não deixa respirar, que o não deixa dormir e, em parte, lhe tira a dignidade, lançando-o na vida servil de cliente. As suas aspirações resumem-se a uma vida frugal onde o supérfluo é desnecessário:

*Vota tui breuiter si uis cognoscere Marci,
clarum militiae, Fronto, togaeque decus,
hoc petit, esse sui nec magni ruris arator,
sordidaque in paruis otia rebus amat.
Quisquam picta colit Spartani frigora saxi
et matutinum portat ineptus haue,
cui licet exuuuis nemoris rurisque beato
ante focum plenas explicuisse plagas
et piscem tremula salientem ducere saeta
flauaque de rubro promere mella cado?
pinguis inaequales onerat cui uilica mensas
et sua non emptus praeparat oua cinis?
Non amet hanc uitam quisquis me non amat, opto,
uiuat et urbanis albus in officiis.*²⁶¹

²⁶⁰ 2.38.

²⁶¹ 1.55.

As aspirações do teu Marco, se as queres em resumo conhecer,/ ó Frontão, ilustre em campanha e honra da toga, /são estas as que persegue: ser o lavrador de um campo seu não muito grande, / pois ama a singeleza do ócio com pequenos rendimentos. / Quem vai admirar as frias pinturas de mármore espartano / e levar, desmotivado, a matutina saudação, / se pode, feliz com os frutos do bosque e do campo, / desdobrar as redes repletas diante do lume / e retirar o peixe saltitante da linha trémula / e extrair os méis doirados de um jarro vermelho, / e se uma caseira bem nutrida lhe enche as mesas toscas / e a cinza não comprada lhe prepara ovos de sua casa? / Não goste desta vida quem de mim não gosta – é o meu desejo; / e que viva pálido entre as obrigações da Urbe.

Ao contrário de muitos outros cidadãos, o poeta trocaria as seduções citadinas por esta vida campestre sem grandes riquezas nem grandes preocupações: agrada-lhe a terra em que uma *parua res* o torna *beatus* e onde *tenues luxuriantur opes*.²⁶²

A "mediania dourada" torna-se para este poeta uma filosofia de vida. Em Roma, pelo contrário, saciar a fome custa caro e o mercado leva à ruína.²⁶³ Além disso, a Urbe não dá saúde a ninguém, até lhe tira a cor do rosto. Apesar de lhe custar separar-se do amigo Domício, o poeta aconselha-o a afastar-se do *urbanum iugum*:

*O quam formosus, dum peregrinus eris!
Et uenies albis non adgnosendus amicis
liuebitque tuis pallida turba genis.
Sed uia quam dederit rapiet cito Roma colorem,
Niliaco redeas tu licet ore niger.*²⁶⁴

Que bela aparência terás, enquanto estiveres fora! / E, quando regressares, não serás reconhecido pelos amigos descorados, / e a turba pálida terá inveja das tuas faces. / Mas Roma roubará rapidamente a cor que a viagem te tiver dado, / mesmo que tu regreses negro com uma tez do Nilo.

Assim a neurastenia provocada pela Urbe encontra expressão eloquente na pena de Marcial.²⁶⁵ Esse ambiente malsão é inimigo da

²⁶² 10.96.5-6.

²⁶³ 10.96.9: *Hic pretiosa fames conturbatorque macellus*.

²⁶⁴ 10.12.8-12.

²⁶⁵ Cf. AUGELLO, "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale" cit. 242.

Musa do poeta.²⁶⁶ Por isso diz ao amigo Lúcio Júlio que lhe pede para escrever *aliquid magnum*:

*Otia da nobis, sed qualia fecerat olim
Maecenas Flacco Vergilioque suo.*²⁶⁷

Dá-me uma vida tranquila, como aquela que proporcionara outrora / Mecenas ao seu Flaco e ao seu Virgílio.

E, para o outono da vida, o poeta deseja as praias de Altino, rivais de Baias:

*Vos eritis nostra requies portusque senectae,
si iuris fuerint otia nostra sui.*²⁶⁸

Vós sereis o repouso e o porto da minha velhice, / se os meus lazes eu os puder usufruir como um direito.

Com a chegada da época balnear, o *jet-set* romano procura as águas de Baias para uns tempos de descanso e devaneio.²⁶⁹ Marcial, pelo contrário, foge ao sol abrasador destas praias, prefere a frescura de Tíbur,²⁷⁰ ou o *otium* na sua casa de campo em Nomento, a sua "praia" eleita:

*hoc mihi Baiani soles mollisque Lucrinus,
hoc uestrae mihi sunt, Castrice, diuitiae.*²⁷¹

Este é para mim o sol de Baias e o suave Lucrino, / estas são para mim, Cástrico, as vossas riquezas.

Longe vai o tempo em que lhe agradava correr para as *laudatae undae*, sem medo de uma longa jornada. Agora agradam-lhe os *faciles recessus* perto da cidade, onde lhe seja permitido gozar a preguiça.²⁷² É de notar que o poeta quer afastar-se da cidade, mas não quer ficar muito longe dela. Talvez já não passe sem ela. Nomento não está muito longe: é fácil regressar. É para lá que o poeta se dirige quando precisa

²⁶⁶ Cf. 11.24.

²⁶⁷ 1.107.3-4.

²⁶⁸ 4.25.7-8.

²⁶⁹ Cf. 1.62; 3.20.19; 3.58.1; 10.14.3.

²⁷⁰ Cf. 4.57.

²⁷¹ 6.43.5-6. Mas em 11.80, para comprazer Flaco, faz o elogio de Baias.

²⁷² 6.43.7-10.

de descansar, ou fazer as suas curas de sono.²⁷³ Nomento é a prefiguração do que será, em última análise, o local de descanso há muito desejado pelo poeta, isto é, BÍlbilis, onde se pode libertar da toga, cultivar um campo seu, dormir até tarde, vingar-se de mais de trinta anos de vigílias.²⁷⁴ Aí encontrará o derradeiro descanso, de acordo com o que tinha desejado:

*sic me uiuere, sic iuuat perire.*²⁷⁵

Assim me agrada viver, assim me agrada morrer.

Obrigado a submeter-se às formalidades hipócritas da vida citadina, o poeta mantém o espírito livre e continua a amar o que é autêntico, o que se não rege por modas nem por protocolos sociais. Marcial ama coisas que servem o fim a que se destinam. É o caso de uma *endromis*, que, sendo um presente modesto, tem muita utilidade no frio de dezembro, quando se transpira nos exercícios físicos.²⁷⁶

Farto dos jantares requintados em casa dos poderosos onde se está submetido à tirania de ouvir recitar volumes imensos e aplaudir sem ter vontade as prepotências de um Zoilo ou Ligurino,²⁷⁷ Marcial oferece a Torânio uma mesa frugal com os amados frutos da terra: alface, alhos, peixe salgado recoberto de ovo, uma couve verde colhida há pouco no fresco horto, um chouriço, favas amarelas com toucinho vermelho. Como sobremesa, uvas secas e peras da Síria, castanhas de Nápoles cozidas em vapor lento. O vinho, o amigo torná-lo-á bom, quando o beber. Se, depois disto, Baco lhe abrir o apetite, há azeitonas, grão-de-bico quente e tremoços secos.

*Parula est cenula, quis potest negare?*²⁷⁸ Sim, não é nada que se assemelhe ao banquete de Zoilo, mas tem contrapartidas de inestimável valor:

*sed finges nihil audiesue fictum
et uultu placidus tuo recumbes;
nec crassum dominus leget uolumen.*²⁷⁹

²⁷³ Cf. 12.57.

²⁷⁴ Cf. 12.18.10-18.

²⁷⁵ 12.18.26.

²⁷⁶ Cf. 4.19.

²⁷⁷ Cf. 3.82; 3.45; 3.50.

²⁷⁸ 5.78.1-22; cf. 9.54; 11.52: *Cenabis belle, Iuli Cerialis, apud me.*

²⁷⁹ 5.78.23-25. Cf. 11.52.16.

Mas não vais precisar de dizer mentiras ou ouvir patranhas, / e reclinar-te-ás em boa paz com a cara de todos os dias; / e o dono da casa não lerá um grosso volume.

E isso é muito para quem está farto dos jantares elegantes e tem saudades das coisas simples. É em nome dessa simplicidade que o poeta recusa o jantar de luxo que um amigo lhe propusera:

*Haec mihi quam possum reddere cena placet.*²⁸⁰

Agrada-me o jantar que posso retribuir.

As riquezas não as deseja e, se as pede, são só para dar presentes aos amigos e para construir.²⁸¹ Prefere a felicidade de uma vida simples com o pouco que tem:

*Me focus et nigros non indignantia fumos
tecta iuuant et fons uiuus et herba rudis.
Sit mihi uerna satur, sit non doctissima coniunx,
sit nox cum somno, sit sine lite dies.*²⁸²

Quanto a mim, agrada-me o lume e um tecto / que se não aborrece com fumos negros, uma fonte viva e uma relva por tratar. / Tenha eu um escravo bem nutrido, tenha uma mulher não muito instruída, / tenha a noite com sono, tenha os dias sem querelas.

Marcial não gosta de heroísmos exagerados: prefere louvar Deciano em vida do que fazer o seu elogio fúnebre;²⁸³ não gosta de ser um *bellus homo*, porque *res pertriosa est*,²⁸⁴ prefere ter saúde para beber uns copos de bom vinho Setino.²⁸⁵ Ao amigo Júlio Marcial propõe uma vida calma onde os prazeres são fruídos com moderação:

*Vitam quae faciant beatiolem,
iucundissime Martialis, haec sunt:
res non parta labore, sed relictas;
non ingratus ager, focus perennis;
lis nunquam, toga rara, mens quieta;
uires ingenuae, salubre corpus;*

²⁸⁰ 12.48.18.

²⁸¹ Cf. 9.22.16: *Vt donem... et aedificem*.

²⁸² 2.90.7-10.

²⁸³ Cf. 1.8. e 6.25: aconselha Marcelino a não se lançar no meio das espadas e dos ferozes dardos.

²⁸⁴ 3.63. Cf. 1.9.

²⁸⁵ Cf. 6.86.

*prudens simplicitas, pares amici;
conuictus facilis, sine arte mensa;
nox non ebria, sed soluta curis;
non tristis torus et tamen pudicus;
somnia qui faciat breues tenebras:
quod sis esse uelis nihilque malis;
summum nec metuas diem nec optes.*²⁸⁶

Os bens que tornam a vida mais feliz, / ó Marcial, modelo de simpatia, são estes: / riquezas não produzidas pelo trabalho, mas herdadas; /um campo não ingrato, um fogo nunca extinto;/ querelas, nunca; toga, raras vezes; espírito sossegado; / vigor inato, corpo saudável; / franqueza prudente, amigos de condição semelhante; / convívio simples, mesa sem artifícios; / noite sem embriaguez, mas livre de preocupações; / um leito não austero, mas sem deixar de ser casto; / um sono que torne breves as trevas; / aceites-te tal como és, sem preferires ser outra coisa; / o último dia, não o temer nem o desejar.

O poeta deixa-se conduzir pela "musa agreste"²⁸⁷ na elaboração dos quadros rústicos. Dá largas à sua sensibilidade expandindo os epigramas com descrições de paisagens paradisíacas. As casas de campo que descreve são jardins de sonho que estimulam a imaginação do leitor.

A vila de Júlio Marcial, grande amigo do poeta, goza do privilégio de ser imortalizada num longo epigrama de trinta e seis versos.²⁸⁸ Quando as composições de Marcial são geralmente muito curtas (chegam mesmo a ter um único verso),²⁸⁹ não deixa de ser sintomático que o poeta se tenha alargado tanto na descrição daquela vila com vista sobre Roma:

*Hinc septem dominos uidere montis,
et totam licet aestimare Romam*²⁹⁰

Daqui se podem ver as sete colinas dominantes / e avaliar Roma em toda a sua grandeza.

²⁸⁶ 10.47. Cf. 5.20.

²⁸⁷ Cf. M. DOLÇ, *Hispania clásica (siglos I a. de J.C. a VII d. J.C.). Literatura hispanorromana: Historia general de las literaturas hispánicas, I: desde los orígenes al 1400*, Barcelona, 1949, 61.

²⁸⁸ Cf. 4.64.

²⁸⁹ Por ex. 8.19.

²⁹⁰ 4.64.11-12.

Com uma vantagem suplementar: pode-se ver toda a cidade sem lhe escutar os rumores.²⁹¹ É como contemplar um quadro em movimento: olhadas dali, as carroças são silenciosas e o sono não é perturbado pelo chiar das rodas ou pelo clamor dos *helciarii*.²⁹²

Impressiona também pela extensão (cinquenta e um versos) e pela profusão de elementos descritivos o epigrama em que o poeta compara a opulenta vila de Faustino em Baias com a pobre vila de Basso nos subúrbios de Roma. A casa de Faustino²⁹³ não tem jardins muito ordenados nem grandes campos:

sed rure uero barbaroque laetatur.

mas goza de um campo autêntico e desadornado.

Ali não falta o trigo nem as provisões para o tempo frio e os animais parecem ter emigrado das bucólicas de Virgílio:

*Truces in alta ualle mugiunt tauri
uitulusque inermi fronte prurit in pugnam. (...)
Auidi secuntur uilicae sinum porci
matremque plenam mollis agnus expectat.*²⁹⁴

Os feros touros mugem no vale profundo / e o vitelo sente na frente desarmada o ardor da luta. / (...) Os porcos, ávidos, vão atrás do regaço da caseira / e o tenro cordeiro espera ansiosamente a mãe prenhe.

Não faltam os animais de capoeira, como gansos, pavões, perdizes, faisões, galos e galinhas ródias e pombas.

Símbolo da prosperidade já antiga desta vila são os *uernae*. Os *rustici salutatores* não vêm de mãos vazias: trazem oferendas que são frutos do seu trabalho. Ao fim do dia, o convívio são das noites rústicas, à volta de uma mesa que o *facilis hortus* torna opulenta:

*Facto uocatur laetus opere uicinus
nec auara seruat crastinas dapes mensa;
uescuntur omnes ebrioque non nouit
satur minister inuidere conuiuiae.*²⁹⁵

²⁹¹ Cf. AUGELLO, "La vita romana testimoniata da Marziale" cit. 242.

²⁹² 4.64. 19-21.

²⁹³ Cf. 3.58.1-44.

²⁹⁴ 3.58. 10-11 e 20-21

²⁹⁵ 3.58.41-44.

Concluído o trabalho do dia, convida-se o alegre vizinho / e a mesa não guarda, por avareza, a comida para o dia seguinte; / todos comem, e o copeiro, satisfeito, / não sabe invejar o convidado ébrio.

Da torre da casa suburbana de Basso só se vêem loureiros, o Priapo não precisa de temer os ladrões, e os comestíveis são comprados na cidade:

*Rus hoc uocari debet, an domus longe?*²⁹⁶

A isto deve chamar-se uma casa de campo, ou uma *domus* afastada da cidade?

Também Marcial tem a sua casa de campo em Nomento²⁹⁷ e outra junto à cidade,²⁹⁸ mas de dimensões exíguas.²⁹⁹

A vida simples de província, para um poeta de origem provinciana, como Marcial, é considerada um ideal em oposição aos requintados costumes da cidade: o *municipalis* Lino tem uma vida pouco dispendiosa – a selva dá-lhe o javali; o campo, a lebre; o bosque, tordos; o rio fornece o peixe e produz o seu próprio vinho; não tem um elegante escravo grego, mas apenas servos rústicos.³⁰⁰

Agradam ainda ao poeta as descrições de actividades ligadas ao cultivo do campo, como a construção de uma estufa para proteger as uvas do frio.³⁰¹

Assim vai o poeta mitigando a dor da ausência de algo que lhe falta. A criação destes quadros rústicos, este amor à vida simples do campo, presa ao cultivo da terra, parece intimamente ligada à saudade da terra natal, que vai crescendo juntamente com a saturação da vida da cidade.

²⁹⁶ 3.58.51.

²⁹⁷ Cf. 7.93; 2.38.

²⁹⁸ Cf. 8.61

²⁹⁹ Cf. 11.18.

³⁰⁰ Cf. 4.66.

³⁰¹ Cf. 8.68.

(Página deixada propositadamente em branco)

3.

DEDICAÇÃO AOS AMIGOS

3.1. O valor da amizade

Hoc non fit uerbis, Marce: ut ameris, ama.

6.11.10

Ao amar a terra onde nascera, Marcial amou, com ela, os seus conterrâneos, alguns deles amigos de infância.¹ Ao amar a Urbe, amou-a nos amigos com quem convivia e de quem sente saudades, quando estão distantes.² Ao amar a vida simples do campo, não a quis fruir egoistamente, antes desejou partilhá-la com os que lhe eram mais caros.³

Dos epigramas de Marcial transbordam continuamente sinais de amizade, desde a mais sublime e louvada até à mais interesseira e, por isso, censurada. À aguda sensibilidade do poeta não passa despercebida qualquer demonstração de amizade, bem como o seu reverso. Muito requerido como era para o convívio com as pessoas ilustres de Roma, sentia a simpatia e a admiração que os amigos lhe dedicavam⁴ e a inveja de que era alvo por parte dos rivais.⁵

Para Marcial, a amizade é partilha: *quas dederis solas semper habebis opes*.⁶ Um rico deve dar muito, enquanto um pobre dá o que pode. Marcial oferece os dons da sua minúscula *chors* a um parente e

¹ Cf. 10.13; 1.6.

² Cf. 10.12.3-6; 7.93; 10.44. 8-10.

³ Cf. 5.20; 10.44; 11.80.

⁴ Cf. M. DOLÇ, *España y Marcial* cit. 67.

⁵ Cf. 9.97.9-10: *Rumpitur inuidia quod sum iucundus amicis, / quod conuiuia frequens, rumpitur inuidia.*

⁶ 5.42.8: .

amigo.⁷ Vestino é um caso de extraordinária amizade, pois, chegado às portas da morte, pediu às Parcas mais uns momentos de vida para se ocupar dos amigos e distribuir por eles os seus bens.⁸

A amizade não obriga a restituir, no caso de não haver posses. É o que o poeta afirma a Ceciliano: não lhe pode devolver o dinheiro, por isso é que lho pede.⁹ De forma semelhante diz a Febo:

*Quid tibi non possum soluere, Phoebe, meum est.*¹⁰

O que te não posso devolver, Febo, é meu!

De qualquer modo, é preferível que Febo diga logo que não empresta a andar indeciso, sem dar um resposta definitiva.¹¹

Um empréstimo entre amigos deve processar-se com base na amizade, não precisa de fiança.¹²

A amizade é convívio. Nada custa mais ao poeta do que ver-se privado da companhia dos amigos. Nónio mora tão perto que Marcial lhe poderia apertar a mão de janela para janela; contudo, nunca o vê:

.....*nec urbe tota
quisquam est tam prope tam proculque nobis. (...)
Vicus Nouio uel inquilinus.
sit, si quis Nouium uidere non uolt.*¹³

Em toda a cidade, / não há ninguém que esteja tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe de mim. (...) / Faça-se vizinho de Nónio, ou co-locatário, / quem não quiser ver Nónio.

Máximo tem tantas residências, que Marcial não sabe onde o encontrar; realmente:

⁷ Cf. 9.54 e 7.91.

⁸ 4.73.

⁹ 6.5. Marcial não parece apreciar muito este indivíduo, que provavelmente aparece com um nome suposto (é a opinião de IZAAC, II, 307); cf. 1.20; 1.65; 1.73; 2.37; 2.71; 2.78; 4.15; 4.51; 6.5; 6.35; 6.88; 7.59; 8.67; 9.70; 11. 42.

¹⁰ 9.102.4.

¹¹ Cf. 6.20. Trata-se de um usurário, objecto de várias críticas e caricaturas: cf. 1.58; 2.35; 3.73; 3.89; 6.57; 9.63; 12.45.

¹² 12.25.

¹³ 1.86.9-10, 12-13.

*quisquis ubique habitat, Maxime, nusquam habitat.*¹⁴

quem mora em toda a parte, Máximo, não mora em lado nenhum.

Assim o poeta cansa-se, muitas vezes em vão, na ânsia de um pouco de convívio com um amigo. Resta-lhe o penoso caminho do regresso.¹⁵ É que Marcial sente que o tempo se esvai sem ser devidamente aproveitado, e Átropos não perdoa: quando damos conta, é tarde de mais.¹⁶

O convívio entre amigos deve ser liberto de toda a espécie de preconceitos; e, para desatar as línguas e estimular a sinceridade, nada melhor, como já diziam os antigos, do que um copo de vinho bebido com moderação:

*Siccus, sobrius est Aper. Quid ad me?
seruum sic ego laudo, non amicum.*¹⁷

Apro está sempre seco, sempre sóbrio. Que me importa a mim? / É assim que eu louvo um servo, não um amigo.

Verdade seja que algumas vezes se pode sentir mais requisitado, para os banquetes, do que propriamente amado. As palavras que dirige a Filomuso – *delectas, Philomuse, non amaris*¹⁸ – poderão ser o espelho do que ele próprio sente. A zombaria neste epigrama é ténue e parece desvanecer-se completamente no lamento final do último verso.

A amizade não é interesseira e antepõe a disponibilidade para os amigos às comodidades próprias. É motivo de grande elogio por parte de Marcial a atitude do seu amigo Quinto Ovídio, que resolveu juntar o seu destino ao de Máximo Cesónio, amigo de Séneca, exilado por Nero:

*hunc Nero damnauit: sed tu damnare Neronem
ausus es et profugi, non tua, fata sequi:
aequora per Scyllae magnus comes exulis isti,
qui modo nolueras consulis ire comes.*¹⁹

¹⁴ 7.73.6.

¹⁵ Cf. 2.5.

¹⁶ Cf. 10.44; 5.20; 1.15.

¹⁷ 12.30. Na tradução tentamos reproduzir o nexa aliterante.

¹⁸ 7.76.6.

¹⁹ 7.44.3-6; cf. 7.45.

Nero condenou-o, mas tu ousaste condenar Nero / e seguir um destino, não o teu, mas de um proscrito: / foste, pelo mar de Cila, como generoso companheiro de um exilado / que, há pouco, quando era cônsul, não quiseras acompanhar.

Realmente Cesónio fora procônsul em África, o que poderia trazer benefícios para aqueles que o acompanhavam.²⁰ Ovídio não quis ser companheiro na fortuna, foi amigo na desgraça, quando o mais comum é acontecer exactamente o contrário.²¹

É bela e serve de modelo a amizade fraterna que une Lucano e Tulo: Lucano pedira sempre aos deuses, contra a vontade do irmão, a graça de morrer primeiro. Assim aconteceu de facto. Marcial exclama:

*esse tuo primo nunc sine fratre cupis.*²²

agora, pela vez primeira, desejas estar sem o teu irmão.

Eis o exemplo de um amor tão forte que, deixando de lado o instinto natural, antepõe a vida de um irmão à sua. É que a amizade verdadeira, na hierarquia de valores do poeta, está acima da própria vida: esta é a mensagem que o poeta deixa expressa em 9. 50, por ocasião do aniversário do amigo Quinto Ovídio, como veremos adiante.

A amizade supera as rivalidades resultantes de uma ascensão na carreira. O poeta sente-se sensibilizado com o epitáfio de dois militares mortos, que, na glória das armas, eram amigos, o que é um caso raro.²³

Mas a estes exemplos de magnanimidade opõem-se os de amizade interesseira, que o poeta não deixa de censurar asperamente. Marcial desconfia da amizade daqueles que a mesa e o jantar tornaram amigos: esses amam as iguarias e não quem os convida. Poderiam ser amigos de qualquer um que os convidasse.²⁴ Esta amizade não sobrevive à prova dos infortúnios, como a de Ovídio por Cesónio. Enquanto se é pobre, os amigos são verdadeiros, porque libertos de toda a cobiça; mas quando se é rico, quem pode saber quais são os verdadeiros ami-

²⁰ Convém lembrar que já Salústio fora acusado, na *Invectiva* pseudociceroniana, de enriquecer à custa da província da Numídia. O que é certo é que, regressado a Roma, construiu um palácio entre o Quirinal e o Píncio, rodeado pelos célebres *horti Sallustiani*, e comprou a casa que fora de Júlio César em Tíbur. Cf. E. PARATORE, *Storia della letteratura latina*, Firenze 1983 (trad. port. 291).

²¹ Cf. 2.24; 4.40.

²² 9.51.6.

²³ 1.93.

²⁴ Cf. 9.14.

gos? Os amigos de Bruto, um velho rico sem descendência, só o querem ver morto.²⁵

Se a amizade não é verdadeira, pode ser superada por tudo o resto. Assim acontece com Lupo, que é pobre para os amigos, mas rico para a amante.²⁶ Ora uma coisa é clara para Marcial: a amizade leva a pôr os bens ao serviço dos amigos, sobretudo nas maiores dificuldades, sem que isso suponha a restituição da quantia emprestada.²⁷ E quando alguém desbarata fortunas em prazeres mesquinhos e não socorre os amigos que estão em dificuldades, Marcial reage com indignação. A cada exemplo de luxúria opõe o poeta uma situação de sofrimento extremo, de modo a provocar a revolta do leitor:

*empta tibi nox est fundis non tota paternis
non sua desertus rura sodalis arat;
splendet Erythraeis perlucida moecha lapillis
ducitur addictus, te futuente, cliens;
octo Syris suffulta datur lectica puellae,
nudum sandapilae pondus amicus erit.
I nunc et miseros, Cybele, praecide cinaedos:
haec erat, haec cultris mentula digna tuis.*²⁸

compraste uma noite, e não foi inteira, com os campos paternos / e um companheiro teu, abandonado, lavra uns campos que não são dele; / resplandece a amante, toda reluzente de pedras eritreias, / e um cliente teu, enquanto tu fazes amor, é levado como escravo por dívidas; / dá-se à menina uma liteira sustida por oito escravos sírios / e um teu amigo será um peso nu dentro de quatro tábuas. / Anda agora, Cíbele, mutila os desgraçados dos maricas! / Este é que era! este! um pénis digno das tuas facas!

A amizade implica sinceridade, mas Marcial mostra-se, por vezes, desconfiado com a aparente franqueza de certos amigos, como Calístrato que, afectando total transparência, confessa ao poeta que é *pericisus*. Mas:

*quisquis narrat talia plura tacet.*²⁹

quem tais coisas conta, muitas mais encobre.

²⁵ Cf. 11.44.

²⁶ Cf. 9.2.

²⁷ Cf. 6.5.

²⁸ 9.2.7-14.

²⁹ 12.35.4.

Marcial ou é amigo, ou não é: não tolera atitudes hipócritas. É um cultor da amizade e mostra o seu enlevo aos amigos do coração; mas, quando não gosta de alguém, não hesita em dizê-lo, sem se alongar em explicações que nada explicam:

*Non amo te, Sabidi, nec possum dicere quare:
hoc tantum possum dicere, non amo te.*³⁰

Não gosto de ti, Sabídio, e não posso dizer porquê: / só isto posso dizer: não gosto de ti.

Na amizade existe uma regra prática: está enunciada em epígrafe, no início deste capítulo. A Marco, que se admira de que o poeta não seja um Pílates ou um Orestes, Marcial faz ver as diferenças que existem entre os dois: Pílates e Orestes partilhavam tudo de igual modo; Marco, pelo contrário, nada partilha com o poeta. Não existe um Pílates sem um Orestes:

*hoc non fit uerbis, Marce: ut ameris, ama.*³¹

Isto não vai com palavras, Marco: se queres ser amado, ama.

Marcial teve um pouco de tudo: amigos do coração que souberam dar e receber; amigos ocasionais que foram variando com as circunstâncias do espaço e do tempo; e falsos amigos que nem souberam dar, nem souberam receber. No meio disto, o poeta vai cantando a alegria do encontro, a amargura do desencontro e, às vezes, a profunda tristeza da ingratidão.

3.2. Os amigos do coração

te tamen ut uideam, duo milia non piget ire;
ut te non uideam, quattuor ire piget.

2.5. 7-8.

Esta forma de conceber a amizade, com princípios quase evangélicos, onde se advoga uma partilha fraternal, ficaria sem fundamento se não se pudesse verificar na prática, na vida do nosso poeta.

³⁰ 1.32. Talvez este denominado Sabídio soubesse a quem o poeta se dirigia. É que não é a única vez que Marcial expressa a sua repulsa por tal indivíduo. E até podemos imaginar por que é que o poeta não gosta dele: talvez por causa do seu mau hábito: cf. 3.17.

³¹ 6.11.10.

Vários são os amigos com quem Marcial gostaria de partilhar a sua vida. Salta à vista um nome, por ser igual àquele por que o poeta é conhecido e, sobretudo, pela intensidade emotiva que transborda dos epigramas em que é mencionado. Trata-se de Júlio Marcial,³² um amigo *in primis*,³³ que não é segundo a nenhum dos companheiros,³⁴ o *iucundissimus Martialis*,³⁵ para utilizar as próprias palavras do poeta. A Júlio Marcial é dedicado o livro sexto³⁶ e provavelmente o terceiro, se admitirmos que se trata do mesmo *Iulius*, já que, ao nome, se segue a expressão *adsiduuum nomen in ore meo*,³⁷ reveladora da amizade que os une e reforçada com o caudal de afecto que parece jorrar de todo o epigrama. Com Júlio Marcial gostaria o poeta de partilhar a verdadeira vida, liberto dos deveres de cliente, com tempo para passear pelas livrarias, pelo Campo de Marte, para gozar a sombra do pórtico e as águas das termas.³⁸ Mas termina o epigrama com esta conclusão triste:

*Nunc uiuit necuter sibi, bonosque
soles effugere atque abire sentit,
qui nobis pereunt et imputantur.
Quisquam uiuere cum sciat, moratur?*³⁹

Agora nenhum dos dois vive para si mesmo, / cada um sente fugir e desvanecerem-se os dias felizes, / que para nós morrem e são contados. / Quem é que, sabendo viver, anda a perder o tempo?

Daí a advertência que o poeta lhe faz:

*gaudia non manent, sed fugitiua uolant.*⁴⁰

as alegrias não permanecem, mas, fugitivas, voam.

³² Júlio Marcial poderá ser um tribuno militar que Tácito menciona duas vezes (*Hist.* 1. 28 e 1. 32), como partidário de Otão; cf. DOLÇ, nota ao epigr. 10.47 in M. V. MARCIAL, *Epigramas selectos*, 165-166.

³³ 6.1.2.

³⁴ 1.15.1: *O mihi post nullos, Iuli, memorande sodales.*

³⁵ 10.47.2.

³⁶ Cf. 6.1.

³⁷ 3.5.4. E quem com este nome poderá ser mais frequente na boca do poeta do que Júlio Marcial?

³⁸ Cf. 5.20.1-10.

³⁹ 5.20.11-14.

⁴⁰ 1.15.8.

Para terminar à maneira horaciana, advogando um verdadeiro *carpe diem*:

*Non est, crede mihi, sapientis dicere: 'Viuum.'
Sera nimis uita est crastina: uiue hodie.*⁴¹

Acredita em mim, não é próprio de um sábio dizer: «Hei-de viver». / É demasiado tardia a vida de amanhã: vive hoje!

Mas viver hoje como? – perguntará Júlio Marcial ao poeta. Este ensina-lhe os princípios de uma vida feliz, vivida com moderação, sem grandes ambições, de maneira a não temer nem desejar o último dia.⁴² Com Júlio Marcial quer o poeta gozar, *si deorum munere hoc detur*,⁴³ as delícias de Baias. Mas para quê, se o amigo tem uma casa de sonho sobre o Janículo que faz lembrar a de Alcínoo? Muitos preferem campos grandes – diz Marcial:

*Dum me iudice praeferantur istis
Iuli iugera pauca Martialis.*⁴⁴

Enquanto, em meu entender, são preferíveis, a essas propriedades, / as poucas jeiras de Júlio Marcial.

Prova da grande estima que o poeta nutre por ele, é o facto de lhe enviar, para a sua biblioteca pessoal, os sete livros *auctoris calamo sui notatos: / haec illis pretium facit litura*.⁴⁵

E, já na quietude de BÍlbilis, Marcial, ao olhar o passado, deixa-se inundar pela saudade e faz o balanço de trinta e quatro anos de convívio com o amigo:

*Triginta mihi quattuorque messes
tecum, si memini, fuere, Iuli.
Quarum dulcia mixta sunt amaris,
sed iucunda tamen fuere plura;
et si calculus omnis huc et illuc
diuersus bicolorque digeratur,
uincet candida turba nigriorem.
Si uitare uelis acerba quaedam*

⁴¹ 1.15.11-12.

⁴² 10. 47. A citação integral e a tradução deste epigrama figuram no capítulo anterior, na parte referente ao *amor da simplicidade e da paz*.

⁴³ 11.80.7.

⁴⁴ 4.64.35-36.

⁴⁵ 7.17.7-8.

*et tristis animi cauere morsus,
nulli te facias nimis sodalem:
gaudebis minus et minus dolebis.*⁴⁶

Trinta e quatro colheitas passei eu / contigo, se bem me recordo, Júlio. / Dessas, as coisas agradáveis andaram misturadas com as amargas, / mas as alegrias foram, apesar de tudo, mais; / e se uma pedrinha aqui e outra ali / formassem grupos distintos de duas cores, / o conjunto das brancas venceria o das mais negras. / Se queres fugir a alguns dissabores / e evitar as tristes mordeduras da alma, / não te tornes demasiado amigo de ninguém: / terás menos alegrias e menos sofrimentos.

Outro grande amigo de Marcial é, sem dúvida, Quinto Ovídio, o *meus Quintus*,⁴⁷ como dirá o poeta. O mesmo Ovídio que, já o vimos, deu provas de grande amizade ao acompanhar Cesónio no exílio: foi assim, para Cesónio, o que este foi para Séneca.⁴⁸ Marcial dedica-lhe um epigrama sobre o envelhecimento do vinho de Nomento.⁴⁹ A amizade também é assim: com o decorrer dos anos, torna-se mais autêntica, a ponto de Marcial preferir o dia do aniversário de Quinto Ovídio ao seu próprio aniversário:

*Hic uitam tribuit, sed hic amicum.
Plus dant, Quinte, mihi tuae kalendae.*⁵⁰

Este deu-me a vida, mas aquele deu-me um amigo. / Mais me dão, ó Quinto, as tuas calendas.

De registar a hierarquia dos valores para o poeta: acima da vida está a amizade – o que equivale a dizer que, sem amigos, não há verdadeira vida.

A amizade traz consigo a boa disposição e o à-vontade para uma brincadeira inocente. Marcial quer oferecer a Quinto um presente. Este proíbe-o. O poeta faz-lhe a vontade, mas acrescenta:

*.....tu mihi, Quinte, dato.*⁵¹

Pois bem, Quinto, dá-me tu o presente.

⁴⁶ 12.34.

⁴⁷ 7.93.3.

⁴⁸ Cf. 7.44 e 7.45.

⁴⁹ Cf. 1.105.

⁵⁰ 9.52.7.

⁵¹ 9.53.4.

A separação é dolorosa, quando o poeta deixa de o ter como vizinho do seu campo de Nomento;⁵² e, quando Quinto está muito tempo ausente, o poeta, saudoso, pede-lhe que regresse ao convívio dos amigos.⁵³ O tempo é fugaz e convida ao *carpe diem*, que, em Marcial, deve ser entendido como fruição da amizade, fonte de *gaudium*. Por isso adverte Quinto Ovídio com palavras de tristeza:

*Gaudia tu differs, at non stamina differt
Atropos atque omnis scribitur hora tibi.*⁵⁴

As alegrias, tu adia-las, mas os fios da vida, não os adia / Átropos, e cada hora fica para ti gravada.

Marcial dá-nos, em 10.48.5, uma relação dos amigos que convidaria para a sua mesa. À cabeça da lista vem Estela, cônsul amigo e protector de Marcial e, também ele, poeta. Dada a posição social que esta personagem ocupa, ficamos com a sensação de que, nos epigramas que lhe são dedicados, há algo de adulatório no louvor, um tanto exagerado, que faz dos versos e do homem.⁵⁵ Parecem, no entanto, sinceras, as formas de tratamento que Marcial usa: *Stella meus* em três epigramas⁵⁶ e *consul meus*,⁵⁷ quando, na quietude de BÍlbilis, envia o seu décimo segundo livro para Roma. Noutra epigrama,⁵⁸ considera-o, juntamente com Flaco, um dos seus melhores amigos.

Quando bem-humorado, Marcial compraz-se em brincar com Estela. O nosso poeta tinha contado em duas folhas, uma maior e outra menor, *leporum cursus lususque leonum*.⁵⁹ Se parecer demasiado repetitivo a Estela, este pode também servir *bis leporem* a Marcial, que o poeta não se importa... Noutra altura, diz que lhe não envia presentes de prata ou de ouro, porque:

*Quisquis magna dedit, uoluit sibi magna remitti:
fictilibus nostris exoneratus eris.*⁶⁰

⁵² Cf. 7.93.

⁵³ Cf. 10.44.

⁵⁴ 10.44.5-6.

⁵⁵ Cf. 1.7; 5.11; 5.12; 8.78; 9.42.

⁵⁶ 1.7.4; 5.11.2 e 5.12.7.

⁵⁷ 12.2.10.

⁵⁸ 9.55.

⁵⁹ 1.44.

⁶⁰ 5.59.3-4.

Quem muito dá, muito espera receber; / com os meus vasos de barro ficarás aliviado de um peso.

A razão por que lhe não envia tordos é para não ofender a turba dos que se julgam os seus melhores amigos.⁶¹ Em 7.36, Marcial conta-nos como Estela lhe enviara telhas para a sua pobre casa de campo. Agora que cobriu a casa, só falta vestir o dono... Brinca ainda com as exigências que este mecenas faz aos seus convidados:

*Lege nimis dura conuiuam scribere uersus
cogis, Stella. Licet scribere nempe malos.*⁶²

Com uma lei demasiado dura obrigas o convidado / a escrever versos, Estela. É claro que se pode escrevê-los maus...

Comentários humorísticos desta sorte supõem uma boa dose de amizade e confiança mútua. O mesmo se pode dizer acerca da referência ao carácter galanteador de Estela antes do casamento.⁶³

A amizade leva Marcial a fazer um voto a Apolo para que o impedidor (*bonus Caesar*) dê a Estela os doze *fasces*, símbolo do consulado.⁶⁴ O voto foi escutado: já em BÍlbilis, Marcial envia o seu último livro ao novo cônsul com as seguintes palavras:

*Ille dabit populo patribusque equitique legendum (...)
clamabunt omnes te, liber, esse meum.*⁶⁵

Ele te dará a ler ao povo e aos senadores e aos cavaleiros (...) / e todos gritarão que tu, ó livro, és meu.

Portanto, mesmo à distância, Estela é uma espécie de procurador literário, que faz a ponte entre o poeta e os seus antigos leitores.

Associado a Estela, com o mesmo grau na hierarquia dos amigos,⁶⁶ surge Flaco. Marcial, queixoso da esterilidade da poesia, dirige-se a ele com estas palavras de grande apreço:

⁶¹ Cf. 9.55.

⁶² 9.89.

⁶³ 6.21.

⁶⁴ Cf. 9.42.

⁶⁵ 12.2.15 e 18.

⁶⁶ Cf. 9.55; 10.48.5. Note-se também que, depois de se dirigir a Estela em 9.89, se dirige a Flaco em 9.90.

*O mihi curarum pretium non uile mearum,
Flacce, Antenorei spes et alumne laris!*⁶⁷

Ó não baixo prémio dos meus cuidados, / Flaco, esperança e filho da casa de Antenor!

Sempre amigo da moderação, aconselha Flaco a evitar os prazeres imoderados de Vénus na ilha cálida de Cipro para onde se dirige, e faz votos para que ela lhe devolva o amigo são e salvo.⁶⁸

A amizade do poeta a Flaco devia assentar na franqueza, ao ponto de permitir confidências sobre o carácter individual de cada um e suas preferências. Talvez sejam resultantes de uma dessas conversas os epigramas em que Marcial se dirige ao amigo para lhe falar das suas preferências amorosas. No que se refere a mulheres, não quer uma demasiado fácil nem demasiado difícil;⁶⁹ também não quer uma magra, que, dos anéis, faça braceletes, nem uma gorda de mil libras.⁷⁰ No que se refere a efebos, faz um descrição de um egípcio de pele muito branca, recatado e com truques feminis, descrição esta que corresponde ao jovem escravo de Flaco.⁷¹ Provavelmente esperaria que Flaco imitasse a atitude que Mecenas adoptou para com Virgílio e lhe oferecesse o escravo que lhe agradava. E Marcial sugere mesmo a Flaco que se tornará um Virgílio, se o amigo lhe der o que deu Mecenas: as riquezas e um Aléxis.⁷²

Nepos é outro dos convidados preferidos de Marcial para jantar.⁷³ O poeta congratula-se com o nascimento da filha do duas vezes vizinho Nepos. Duas vezes vizinho por habitar no Quirinal e também por ter propriedades em Nomento:

*Bis uicine Nepos – nam tu quoque proxima Florae
incolis et ueteres tu quoque Ficelias –
est tibi, quae patria signatur imagine uoltus,
testis maternae nata pudicitiae.*⁷⁴

⁶⁷ 1.76.1-2.

⁶⁸ Cf. 9.90.9-14.

⁶⁹ 1.57.1-2.

⁷⁰ 11.100.

⁷¹ 4.42.

⁷² 8.55.

⁷³ Cf. 10.48.5.

⁷⁴ 6.27.1-4.

Ó duas vezes vizinho Nepos – já que também perto do santuário de Flora / tu habitas e também nas velhas Ficélias –, / nasceu-te uma filha que é a carinha do pai / e o testemunho da castidade da mãe.

É o melhor elogio que se pode fazer a alguém que acaba de ser pai. Marcial aconselha-o a festejar e a abrir umas garrafas antigas, guardadas para os momentos especiais:

*Tu tamen annoso nimium ne parce Falerno
et potius plenos aere relinque cados.*⁷⁵

Tu, no entanto, não economizes demasiado o velho falerno: / deixa-lhe antes as jarras cheias de moedas.

Finalmente um convite a que os próprios pais gozem a vida:

*Caecuba non solos uindemia nutriat orbos:
possunt et patres uiuere, crede mihi.*⁷⁶

Que a vindima cécuba não alimente só os que não têm filhos: / também os pais têm direito à vida, vai por mim.

Outro amigo também citado entre os primeiros, em 10.48.5, pelo nosso poeta, é Júlio Cerial.⁷⁷ Num longo epigrama com reminiscências de Catulo,⁷⁸ Marcial mais uma vez o convida para jantar:

*Cenabis belle, Iuli Cerialis, apud me:
condicio est melior si tibi nulla, ueni.*⁷⁹

Jantarás que é uma beleza, Júlio Cerial, em minha casa; / se não tens compromisso melhor, vem.

Será uma refeição frugal, ao gosto de Marcial, com os frutos da terra. Mas, se for preciso, *mentiar, ut venias* – diz o poeta. Promete então uma ementa tão requintada que até Estela raramente a serviria aos seus convidados, mas que Marcial (bem se compreende) nunca poderia oferecer.⁸⁰ E dá-lhe uma atraente garantia: *nil recitabo tibi*, o que, como já vimos, era algo de insólito para quem estava habituado

⁷⁵ 6.27.5-6.

⁷⁶ 6.27.9-10.

⁷⁷ Júlio Cerial era um imitador de Virgílio, escreveu bucólicas e um poema sobre as guerras dos Gigantes. Plínio dirigiu-lhe uma carta (*Ep.* 2.19).

⁷⁸ Cf. CATULO, 13: *Cenabis bene, mi Fabulle, apud me.*

⁷⁹ 11.52.1-2.

⁸⁰ 11.52.5-15.

aos jantares sociais. Marcial oferece aos amigos a simplicidade e a paz que deseja para si próprio.

Outra personagem, que nos parece estar entre os grandes amigos de Marcial, é Pudente. A ele se refere afectuosamente o poeta com a expressão *meus Pudens*.⁸¹ Marcial é dedicado aos amigos e sente-se comovido quando essa amizade é retribuída. Um pequeno gesto basta, pela grandeza do que exprime:

*Cogis me calamo manuque nostra
emendare meos, Pudens, libellos.
O quam me nimium probas amasque
qui uis archetypas habere nugas!*⁸²

Obrigas-me, Pudente, a emendar os meus escritos / com a pena, pela minha própria mão. / Oh quanto me estimas e me amas, / tu que queres ter os originais das minhas bagatelas!

Pudente seria uma pessoa ilustrada e com conhecimentos de crítica literária, pois, a ele, dirige Marcial alguns comentários acerca da estética dos seus próprios epigramas.⁸³ Além de culto, seria também um homem socialmente importante, pela ascensão na carreira das armas. A actividade militar leva-o a estar ausente. Mais uma vez se manifesta a saudade do amigo distante, quando uma doença surpreende o poeta e o deixa às portas da morte:

*O quam paene tibi Stygias ego raptus ad undas
Elysiæ uidi nubila fusca plagae!
Quamuis lassa, tuos quaerebant lumina uultus
atque erat in gelido plurimus ore Pudens.*⁸⁴

Oh como eu, quase arrebatado a ti para as águas estíguas, / vi as nuvens negras das plagas elísias! / Embora esgotados, os meus olhos buscavam o teu rosto / e na minha boca gélida estava, vezes sem conta, o nome de Pudente.

A saudade leva-o a formular dois votos às Parcas: um, que ele próprio, salvo, possa voltar a ver o amigo, e outro, que o amigo regressasse, não só incólume, mas também promovido com os *pili praemia*.⁸⁵

⁸¹ 4.13.1.

⁸² 7.11.

⁸³ Cf. 4.29 e 7.97.

⁸⁴ 6.58.3-6.

⁸⁵ 6.58.7-10. Cf.1.31.

É belo o epitalâmio que celebra a união de Pudente e Cláudia Peregrina.⁸⁶ Embora se não afaste do conteúdo que é lícito esperar no género, sobressaem os dois versos finais pela incisão e concisão características de Marcial:

*Diligat illa senem quondam; sed et ipsa marito
tum quoque, cum fuerit, non uideatur anus.*⁸⁷

Ame ela o marido, mesmo mais tarde, quando for idoso; e ela própria, ao marido, / também então, quando for idosa, lhe não pareça velha.

Marcial mostra-se sensibilizado e agradecido pela generosa atitude de Cerrínio, que não publica os seus epigramas para não fazer sombra ao amigo:

*Sed tibi tantus inest ueteris respectus amici
carior ut mea sit quam tua fama tibi.*⁸⁸

Mas é tanta a consideração que sentes por um velho amigo, / que a minha fama é, para ti, mais cara do que a tua.

E compara este gesto ao de Virgílio, que não tratou o mesmo género de Horácio, embora pudesse superar as odes de Píndaro, e cedeu a Vário a glória da tragédia romana, ainda que nela o pudesse exceder.⁸⁹ Uma atitude de amizade tão nobre que o coloca acima da vaidade comum dos intelectuais:

*Aurum et opes et rura frequens donabit amicus;
qui uelit ingenio cedere rarus erit.*⁹⁰

Ouro e riquezas e campos, muitos amigos os darão; / quem queira ceder no talento, uma raridade será.

⁸⁶ Cf. 4.13. Têm visto alguns autores neste epigrama um ponto de contacto entre Marcial e S. Paulo. Baseando-se na segunda carta a Timóteo, 4.21, deduzem que Pudente e Cláudia seriam amigos comuns de Marcial e do santo. Cf. M. DOLÇ, *España y Marcial* cit. 68 n. 9, e M. V. MARCIAL, *Epigramas selectos* cit. 116-117, n. a 4.13.

⁸⁷ 4.13.9-10.

⁸⁸ 8.18.3-4.

⁸⁹ Cf. 8.18.5-8.

⁹⁰ 8.18.9-10.

Se Juvenal não menciona Marcial nas suas sátiras, o mesmo não acontece com o nosso poeta nos seus epigramas. Marcial demonstra amizade por Juvenal e fica indignado quando uma língua pérfida tenta lançar a discórdia entre os dois:

*Cum Iuuenale meo quae me committere temptas,
quid non audebis, perfida lingua, loqui?*⁹¹

Tu que tentas inventar querelas entre mim e o meu querido Juvenal, / o que não ousarás dizer, pérfida língua?

Parece sólida a amizade entre ambos e é fundamentada pela comparação com exemplos lendários. Como é seu hábito, Marcial manda ao *facundus Iuuenalis*, pelas Saturnais, nozes que são fruto do seu campo; aquelas que restaram: a outra fruta, deu-a a *mentula luxuriosa* de Priapo às *lasciuae puellae*.⁹²

É ainda a Juvenal que Marcial descreve, num longo epigrama, os encantos da vida sossegada em BÍlbilis, por oposição à agitada vida que o satirista leva em Roma.⁹³ Mas, nessa altura, já os dois amigos estão separados pelo espaço, pela vida e pelas aspirações.

A morte dos amigos, e principalmente a sepultura em terra estrangeira, é algo que comove Marcial. Por isso, sempre que pode, recomenda prudência aos amigos. Adverte Marcelino como *uetus amicus* dele e do seu pai, e mostra total repulsa pelas actividades bélicas, de tal modo que ninguém diria que nasceu nas calendas de Março:

*Bella uelint Martemque ferum rationis egentes*⁹⁴

Que desejem a guerra e o fero Marte aqueles que carecem de juízo.

Marcial não quer que aconteça a Marcelino o que aconteceu a Camónio Rufo, morto na Capadócia. O poeta lamenta-se de ter perdido este amigo, que costumava recitar os seus epigramas de cor, e dedica-lhe versos como oblação devida a um amigo defunto:

⁹¹ 7.24.1-2.

⁹² 7.91.

⁹³ Cf. 12.18.

⁹⁴ 6.25.7. Sobre Marcelino, cf. 3.6: passagem à idade adulta; 7.80 e 9.45: militar em campanha.

*Accipe cum fletu maesti breue carmen amici
atque haec absentis tura fuisse puta.*⁹⁵

Aceita este breve canto junto com o pranto do teu triste amigo / e toma-o como se fosse incenso de quem está distante.

É com grande alegria que festeja o regresso de Gaio Júlio Próculo, um amigo que julgava já falecido. Marcial saboreia agora o facto de já ter desesperado, porque:

*Minus gaudent qui timuere nihil.*⁹⁶

Menos se alegra quem nada temeu.

Não cabendo em si de alegria, o poeta verte o *immortale Falernum* e bebe, à saúde do amigo, tantos copos quantas as letras do seu nome.

Há, no entanto, um amigo que irá lamentar a morte do poeta, e fazer-lhe uma espécie de elogio fúnebre, ainda que moderado: Plínio-o-Moço.⁹⁷ Pelo próprio ficamos a saber que oferecera ao poeta a quantia de que precisava para fazer a viagem de regresso a BÍlbilis. Favor concedido, aliás, como agradecimento pelo elogioso epigrama 10.20 que Marcial lhe dedicara.

São estes os amigos que Roma lhe trouxe, e por quem o poeta alimenta uma maior afeição nos seus epigramas. Mas outros há a quem Marcial se sente ligado por partilhar com eles a mesma pátria hispânica.

Entre estes, figura o poeta Cânio Rufo, natural de Cádiz (*iocosae Gades*).⁹⁸ Cânio honra o epíteto de *iocosae*, atribuído à sua terra natal:

*Dic, Musa, quid agat Canius meus Rufus: (...)
'Vis scire quid agat Canius tuus? Ridet.*⁹⁹

Diz-me, ó Musa, o que faz o meu caro Cânio Rufo. (...) / Queres saber o que faz o teu caro Cânio? Ri-se.

⁹⁵ 6.85.11-12. É clara a influência de CATULO, 101.9: *accipe fraterno multum manantia fletu*, cf. 68. Sobre a morte de Rufo cf. ainda 12.52.

⁹⁶ 11.36.4.

⁹⁷ Ep. 3.21: *Audio Valerium Martialem decessisse, et moleste fero. Erat homo ingeniosus, acutus, acer, et qui plurimum in scribendo haberet et salis et fellis, nec candoris minus. (...) Dedit enim mihi quantum maximum potuit, daturus amplius si potuisset. Tametsi quid potest dare maius, quam gloria et laus et aeternitas?*

⁹⁸ Cf. 1.61.9: *gaudent iocosae Canio suo Gades*.

⁹⁹ 3.20.1 e 21.

O proverbial sorriso do amigo fará até esquecer uma estátua de Pã que se erguia em Tarento:

*Coepit, Maxime, Pana quae solebat,
nunc ostendere Canium Tarentos.*¹⁰⁰

Tarento, que costumava exibir uma estátua de Pã, / começou agora, Máximo, a exibir uma estátua de Cânio.

Este poeta, ao que parece, irresistivelmente divertido¹⁰¹ e extravagante, tanto que lhe apraz a companhia de um sombrio etíope,¹⁰² é mais um dos que Marcial convidaria, de bom grado, para a sua mesa, juntamente com os já citados Estela, Nepos, Cerial e Flaco.¹⁰³ Também à prometida de Cânio, a casta e douta Teófila, dedica Marcial um epigrama encomiástico.¹⁰⁴

Ligado a Marcial pela mesma cidade de origem, está Liciniano, de quem BÍlbilis se gloriará.¹⁰⁵ A ele dirige o nosso poeta um epigrama bucólico a celebrar as riquezas naturais da Hispânia,¹⁰⁶ que, pela formulação, parece ter sido escrito no momento em que Liciniano deixa Roma:

*Videbis altam, Liciniane, Bilbilin,*¹⁰⁷

Irás ver, Liciniano, a alta BÍlbilis.

Todo o epigrama se desenvolve em formas verbais na segunda pessoa do futuro, o que faz supor uma referência à próxima viagem. Dolç identifica este Liciniano com o Lúcio a quem se dirige o poeta em 4. 55, a propósito dos *nostrae nomina duriora terrae*, já referido no capítulo anterior, e funde os dois destinatários no nome único de Lúcio Liciniano.¹⁰⁸

¹⁰⁰ 1.69.

¹⁰¹ Cf. 3.64.5-6

¹⁰² Cf. 7.87.2: *fruitur tristi Canius Aethiope.*

¹⁰³ Cf. 10.48.5.

¹⁰⁴ Cf. 7.69.

¹⁰⁵ Cf. 1.61.11-12: *Te, Liciniane, gloriabitur nostra / nec me tacebit Bilbilis.*

¹⁰⁶ Cf. 1.49.

¹⁰⁷ 1.49.3.

¹⁰⁸ Cf. M. DOLÇ, *España y Marcial* cit. 80-83.

Licínio Sura, conhecido advogado e três vezes cônsul, é mencionado em ligação com Liciniano,¹⁰⁹ o que pode pressupor um grau de parentesco ou grande amizade. Sura, segundo Marcial, interessa-se muito pela poesia.¹¹⁰ O poeta congratula-se sinceramente pelo seu restabelecimento, depois de prolongada doença, e aconselha-o a gozar a vida.¹¹¹

Liciniano e Marcial, juntamente com o jurisconsulto Materno, formam a alta cultura de BÍlbilis. Materno, além de conterrâneo, é um velho amigo do poeta¹¹² e partilha com ele o gosto pela vida do campo, onde se dedica à pesca.¹¹³

Marcial parece consagrar a Lucano, natural de Córdova, e sobrinho de Sêneca, uma veneração que se prolonga para além da morte prematura do poeta épico: ele é único¹¹⁴ e a glória do Hélicon latino.¹¹⁵ Em três epigramas, celebra Marcial o nascimento de Lucano, *uatis Apollinei*,¹¹⁶ como vítima de *Nero crudelis*,¹¹⁷ e como marido de Pola Argentária,¹¹⁸ protectora de Marcial.¹¹⁹

Como Lucano, Quintiliano, *gloria Romanae togae*, parece ser mais admirado do que amado por Marcial. Quando este, em 2.90, faz o elogio do retor, dá a ideia de responder a uma acusação que o orador hispano lhe tivesse feito, ou a um convite a praticar a advocacia. Marcial prefere viver a vida, ainda que pobre.¹²⁰

Ao regressar à Hispânia, Marcial terá dois amigos e protectores: Marcela e Terêncio Prisco. Marcela causa, antes de mais, a admiração do poeta pela pronúncia correcta do latim e pela sabedoria que em nada é inferior à das mulheres nobres de Roma. Não terá sido esposa nem

¹⁰⁹ Cf. 1.49.40: *dum Sura laudatur tuus*.

¹¹⁰ Cf. 6.64.12-15.

¹¹¹ Cf. 7.47.

¹¹² Cf. 10.37.3.

¹¹³ Cf. 10.37.5-8.

¹¹⁴ 1.61.7: *unicum Lucanum*.

¹¹⁵ 10.64.3: *Heliconis gloria nostri*.

¹¹⁶ 7.22.

¹¹⁷ 7.21.

¹¹⁸ 7.23.

¹¹⁹ 10.64.1: se considerarmos o epíteto de *regina* como o feminino do título de (*dominus et*) *rex*, atribuído em geral aos patronos.

¹²⁰ 2.90.3-4: *uiuere quod propero pauper nec inutilis annis, / da ueniam: properat uiuere nemo satis*. Curiosamente, em 1.61, Quintiliano não é mencionado entre as glórias da Hispânia, o que é significativo.

amante de Marcial, mas apenas uma amiga generosa que lhe temperava a saudade de Roma (*desiderium urbis*), porque, para o poeta, ela é a Roma que lhe falta.¹²¹ Marcela ofereceu a Marcial uma casa com um terreno anexo que o poeta diz preferir aos jardins de Alcínoo.¹²²

Prisco é um amigo do poeta ligado aos últimos anos passados em BÍlbilis. A ele dedica Marcial o prefácio do livro doze, composto naquela cidade, por ocasião da chegada do amigo, vindo de Roma; um livro escrito em poucos dias, segundo diz o poeta. Marcial pede a Prisco que, no intervalo das caçadas, conceda um pouco de tempo ao seu livro. Além de amigo, Marcial considera Prisco um mecenas, que lhe dá direito ao ócio e que ousa ser bom em tempos maus.¹²³ A amizade que os une leva Marcial a preocupar-se com a sua segurança e a aconselhar-lhe prudência nas cavalgadas atrás das lebres.¹²⁴

Já em Roma, o poeta elogiara a erudição das páginas de Prisco,¹²⁵ o que faz supor que também ele era um escritor. Nada obsta a que este Prisco possa ser também o amigo de Salonino a quem Marcial dedicara um epitáfio, para celebrar a amizade imortal existente entre os dois.¹²⁶

As amizades de infância marcam as pessoas para sempre. Marcial teve um amigo em BÍlbilis que recorda com saudade em 10.13: trata-se de Mânio:

.. *in terris quo non est alter Hiberis
dulcior et uero dignus amore magis.*

nas terras ibéricas não existe outro / mais doce nem mais digno do verdadeiro amor.

O epigrama termina com um desejo de plenitude na amizade; uma plenitude que abafe a falta de Roma, o que faz lembrar o final do epigrama dedicado a Marcela, já citado:

*Si tibi mens eadem, si nostri mutua cura est,
in quocumque loco Roma duobus erit.*¹²⁷

¹²¹ 12.21.

¹²² Cf. 12.31.

¹²³ Cf. 12.3.

¹²⁴ Cf. 12.14.

¹²⁵ Cf. 9.77. Mas pode acontecer que este Prisco não seja o mesmo. Em resposta à *facunda* dissertação de Prisco acerca do melhor banquete, diz Marcial: *Quod optimum sit quaeritis conuiuuium? / In quo choraules non erit.*

¹²⁶ Cf. 6.18.

¹²⁷ 10.13.5-6, 9.10.

Se tens os mesmos sentimentos, se a nossa dedicação é mútua, /
em qualquer lugar será Roma para os dois.

Unido ao poeta pelo sangue está Único: Único no nome e único no epigrama que lhe é dirigido em 12.44. Uma prova de que a frequência, na obra do epigramista, nem sempre é sinal de maior ou menor apreço. Por detrás destes versos, há a ternura que emerge naturalmente dos laços de sangue:

*Vnice, cognato iunctum mihi sanguine nomen
qui geris et studio corda propinqua meis;
carmina cum facias soli cedentia fratri,
pectore non minor es, sed pietate prior.*¹²⁸

Único, nome a mim ligado por laços de sangue, / que tens um co-
ração próximo do meu pela dedicação, / embora faças versos apenas
inferiores aos do teu irmão, / não é menor o teu engenho, antes o ex-
cedes na ternura.

Único seria também poeta, talvez motivado pelo êxito de Marcial, e era um imitador de Catulo e de Ovídio, digno, como eles, do amor de Lésbia e de Corina. Contudo Único nunca quis sair da terra natal, embora lhe não faltassem os bons ventos do sucesso, se quisesse soltar as suas velas.¹²⁹

Deixámos propositadamente para o fim um amigo por quem Marcial nutre grande amizade e desejo de convívio constante, apesar de nem sempre conseguir gozar da sua presença. Trata-se de Deciano, natural de Mérida: *Decianus meus* – como diz Marcial.¹³⁰ É um homem *raros inter numerandus amicos*¹³¹, que nunca falou aos deuses com palavras ocultas. É digno das antigas lendas das virtudes romanas, como afirma o poeta. Era um estóico convicto e não hipócrita como aqueles, que, sob uma capa de austeridade, levam uma vida de devassidão.¹³²

Para Marcial, Deciano é um digno seguidor de Peto Trásea e de Catão de Útica, os expoentes máximos do estoicismo romano. Por isso, temendo pela sua abnegação e disponibilidade perante a vida e a morte,

¹²⁸ 12.44.1-4.

¹²⁹ Cf. 12. 44.5-8.

¹³⁰ 1.61.10.

¹³¹ 1.39.1.

¹³² Cf. JUV. 2.3 *Qui Curios simulant et Bacchanalia uinunt*.

o poeta pede-lhe que se não atire de peito aberto sobre as espadas, pois prefere louvar um herói vivo.¹³³

O prefácio ao livro segundo revela uma grande familiaridade entre estes dois amigos e parece resultar de uma conversa sobre a utilidade das *epistulae* introdutórias. O poeta acaba por seguir os conselhos de Deciano, que lhe pede que seja lacónico e sintético, para não maçar o leitor com demasiadas palavras: os epigramas bastam. Por isso, se os leitores não chegarem já cansados à primeira página do livro, o mérito é de Deciano!

Esta amizade, que se adivinha profunda, torna-se dolorosa para o poeta, que tem necessidade absoluta da convivência com aqueles a quem mais estima. Quando esse convívio é frustrado pela indisponibilidade do amigo, Marcial rompe num lamento sincero e amargo que revela um espírito carente de companhia:

*Ne ualeam, si non totis, Deciane, diebus
et tecum totis noctibus esse uelim.
Sed duo sunt quae nos disiungunt milia passum:
quattuor haec fiunt, cum rediturus eam.
Saepe domi non es; cum sis quoque, saepe negaris:
uel tantum causis uel tibi saepe uacas.
Te tamen ut uideam, duo milia non piget ire;
ut te non uideam, quattuor ire piget.*¹³⁴

Possa eu rebentar, Deciano, se não quereria estar contigo / todos os dias e todas as noites. / Mas são dois mil os passos que nos separam; / tornam-se quatro mil, quando regressar. / Muitas vezes não estás em casa; e, quando estás, muitas vezes te negas, / ou apenas porque advogas causas ou porque, muitas vezes, guardas para ti o tempo livre. / Para te ver, andar dois mil passos, não me pesa; / para te não ver, andar quatro mil, é que me pesa.

Como acabamos de verificar, Marcial deixa-se enlevar pela amizade e expande os seus epigramas com notas do mais profundo sentimento em relação aos amigos que tem mais próximos do coração. Perante os exemplos atrás apresentados, difícil será não sentir neles o coração do poeta, ou negar que os seus sentimentos não sejam sinceros.

¹³³ 1.8.

¹³⁴ 2.5.

3.3. Os amigos de circunstância

Extra fortunam est quidquid donatur amicis:
quas dederis solas semper habebis opes.

5. 42. 7-8.

Muitos foram os amigos ocasionais que a vida ofereceu ao poeta. Os nomes misturam-se e confundem-se de tal modo que será difícil apresentar uma enumeração exaustiva. Ninguém recorda com precisão todos os amigos que foi encontrando e que foram importantes em determinado momento, mas que depois a vida afastou. Fica apenas uma recordação, acaso uma saudade, a curiosidade de saber onde estão, ou a esperança de um dia os tornar a ver.

O poeta, em determinada altura, recomenda os seus versos a Quinciano e pede-lhe que censure um plagiário amigo dele, que usa, como seus, os versos de Marcial.¹³⁵ Em 5.18, expõe ao amigo a sua teoria acerca dos presentes das Saturnais e explica-lhe a razão pela qual lhe enviou apenas versos feitos em casa: não foi por ser *auarus* ou *inhumanus*. É que o poeta odeia *dolosas munerum malas artes*.¹³⁶ E mais:

*Quotiens amico diuiti nihil donat,
o Quintiane, liberalis est pauper.*¹³⁷

Sempre que não dá nada a um amigo rico, / ó Quinciano, o pobre é generoso.

Fusco tem amigos de toda a parte; o poeta pede lugar para mais um. Ser um amigo novo não é motivo para recusar: todos os velhos amigos já foram novos; e um novo, com os anos, pode tornar-se um velho amigo.¹³⁸ Mais tarde, já Marcial o considera um amigo, pois pede a Fusco uma crítica sincera, por mais dura que seja, aos seus versos.¹³⁹

A Próculo, Marcial envia o seu livro para o saudar. Descreve o caminho até chegar à casa do amigo e tranquiliza o seu livro mensageiro:

¹³⁵ Cf. 1.52.

¹³⁶ 5.18.6.

¹³⁷ 5.18.9-10.

¹³⁸ Cf. 1.54.

¹³⁹ Cf. 7.28.

*Hanc pete. Ne metuas fastus limenque superbum:
nulla magis toto ianua poste patet,
nec propior quam Phoebus amet doctaeque sorores.*¹⁴⁰

Dirige-te para a casa. Não temas o luxo ou um umbral arrogante: / não há porta que esteja mais aberta do que toda esta, / e nenhuma que Febo e as suas doutas irmãs amem mais de perto.

No treno à morte do centurião Varo, junto ao Nilo, mais uma vez vem ao de cima a comoção pelos amigos prematuramente mortos longe do lar. O poeta imortaliza-o com pungentes versos:

*Hospita Lagei litoris umbra iaces.
Spargere non licuit frigentia fletibus ora
pinguia nec maestis addere tura rogis.
Sed datur aeternum uicturum carmine nomen.*¹⁴¹

Como sombra estrangeira da praia dos Lágides, jazes. / Não me foi permitido banhar com lágrimas o teu rosto frio, / nem juntar o espesso incenso à triste pira. / Mas é-te dado um nome que viverá, eterno, neste canto.

Outro epítáfio é dedicado a Cornélio Fusco, comandante dos pretorianos de Domiciano, que foi morto numa expedição contra os Dácios, pouco antes de estes se submeterem:

*Grande iugum domita Dacus ceruice recepit
et famulum uictrix possidet umbra nemus.*¹⁴²

O Dácio recebeu o poderoso jugo sobre a cerviz domada / e a sombra vencedora domina um bosque submisso.

Mas o poeta sabe ser reconhecido aos amigos que estão vivos. Manda um epigrama a Apolinar, porque que ele *amore flagrat* pelas suas *nugae* e, graças à sua aprovação, os versos estão livres de críticas.¹⁴³ Manda-lhe também uma rosa com votos de longa vida:

*I, felix rosa, mollibusque sertis
nostri cinge comas Apollinaris.*

¹⁴⁰ 1.70.13-15.

¹⁴¹ 10.26.4-7.

¹⁴² 6.76.5-6. Cf. JUV., 4.112 e TÁC., *Hist.* 2.86; 3.42; 4.4.

¹⁴³ 7.26. Cf. 4.86; 11.15.

*Quas tu nectere candidas, sed olim,
sic te semper amet Venus, memento.*¹⁴⁴

Vai, feliz rosa, e com suaves coroas, / cinge, do nosso Apolinar, a
cabeleira. / E, de a cingir, um dia, mesmo branca, / não te esqueças;
assim Vénus te ame sempre.

A Césio Sabino, leitor e correspondente de Marcial, envia-lhe o poeta uma grinalda.¹⁴⁵ Outro gesto simples, mas que ganha valor na amizade.

O poeta revela um alma necessitada de reconhecimento, mesmo ao nível da sua poesia. Dos amigos, espera uma leitura interessada dos seus epigramas. Por isso se mostra ressentido com Severo que, embora insista para que Marcial publique, mal leu duas páginas, guarda o livro e demora três dias a lê-lo por inteiro.¹⁴⁶ Fica, pelo contrário, satisfeito com aqueles que demonstram apreciar os seus versos. Agradecido, o poeta immortaliza os seus devotos nos epigramas. É o caso de Norbano, legado de Domiciano na Germânia Inferior, que, em campanha na Vindelícia, ouvia ler Marcial por um récio e dizia: *Meus est iste poeta, meus.*¹⁴⁷ Pompeio Aucto não é um leitor, mas um livro,¹⁴⁸ pela forma como retém os versos e os lê contra tudo e contra todos. Não pode passar despercebido o sentimento expresso neste epigrama, o que lhe dá um carácter sério, apesar da toada amena de toda a composição. Curiosamente, a parte mais emotiva do epigrama não se situa no final, mas a meio da composição:

*Denique, si uellet, poterat scripsisse uideri;
sed fama mauult ille fauere meae.*¹⁴⁹

Em suma, se quisesse, poderia parecer que foi ele que os escreveu,
/ mas ele prefere favorecer a minha fama.

Se gosta que os amigos leiam e apreciem imediatamente os seus versos, também não poupa elogios aos poetas amigos, mesmo que às

¹⁴⁴ 7.89. 10.30: descrição da vila de Apolinar em Fórmias.

¹⁴⁵ 9.60. Cf. 7.97; 9.58; 11.8; 11.17.

¹⁴⁶ 2.6. Cf. 5.80. Marcial envia a Severo ovos e mel do seu campo suburbano: cf. 7.49.

¹⁴⁷ 9.84.8.

¹⁴⁸ 7.51.6: *non lector meus hic, Urbice, sed liber est.* Cf. 7.52.

¹⁴⁹ 7.51.9-10.

vezes se deixe cegar pela amizade ou pelo interesse. É o caso de Sílio Itálico:

*Iam prope desertos cineres et sancta Maronis
nomina qui coleret pauper et unus erat.
Silius optatae succurrere censuit umbrae,
Silius et uatem, non minor ipse, colit.*¹⁵⁰

Junto das cinzas quase solitárias e do sacro nome / de Marão, estava um pobre homem que as venerava, e era o único. / Sílio decidiu acudir à sombra querida / e Sílio venera o poeta, quando ele próprio não é menor.

Também a Cástrico dedica versos elogiosos, para concluir:

*Tam mala cur igitur dederim tibi carmina, quaeris?
Alcinoos nullum poma dedisse putas?*¹⁵¹

Porque é que te ofereci versos tão maus? Queres saber? / Julgas que ninguém deu frutos a Alcínoo?

Os amigos que, por qualquer razão, estão distantes, são cantados com saudade pelo poeta. Arcano partiu para Narbona para administrar a justiça e exercer a magistratura. Marcial manda-lhe o livro *nondum politus*. Juntamente com o lamento da sua saudade, expressa a vontade de o rever:

*Quam uellem fieri meus libellus!*¹⁵²

Como eu desejaria transformar-me no meu próprio livro!

Faz ainda o elogio das qualidades morais do amigo Mácer, legado em Salona, na Dalmácia, e deseja ser por ele lido de parceria com os poetas antigos: que ele o considere segundo apenas em relação a Catulo.¹⁵³

A vida tranquila, num recanto bucólico, é um sonho de Marcial. Este compraz-se em verificar que Márrio é *quietae cultor et comes*

¹⁵⁰ 11.50; cf. 11.48. Outras menções: 4.14; 7.63; 9.86 (esta última por morte de um filho).

¹⁵¹ 7.42.5-6.

¹⁵² 8.72.9.

¹⁵³ Cf. 10.78.

uitae.¹⁵⁴ Com a mesma alegria celebra os quinze anos de matrimônio feliz de Caleno com a poetisa Sulpícia.¹⁵⁵

Beber falerno pode ser também uma forma de saborear a vida e vivê-la intensamente. Marcial exorta Líber, *amicorum dulcissima cura*, a coroar-se de flores e a beber aquele famoso vinho.¹⁵⁶

Um sinal de amizade pode ser um presente. Um presente é motivo para compor um epigrama de gratidão. Assim acontece quando a carta do eloquente amigo Marco vem acompanhada de uma toga.¹⁵⁷ Com efeito, as dádivas de um amigo têm, para o poeta, inestimável valor. Todos os bens materiais são efêmeros: o dinheiro pode ser roubado; a casa paterna pode arder; um devedor pode negar capital e juros; os campos podem não fazer germinar a semente lançada à terra; uma amante pode espoliar o mordomo; os navios podem naufragar com as mercadorias e, num momento, se perde tudo. Há apenas uma riqueza segura:

*Extra fortunam est quidquid donatur amicis:
quas dederis solas semper habebis opes.*¹⁵⁸

Livre da roda da fortuna está tudo o que aos amigos se oferece: / só as riquezas que tiveres dado as há-de conservar para sempre.

3.4. Os falsos amigos

Mecum eris ergo miser; quod si deus ore sereno
adnuerit, felix, Candide, solus eris.

2. 24. 7-8.

Marcial sente verdadeira mágoa com as manifestações de falsa amizade. É sob a capa de um nome falso que as censura. Convidou quatro vezes Dentão para jantar e este disse que não. Ele, que ainda há pouco procurava o poeta nas termas, nos teatros e nas festas. Mas ago-

¹⁵⁴ 10.92.1.ss

¹⁵⁵ 10.38; cf. 10.35.

¹⁵⁶ 8.77.

¹⁵⁷ Cf. 10.73. Marco António Primo ama os versos de Marcial (cf. 9.99.) e o poeta celebra os setenta e cinco anos saudáveis e honestos do amigo (cf. 10.23 e 10.32.).

¹⁵⁸ 5.42.7-8.

ra foi conquistado, como um cão, por uma mesa mais sumptuosa. Este é um daqueles que, como o seu nome sugere, ama os petiscos e não quem o convida.¹⁵⁹ No entanto, Marcial sabe que uma pessoa assim não atrai grandes e duradouras amizades:

*Iam te, sed cito, cognitum et relictum,
cum fastidierit popina diues,
antiquae uenies ad ossa cenae.*¹⁶⁰

Mas, em breve, conhecido e abandonado, / quando a tasca rica se tiver fartado de ti, / voltarás aos ossos do antigo jantar.

Por outro lado, o poeta mostra-se ofendido quando não é convidado para um jantar ou quando é preterido por outros.¹⁶¹ Porém alguns convites são interesseiros: Sexto, enquanto ele e o poeta não eram amigos, convidava sempre Marcial para o seu aniversário; agora que são amigos, jamais o convida. A razão é que Marcial nunca lhe deu nenhum presente, e Sexto convida os presentes, não os amigos.¹⁶² Ou então, convida só para que o convidem também.¹⁶³ Mas Sexto não fica por aqui. Ele que é conhecido como *uetus sodalis* do poeta, quando pressente que este lhe vai pedir dinheiro, começa a sussurrar, mas de modo que Marcial ouça, que não tem dinheiro nenhum em caixa. Diz-lhe o poeta:

*Durum est, Sexte, negare, cum rogaris.
Quanto durius, antequam rogeris!*¹⁶⁴

É duro, Sexto, recusar, quando se pede. / Quanto mais duro recusar, antes que se peça!

Sexto exige de Marcial um tratamento de subserviência, como cliente. Ora isto não é compatível com a amizade:

*Vis te, Sexte, coli: uolebam amare.
Parendum est tibi. Quod iubes, coleris.
Sed si te colo, Sexte, non amabo.*¹⁶⁵

¹⁵⁹ Cf. 5.44.

¹⁶⁰ 5.44.9-11.

¹⁶¹ Cf. 3.27.

¹⁶² 7.86.

¹⁶³ Cf. 4.68.

¹⁶⁴ 2.44.11-12. Sexto (ou alguém com nome semelhante) é, afinal, um caloteiro: cf. 2.3; 2.13.

¹⁶⁵ 2.55.

Tu queres, Sexto, ser cortejado; eu queria ser teu amigo. / Vou obedecer-te. Já que assim mandas, serás cortejado. / Mas, se te cortejo, Sexto, não posso ser teu amigo.

Um amigo, se é amigo, não se prestará às tarefas que Cândido exige. Por isso Marcial lhe manda um liberto, que é mais eficaz: tem força para levar a liteira, enquanto Marcial se limitaria a segui-la; afasta a multidão, aplaude ruidosamente as arengas de Cândido e defende-o nos litígios, enquanto o poeta ficaria calado. Marcial reserva para si, como amigo, aquilo que um liberto não pode fazer.¹⁶⁶ Mas Cândido não se mostra digno dessa amizade. Prometera acompanhar o poeta na desgraça e, se ele fosse condenado ao exílio, iria com ele. Todavia, quando enriqueceu, esqueceu a velha amizade:

*Mecum eris ergo miser; quod si deus ore sereno
adnuerit, felix, Candide, solus eris.*¹⁶⁷

Comigo estarás, portanto, apenas na miséria, / mas, se um deus, com rosto benigno, / te favorecer, Cândido, serás feliz sozinho.

Do mesmo modo Póstumo, enquanto pobre e cavaleiro, era como um cônsul para Marcial; agora que é poderoso, abandonou o poeta.¹⁶⁸ Além disso, apregoa aos quatro ventos tudo o que deu ao poeta. Marcial responde com versos de fecho gnómico, como é, por vezes, seu hábito:¹⁶⁹

*Non belle quaedam faciunt duo: sufficit unus
huic operi. Si uis ut loquar, ipse tace.
Crede mihi, quamuis ingentia, Postume, dona,
auctoris pereunt garrulitate sui.*¹⁷⁰

Não é bonito fazer certas coisas a dois: basta um / para esta tarefa. Se queres que eu fale, tu cala-te. / Vai por mim, Póstumo, as dádivas, mesmo que sejam enormes, / perdem o valor pela tagarelice do seu autor.

¹⁶⁶ 3.46.

¹⁶⁷ 2.24.7-8. Cândido é a contradição em pessoa: o que apregoa com os lábios não lhe vai na alma. Passa a vida a dizer que se deve pôr tudo em comum, mas tem tantas riquezas e não dá nada a um *uetus sodalis*: 2.43; cf. 3.26.

¹⁶⁸ Cf. 4.40.

¹⁶⁹ Cf. FRANCISCO-JAVIER MATEU ARESTE, "Formas de proyección del enunciado gnómico en Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial*, 131-139.

¹⁷⁰ 5.52.5-8.

Uma pessoa como Marcial, para quem a amizade é sinónimo de dádiva, fica magoada quando os amigos poderosos se não apercebem das suas necessidades. BÁCARA está sempre a dizer ao poeta *si quid opus*, mas ouve o usurário chamar o poeta com voz áspera e não sabe do que ele precisa; ouve pedirem-lhe o dinheiro da renda e não sabe do que ele precisa; ouve o poeta queixar-se de que as suas roupas estão velhas e não sabe do que ele precisa. Nestas condições, de que precisa realmente o poeta?

*Hoc opus est, subito fias sidere mutus,
dicere ne possis, Baccara: 'si quid opus'.*¹⁷¹

Só preciso disto: que de repente um raio te torne mudo, / para não poderes dizer, BÁCARA: “Se precisares de alguma coisa...”

Postumiano começou por dar muito ao poeta – quatro libras de prata –, mas, de ano para ano, o valor dos presentes vai diminuindo, até que já lhe não dá nada. Marcial pede-lhe que volte às quatro libras.¹⁷² Com a desculpa de que está triste, Atenágoras deixa de enviar presentes a Marcial: com isto, põe também triste o poeta.¹⁷³ Labulo dá presentes tão fracos que, embora pense que é um homem bom, é apenas o melhor dos maus.¹⁷⁴

Como sabemos, Marcial era um apreciador de bom vinho, que gostava de beber com os amigos. Fica ofendido com Cota, porque este bebe um vinho velho cor de ametista e lhe oferece, em copo de ouro, um releis vinho novo, de chumbo.¹⁷⁵ Muna já não vem a Roma há muito tempo, para não ter de beber o vinho que envia aos desgraçados dos amigos ao preço de um falerno ou de um sécia.¹⁷⁶

Os amigos na alegria devem sê-lo também na infelicidade. Se o poeta cai doente, espera a visita assídua dos amigos. Opiano visita-o só uma vez, para cumprir a obrigação. A resposta não se faz esperar:

*Vidisti semel, Oppiane, tantum
aegrum me male: saepe te uidebo.*¹⁷⁷

¹⁷¹ 7.92.9-10.

¹⁷² Cf. 8.71. Também Sexto manda presentes de menor valor: cf. 10.57.

¹⁷³ Cf. 8.41.

¹⁷⁴ Cf. 12.36.

¹⁷⁵ Cf. 10.49.

¹⁷⁶ Cf. 10.36.

¹⁷⁷ 8.25.

Uma vez apenas, Opiano, me vieste ver / quando estive muito doente; pois eu irei ver-te muitas vezes.

Telesino, que é um ricaço, julga-se um amigo generoso do poeta porque lhe emprestou dinheiro:

*Mutua quod nobis ter quinquagena dedisti
ex opibus tantis, quas grauis arca premit,
esse tibi magnus, Telesine, uideris amicus.
Tu magnus, quod das? Immo ego, quod recipis.*¹⁷⁸

Porque me emprestaste três vezes cinquenta mil sestércios, / de tantas riquezas que o teu pesado cofre comprime, / parece-te, Telesino, que és um grande amigo. / Tu és grande amigo porque emprestas? Amigo sou eu – porque te restituo.

Afinal Telesino é um interesseiro que cobiça o campo de Marcial:

*Cum rogo te nummos sine pignore, 'Non habeo', inquis;
idem, si pro me spondet agellus, habes.
Quod mihi non credis ueteri, Telesine, sodali,
credis coliculis arboribusque meis.
Ecce reum Carus te detulit: adsit agellus.
Exilii comitem quaeris: agellus eat.*¹⁷⁹

Quando te peço dinheiro sem penhor, “Não tenho!”, respondes; / mas se der por fiança o meu campinho, já tens. / A confiança que não depositas em mim, que sou um velho amigo, / deposita-la, Telesino, nas minhas hortaliças e nas minhas árvores. / Ora aqui está Caro que te leva a tribunal: o meu campinho te assista. / Procuras um companheiro para o exílio: o meu campinho vá contigo.

Por detrás do chiste adivinha-se a mágoa de um poeta que amou os seus amigos e nem sempre foi compreendido. Teve amigos leais, outros não souberam ou não quiseram corresponder à sua dedicação. Marcial não teria grandes riquezas para dar, como ele próprio admite, e, por outro lado, exigia muito. Isto podia ser mal compreendido: muitos o consideraram ingrato e dele se afastaram. Mas, na verdade, o poeta apregoava uma amizade sincera. Dava aquilo que tinha, a sua única riqueza, a sua poesia,¹⁸⁰ e alguns epigramas são verdadeiros hinos à amizade.

¹⁷⁸ 3.41. Telesino enriqueceu à custa dos *cinaedi*: cf. 6.50.

¹⁷⁹ 12.25.

¹⁸⁰ Cf. 5.18; 7.17.

(Página deixada propositadamente em branco)

4.

OS AMORES VOLÚVEIS

4.1. As preferências do poeta

Illud quod medium est atque inter utrumque probamus:
nec uolo quod cruciat nec uolo quod satiat.

1. 57. 3-4.

Os amigos são um consolo quando a alma é carente; por isso neles coloca Marcial todo o seu enlevo. Mas o poeta olha para grandes vates do passado e conhece a razão da sua grandeza: foi Cíntia quem tornou Propércio um verdadeiro poeta; Licóris foi fonte de inspiração para Galo; Némesis deu a fama a Tibulo; e Lésbia ditava os versos a Catulo. Marcial sente que algo lhe falta:

*Si dare uis nostrae uires animosque Thaliae
et uictura petis carmina, da quod amem.*¹

Se queres dar vigor e alma à minha Talia / e pedes versos imortais, dá-me algo que eu possa amar.

Aquele *quod* é, em si, tão vago que poderia envolver um universo complexo e variado de afectos: mas o próprio poeta imediatamente o restringe ao mundo das *puellae* e dos efebos. Além disso, fica sugerida a busca de uma dedicação exclusiva e duradoura ao objecto amado.

Em relação às mulheres, Marcial tem uma ideia clara do que pretende:

*Qualem, Flacce, uelim quaeris nolimue puellam?
Nolo nimis facilem difficilemque nimis.
Illud quod medium est atque inter utrumque probamus:
nec uolo quod cruciat nec uolo quod satiat.*²

¹ 8.73.3-4

² 1.57. A tradução procura manter o homeoptoto *cruciat... satiat*.

Queres saber, Flaco, qual rapariga quero e qual não quero? / Não quero uma demasiado fácil, nem demasiado difícil. / O que está no meio e entre os dois géneros, é o que eu prefiro: / não quero o que tortura, nem o que satura.

Quer uma mulher que resista, mas não eternamente,³ e não gosta de consortes muito instruídas.⁴

Em termos físicos, a justa medida mantém-se:

*Habere amicam nolo, Flacce, subtilem,
cuius lacertos anuli mei cingant. (...)
Sed idem amicam nolo mille librarum:
carnarius sum, pinguiarius non sum.*⁵

Não quero, Flaco, uma amante esquelética, / a quem os meus anéis sirvam nos braços. (...) / Mas também não quero uma amante de mil libras: / gosto de comer carne, não gosto de comer gordura.

O desejo de simplicidade, tão procurado por Marcial, também se aplica na sua relação com as mulheres.⁶ No amor não há preconceitos sociais:

*Ingenuam malo; sed si tamen illa negetur,
libertina mihi proxima condicio est.
Extremo est ancilla loco: sed uincet utramque,
si facie nobis haec erit ingenua.*⁷

Prefiro uma mulher de nascimento livre; / no entanto, se ela me for negada, / a condição seguinte é que seja liberta. / Em último lugar vem a escrava: mas passará à frente de uma e outra, / se tiver para mim o rosto de uma livre.

No que diz respeito a cortesãs, prefere-as de baixa extracção, e sem grandes exigências:

*Hanc uolo quae facilis, quae palliolata uagatur;
hanc uolo quae puero iam dedit ante meo.*⁸

³ 4.81.

⁴ 2.90: *sit non doctissima coniunx*; cf. 11.19.

⁵ 11.100.1-2 e 5-6.

⁶ Cf. L. PEPE, *Marziale*, Napoli 1950, 86-87.

⁷ 3.33.

⁸ 9.32.1-2; 2.49: *Vxorem nolo Telesinam ducere: quare? / Moecha est. Sed pueris dat Telesina. Volo.*

Quero a mulher fácil que circula vestida de pálio; / quero a que já se deu antes ao meu escravo.

A mulher deve ser simples, não andar excessivamente perfumada.⁹ Para haver harmonia no casal, também não deve ser mais rica que o marido:

*Vxorem quare locupletem ducere nolim
quaeritis? Vxori nubere nolo meae.
Inferior matrona suo sit, Prisce, marito:
non aliter fiunt femina uirque pares.*¹⁰

Porque é que eu não gostaria de casar com mulher rica? / – que-rem saber? Não quero ser esposa da minha mulher. / A esposa, Prisco, deve ser inferior ao seu marido: / não há outra forma de mulher e homem se tornarem iguais.

Salvo em horas de divertimento, Marcial não aprova a devassidão; dá mais valor à castidade do que à beleza:

*Formosissima quae fuere uel sunt,
sed uilissima quae fuere uel sunt,
o quam te fieri, Catulla, uellem
formosam minus aut magis pudicam!*¹¹

Mais formosa entre quantas existiram ou existem, / mas mais vil entre quantas existiram ou existem, / oh quanto eu desejaria que te tornasses, Catula, / menos formosa ou mais casta!

Mas está longe de afectar atitudes de puritano: não esqueçamos que o poeta gosta de um leito que, sem deixar de ser casto, seja despido de austeridade.¹²

E dá mais valor à modéstia do que à beleza ou riqueza:

*Bella es, nouimus, et puella, uerum est,
et diues, quis enim potest negare?
Sed cum te nimium, Fabulla, laudas,
nec diues neque bella nec puella es.*¹³

⁹ Cf. 3.55.

¹⁰ 8.12.

¹¹ 8.54.

¹² 10.47.10: *non tristis torus, et tamen pudicus.*

¹³ 1.64.

És bela, já sabemos, e donzela, é verdade, / e rica, quem o pode negar? / Mas quando te gabas demasiado, Fabula, / não és nem rica, nem bela, nem donzela.

Numa sociedade onde proliferam os divórcios, e os casamentos se multiplicam, Marcial mostra especial admiração pelas mulheres que são esposas de um só marido. Assim neste epítáfio, de fecho libertino, endereçado a uma anónima:

*Contigit et thalami mihi gloria rara fuitque
una pudicitiae mentula nota meae.*¹⁴

Coube-me em sorte uma rara glória do tálamo: e foi / um só o membro conhecido da minha castidade.

No que diz respeito aos efebos, Marcial descreve Amazónico, um escravo egípcio de pele clara que pertencia ao seu amigo e protector Flaco.¹⁵ Como nota I. Lana, esta descrição do jovem escravo corresponderia mais a uma tentativa de agradar ao gosto dos senhores romanos do que propriamente às tendências do poeta.¹⁶

Também o elogio de Hilo, o belo *minister* de Afro, e a crítica ao ciúme do patrão não passa de uma forma indirecta de lisonja, em que o escravo chega a ser comparado a Ganimedes.¹⁷ A descrição elogiosa de Téstilo é para agradar ao poeta Vocónio Víctor, para quem o seu jovem escravo era um Aléxis.¹⁸

É verdade que Marcial fala por vezes destes jovens como se de um amor verdadeiro se tratasse: queixa-se da inconstância do amor de Hilo, que se tornou um homem barbado;¹⁹ e expõe as contradições do amor em relação a Díndimo:

*Insequeris, fugio; fugis, insequor. Haec mihi mens est:
uelle tuum nolo, Dindyme, nolle uolo.*²⁰

¹⁴ 10.63.7-8. O epítáfio é obviamente fictício e até burlesco: note-se o contraste entre a "nobreza" da toada geral e o vulgarismo cru *mentula*. O poeta parece manifestar assim o seu cepticismo em relação à fidelidade das mulheres, mesmo das mais austeras; cf. 1.62: Levina foi Penélope para Baías e voltou Helena.

¹⁵ 4.42.

¹⁶ Cf. I. LANA, "Marziale poeta della contraddizione" cit. 245.

¹⁷ 9.25. Marcial não gosta de fazer uso da mitologia (4.49); mas algumas vezes se serve dela para agradar a protectores poderosos; por vezes faz paródia mitológica (5. 55; 5. 72).

¹⁸ 7.29.

¹⁹ 4.7.

²⁰ 5.83. Cf. 10.42.

Persegues-me, fujo; foges, persigo-te. É assim o meu coração: / o teu querer, não o quero; o teu não querer, Díndimo, é o que eu quero.

Há até alusões de sadismo em relação a Diadúmeno.²¹ Mas Marcial parece estar, acima de tudo, a seguir um *topos* que já vem da *Antologia Palatina*. Além disso, as referências aos escravos favoritos estão carregadas de reminiscências literárias. Um caso flagrante é a imitação do carme 5 de Catulo: com a expressão *basia da nobis* se dirige o poeta a Diadúmeno,²² a Telésforo,²³ e, de forma análoga, a Díndimo.²⁴ Outra fonte é a bucólica II de Virgílio:²⁵ o Mantuano tem um Aléxis; Vocónio, um Téstilo; e Marcial, um Jacinto.²⁶

Embora Marcial admita a homossexualidade dentro de certos limites, não é muito de crer que estes epigramas reflectam o sentir de Marcial e é duvidoso que manifestem uma bissexualidade real do poeta. Parecem-nos demasiado artificiais; e muitos deles servem apenas a arte pela arte, sem qualquer outro fim.²⁷ É escasso, para mais, o número destas composições, se comparado com os inúmeros epigramas dedicados às mulheres.

4.2. As vozes insistentes

Saturnalia transiere tota,
nec munuscula parua nec minora
misisti mihi, Galla, quam solebas.

5. 84. 6-8.

Marcial, como Catulo, tentou cantar uma Lésbia que tinha o cabelo mais louro do que uma nórdica.²⁸ Mas esta mulher é uma desa-

²¹ 5.46.

²² 6.34.1.

²³ 11.26.3.

²⁴ 11.6.14: *Da nunc basia, sed Catulliana*.

²⁵ Cf. 7.29; 8.55; 8.73.

²⁶ 8.63.

²⁷ Cf. 11.8. É admitida a homossexualidade masculina quando o homem livre assume uma actitude activa; a homossexualidade passiva é fonte de degradação e, por isso, objecto de invectiva por parte do poeta: cf. M. GARRIDO-HORY, "La vision du dépendant chez Martial à travers les relations sexuelles": *Index* 10 (1981) 298-315.

²⁸ 5.68.

vergonhada que não resguarda os actos íntimos e faz amor *incustoditibus et apertis liminibus*;²⁹ uma depravada que bebe água depois de *fellare*;³⁰ tem uma *facies imperiosa* que inibe o pénis do poeta;³¹ é tão provida de nádegas que tem problemas para se sentar e para se levantar;³² é velha, embora o não admita;³³ e nunca se dá grátis... porque costuma pagar.³⁴

Como Cornélio Galo, também Marcial tentou cantar uma Licóris que terá sido uma antiga chama para o poeta. Mas tempo e beleza são inimigos:

*Femina praeferri potuit tibi nulla, Lycoris;
praeferri Glycerae femina nulla potest.
Haec erit quod tu: tu non potes esse quod haec est.
Tempora quod faciunt! Hanc uolo, te uolui.*³⁵

Mulher nenhuma te pôde exceder, Licóris. / Exceder Glícera, mulher nenhuma agora o pode. / Esta há-de ser o que tu és; tu não podes ser o que esta é. / O que o tempo faz! A esta, desejo-a; a ti, desejei-te.

Glícera é agora muito formosa,³⁶ Licóris está velha, todas as suas amigas já morreram,³⁷ é desdentada e negra;³⁸ tenta por todos os meios ficar branca, mas em vão.³⁹ Embora seja *lusca*, no entanto vê bem: ama um rapazinho que é um autêntico Ganimedes.⁴⁰

Lésbia, Licóris e Glícera são nomes célebres pelos versos que inspiraram, mas, para Marcial, transformaram-se em desilusão.

²⁹ 1.34.

³⁰ 2.50.

³¹ 6.23.

³² 11.99.

³³ 10.39.

³⁴ 11.62: *Lesbia se iurat gratis numquam esse fututam. / Verum est. Cum futui uult, numerare solet.*

³⁵ 6.40.

³⁶ Cf. 11.40.1.

³⁷ 4.24.

³⁸ 1.72.3-6.

³⁹ Cf. 4.62; 7.13.

⁴⁰ 3.39.

Diverso parece ser o caso de Gala. A insistência com que o seu nome surge não passa despercebida ao leitor. Através da análise dos epigramas mais significativos, tentaremos encontrar, pela negativa ou pela positiva, os reflexos de um possível amor.⁴¹

No início da relação, Gala parece ser uma mulher bastante sedutora que vai iludindo o coração do poeta com repetidas delongas e artifícios:

*Das numquam, semper promittis, Galla, roganti.
Si semper fallis, iam rogo, Galla, nega.*⁴²

Nunca dás, prometes sempre, Gala, a quem te pede. / Se andas sempre a iludir, peço-te agora, Gala, diz que não.

E o jogo continua entre sugestões que prometem muito e um esquivar-se desencorajador:

*Cum faciem laudo, cum miror crura manusque,
dicere, Galla, soles: 'Nuda placebo magis';
et sempre uitas communia balnea nobis.
Numquid, Galla, times ne tibi non placeam?*⁴³

Quando louvo o teu rosto, quando admiro as tuas pernas e as tuas mãos, / costumás dizer, Gala: 'Nua, hei-de agradar-te mais!' / Contudo evitas sempre que tomemos banho juntos. / Então, se calhar, Gala, temes que eu te não agrade?

Sentindo-se requestada, Gala faz exigências acima das possibilidades do poeta. Este começa a mostrar uma certa impaciência:

*Cum dare non possim quod poscis, Galla, rogantem,
multo simplicius, Galla, negare potes.*⁴⁴

Já que não posso dar o que me pedes, Gala, em troca dos meus rogos, / muito mais simplesmente, Gala, podes dizer que não.

Também Marcial desejava, talvez, mais do que ela queria conceder, e acaba confuso, sem saber bem o que esperar:

⁴¹ Cf. MEDEIROS, "O poeta que buscava um amor": *Biblos* 64 (1988) 11.

⁴² 2.25.

⁴³ 3.51.

⁴⁴ 3.54.

*Volt, non uolt dare Galla mihi; nec dicere possum,
quod uolt et non uolt, quid sibi Galla uelit.*⁴⁵

Gala quer, não quer dar-se a mim; e não posso dizer, / já que quer e não quer, o que é que Gala quer.

Gala mantém o jogo das esquivanças; Marcial compreende – e até aprova a tática... se não for dilatada:

*Galla, nega: satiatur amor, nisi gaudia torquent.
Sed noli nimium, Galla, negare diu.*⁴⁶

Gala, diz que não: cansa-se o amor, quando o prazer não é acompanhado de tortura. / Mas, Gala, não digas que não por demasiado tempo.

Mas quem primeiro esquece aquela relação é Gala. O tempo corre veloz: o *puer tristis* já abandonou o jogo das nozes e regressa às aulas,⁴⁷ e o poeta espera ainda um sinal. Com amargura percebe que ele não virá. A tristeza do *puer* é assumida pelo sujeito poético. Magoado com a atitude de Gala, Marcial percebe a verdade dos seus sentimentos e implicitamente admite-os (o que não é habitual neste poeta em relação às mulheres). Sentindo-se desdenhado, o poeta espera um oportunidade de vingança: o amor ferido dará lugar ao ressentimento.

O epigrama 5.84 mostra, em nosso entender, o reflexo claro de um sentimento que foi rejeitado. É a chave para a compreensão de todos os epigramas dirigidos a Gala e o ponto de charneira entre o que sobre ela escreveu nos livros anteriores e nos livros que se seguem. Trata-se de um momento significativo nesta relação amorosa: até então houve uma gradação ascendente, a partir de agora começará o declínio de Gala e do amor do poeta:

*Saturnalia transiere tota,
nec minuscula parua nec minora
misisti mihi, Galla, quam solebas.
Sane sic abeat meus December:
scis certe, puto, uestra iam uenire
Saturnalia, Martias Kalendas.
Tunc reddam tibi, Galla, quod dedisti.*

⁴⁵ 3.90.

⁴⁶ 4.38.

⁴⁷ 5.84.

Os dias das Saturnais já lá vão todos / e nem pequenos presentes
nem lembranças menores / me enviaste, Gala, como era teu costume.
/ Pois que decorra assim o meu dezembro: / sabes certamente, assim o
julgo, que estão a chegar as tuas / Saturnais, as calendas de março. /
Então te devolverei, Gala, o que me deste.

Depois deste epigrama – o último, por sinal, do livro V –, vem o silêncio: um silêncio magoado que se prolonga até ao livro VII.

Agora o discurso muda de tom e toma uma feição negativa na descrição dos defeitos e infortúnios de Gala, com os quais o poeta quase se parece regozijar. Surgem então os ataques duros e muitas vezes deselegantes.

Marcial compraz-se em expor um defeito íntimo de Gala, o que é uma forma crua de tornar público o tipo de relação que existiu entre ambos:

*Accessi quotiens ad opus mixtisque mouemur
inguinibus, cunnus non tacet, ipsa taces (...)
Cum sonat hic, cui non mentula mensque cadit?*⁴⁸

Sempre que para o acto me preparo e nos movemos, / com as viri-
lhas misturadas, a tua vagina não se cala, enquanto tu própria te ca-
las. / (...) Quando a dita parte faz barulho, a quem é que não descai o
membro e a vontade?

Gala não parece ter sido muito afortunada na sua vida matrimo-
nial. Cedo nos aparece a chorar um marido morto, embora o faça às
escondidas.⁴⁹ Decerto porque se envergonhava dos seus muitos adul-
térios. Outros casamentos se sucedem, mas sem grande êxito: casou
com seis ou sete maridos, todos eles *cinaedi*, porque, nos tempos que
correm, *difficile est uero nubere (...)* *uiro*.⁵⁰ E, depois de fazer o fune-
ral a sete maridos, casou com Picentino, um homem perigoso, a avaliar
pelas palavras de Marcial: *sequi uult, puto, Galla, uiros*.⁵¹ Chega
mesmo ao ponto de nem o marido nem o amante lhe reconhecerem o
filho: *Hi, puto, non dubie se futuisse negant*.⁵² Ela é uma péssima mãe

⁴⁸ 7.18.5-6 e 12. Pior do que isso: Gala vende a cumplicidade do seu silêncio a um preço mais alto que a própria *fellatio* (9.4).

⁴⁹ 4.58.

⁵⁰ 7.58.

⁵¹ 9.78.

⁵² 10.95.

que já antes deixara morrer os filhos à fome para comprar um amante com um grande dote.⁵³

Agora Gala está velha, com pouco cabelo, desdentada e sem respeito pelo seu corpo decadente:

*et te nulla mouet cani reuerentia cunni,
quem potes inter auos iam numerare tuos.
Promittis sescenta tamen; sed mentula surda est,
et sit lusca licet, te tamen illa uidet.*⁵⁴

e não te move nenhum respeito aos cabelos brancos do teu sexo, / que já podes contar no número dos teus avós. / Prometes montes de delícias, mas o meu membro é surdo, / e, embora tenha um olho só, consegue ver-te bem.

Marcial recorda como ela começou por exigir um preço elevado, que por acaso nem era excessivo para a sua valia. Com o tempo foi baixando o preço e, com ele, baixou o interesse do poeta; até que:

*Inferius numquid potuit descendere? Fecit.
Dat gratis, ultro dat mihi Galla: nego.*⁵⁵

Será que pôde descer mais baixo? Fê-lo. / Já se dá de graça: Gala dá-se de livre vontade a mim. Pois eu não quero.

Chegou a altura de o poeta devolver a Gala o que ela lhe não deu nas Saturnais. Talvez Gala já se mostre mais acessível, mas a hora da paixão passou. Além disso, Gala nem sequer se inclui dentro das preferências do poeta, que é inimigo das mulheres doutas. Caso encerrado:

*Quaeris cur nolim te ducere, Galla? Diserta es.
Saepe soloecismum mentula nostra facit.*⁵⁶

Queres saber por que não quero casar contigo, Gala? Tens eloquência a mais. / E o meu pénis dá muitos erros de gramática.

Talvez possa dizer-se, com as devidas reservas, que – como Catulo teve uma Lésbia; Cornélio Galo, uma Licóris; Propércio, uma Cíntia; e Tibulo, uma Némesis – Marcial teve uma Gala. É claro que Mar-

⁵³ 2.34. Mas já então era um *canus cunnus* (v. 3), o que, de acordo com a cronologia do livro, pode levantar dúvidas sobre a identidade real da personagem em todos os epigramas que lhe são dedicados.

⁵⁴ 9.37.7-10.

⁵⁵ 10.75.13-14. Notar a aproximação *mihi Galla*, seguida de pausa.

⁵⁶ 11.19.

cial nunca pôde cantar Gala com as palavras apaixonadas com que aqueles poetas celebraram as suas mulheres inspiradoras.⁵⁷ No entanto, por baixo de alguns epigramas dirigidos a Gala, podemos pressemir algo de mais profundo, que se não nota em relação a outras figuras femininas dos seus epigramas. Por trás do despeito e das frechadas, por vezes ofensivas, poderá estar um amor ferido, que se compraz agora em ferir.

Esta paixão terá durado algum tempo, mas passou com o progressivo declínio da amante. Em BÍlbilis, ao compor o livro XII, Marcial não inclui Gala entre as recordações de Roma, já não espera as suas prendas nas Saturnais: a ferida está sarada.

4.3. Os ecos de recreio

Scripsi, rescripsit nil Naevia: non dabit ergo.
Sed puto quod scripsi legerat: ergo dabit.

2. 9.

Muitas são as mulheres que perpassam nos epigramas de Marcial. O poeta vai fazendo insinuações que revelam o contacto mais íntimo com algumas e deixa transparecer por vezes as mágoas que podem resultar de possíveis frustrações. Citaremos em alguns epigramas os ecos de possíveis amores passageiros.

Os versos com que se refere a uma suposta Pola sugerem uma intimidade de quem foi amante:

*Lomento rugas uteri quod condere temptas,
Polla, tibi uentrem, non mihi labra linis.
Simpliciter pateat uitium fortasse pusillum:
quod tegitur, maius creditur esse malum.*⁵⁸

Quando tentas esconder com pomada de favas as rugas da barriga,
/ Pola, untas o teu ventre, não os meus beijos. / Talvez seja mais simples mostrar um pequenino defeito: / porque, se se tapa, desconfia-se que o mal é maior.

Esta Pola seria uma mulher fácil ou uma cortesã, com a qual o poeta terá tido uma efémera aventura. Marcial trata-a por *mea Polla*, e

⁵⁷ Cf. SERAFINI, M. *Valerio Marziale*, 28-29; e MARCHESI, *Storia della letteratura latina* II, 135-136.

⁵⁸ 3.42.

parece irritado quando lhe vêm dizer que ela se fechou com um *cinaedus* (e o facto de lho virem dizer, pode significar que a relação era do domínio público), ao ponto de, num ímpeto de ciúme, irromper pelo quarto:

*Semper cum mihi diceretur esse
secreto mea Polla cum cinaedo,
inrupi, Lupe. Non erat cinaedus.*⁵⁹

Já que sempre me diziam que / a minha Pola se fechava à puridade com um maricas, / eu entrei de rompante, Lupo. Afinal... não era um maricas.

Nesta linha de pensamento, talvez a esta Pola seja dedicado o galante epigrama 11. 89, e não à Pola Argentária, como sugerem alguns autores:⁶⁰

*Intactas quare mittis mihi, Polla, coronas?
A te uexatas malo tenere rosas.*

Porque me envias, Pola, grinaldas que não tocaste? / Eu prefiro ter na mão as rosas que tu amachucaste.

Marcial, a quem apraz *non tristis torus et tamen pudicus*,⁶¹ aprecia as *puellae* que mantêm uma certa pureza no dar-se:

*Lasciuam tota possedi nocte puellam,
cuius nequitias uincere nulla potest. (...)
Sed mihi pura fuit. (...)*⁶²

Possuí toda a noite uma rapariga atrevida / que nenhuma outra poderia vencer em malícia. / (...) Mas saiu limpa dos meus braços. (...)

Fílis enche o poeta de carícias íntimas, mas, como a sua mão já é velha, magoa-o com o polegar. Marcial prefere outras carícias: cem mil sestércios; umas jeiras de terreno cultivado em Sécia; vinho; escravos; louça com incrustações de ouro, mesas...

⁵⁹ 10.40.

⁶⁰ Cf. SERAFINI, M. *Valerio Marziale* cit. 29 n.3. Contra o que diz o autor, pensamos que este epigrama, pela sua toada galante, contrasta com o respeito e veneração dos que se referem à viúva de Lucano: cf. 7.21; 7.23 e 10.64. Este último reflecte mesmo um grande temor de que esta dama, aqui denominada *regina*, se possa ofender com as brincadeiras do poeta.

⁶¹ 10. 47.10.

⁶² 9.67.1-2 e 7.

*Nil opus est digitis: sic mihi, Phylli, frica.*⁶³

Não preciso dos teus dedos para nada; acaricia-me antes, Fílis, desta forma!

Mas Fílis aproveita-se do desejo do poeta para lhe extorquir presentes caros:

*Nulla est hora tibi qua non me, Phylli, furentem
despolies: tanta calliditate rapis! (...)*

*Sit pudor et tandem ueri respectus et aequi:
nil tibi, Phylli, nego; nil mihi, Philli, nega.*⁶⁴

Não há uma única hora em que tu, Fílis, ardendo eu em desejo, / me não explores: com tanta astúcia roubas! / (...) Haja vergonha e, ao cabo, respeito pela verdade e pela justiça: / nada te nego, Fílis; nada, Fílis, me negues também.

E, depois de uma generosa noite de amor, o poeta dispunha-se a recompensá-la com um presente. Logo Fílis o abraça e, com um longo beijo, pede-lhe uma ânfora de vinho.⁶⁵

Saufeia quer fazer amor com o poeta, mas não quer tomar banho com ele. Não é que não tenha um corpo que se não possa ver. Muito pelo contrário! O seu defeito é ser *fatua*.⁶⁶

Por vezes Marcial cansa-se dos casos antigos, e certas mulheres, como Telesila, já lhe não dizem nada:

*Vna nocte quater possum: sed quattuor annis
si possum, peream, te, Telesilla, semel.*⁶⁷

Em uma noite, eu posso dar quatro; mas, em quatro anos, / eu morra, Telesila, se te consigo dar uma que seja!

Taís não se envergonha de se não recusar a ninguém;⁶⁸ contudo mostra-se relutante com o poeta:

*Quid me, Thai, senem subinde dicis?
Nemo est, Thai, senex ad irrumandum.*⁶⁹

⁶³ 11.29.

⁶⁴ 11.49.1-2 e 11-12.

⁶⁵ 12.65.

⁶⁶ 3.72.

⁶⁷ 11.97.

⁶⁸ 4.12.

⁶⁹ 4.50.

Porque dizes tantas vezes, Taís, que eu sou velho? / Ninguém é velho, Taís, para dar a fazer sexo oral.

Algumas mulheres ficam ressentidas com as brincadeiras do poeta. Fabula, depois de ler o epigrama 4.71, onde se afirma que, em Roma, nenhuma rapariga diz que não, disse três vezes que não ao amante (que bem poderia ser o próprio Marcial):

*negare iussi, pernegare non iussi.*⁷⁰

Mandei-te dizer não; não te mandei dizer sistematicamente não.

Para um poeta é normal fazer uma proposta através de um escrito. A reacção da outra parte não deixa de ser notada por Marcial, que se torna aqui um intérprete da psicologia feminina:

*Scripsi, rescripsit nil Naeuia: non dabit ergo.
Sed puto quod scripsi legerat: ergo dabit.*⁷¹

Escrevi-lhe. Névia nada respondeu. Portanto não vai dar. / Mas julgo que ela leu o que escrevi. Portanto vai dar!

E, para o poeta, Névia não devia ser indiferente. Rufo só tinha olhos para ela: *una est Naeuia*. Mas esta, depois de ler o que Rufo escreveu, baixou o rosto e riu-se. Comentário do poeta:

*Naeuia non una est: quid, uir inepte, furis?*⁷²

Névia não é uma só: porque é que te enfureces, meu palerma?

Este Rufo pode muito bem encarnar as frustrações amorosas do poeta. Rufo bebe um vinho aguado e mantém-se sóbrio para gozar uma noite de amor. Mas Névia disse que não, e Rufo afoga a dor no vinho puro: *dormiendum est.*⁷³

⁷⁰ 4.81.

⁷¹ 2.9.

⁷² 1.68: *non una est* pode sugerir duas interpretações: "não é única" ou "não é constante na sua forma de agir". E a ambiguidade, neste caso, até pode ser pretendida pelo poeta: cf. U. CARRATELLO, "Un folle amore in Marziale... (Mart. I 68)": *Studi classici in onore di Quintino Cataudella*, Catania, Univ., 1972, III, 391-401. Artificiosa é a resolução do problema proposta por WATSON, L. C., "Three women in Martial": *CQ* 33 (1983) 260: a relação entre Rufo e Névia seria incestuosa. Com efeito, Névia seria madrasta de Rufo filho e esposa de Rufo pai. Este, ao apanhar a carta do filho, confronta a esposa com o facto. Névia, ao ler, fica embaraçada e *ridet demisso... uoltu*. O marido enfurece-se sem razão, uma vez que, segundo o poeta, há muitas mulheres chamadas Névia.

⁷³ 1.106.

A iluminar esta associação das frustrações de Rufo ao poeta, está o epigrama 1.71, em que Marcial se propõe beber tantos cálices quantas as letras dos nomes das mulheres que espera. Termina com uma nota irônica de autocomiseração:

et quia nulla uenit, tu mihi, Somne, ueni.

e, já que nenhuma vem, tu, ó Sono, vem a mim!

Dormir é o desejo maior de quem está desiludido, e Marcial manifesta por várias vezes esta vontade como resposta à frustração causada pela vida de cliente, ou pela *Urbe barulhenta*,⁷⁴ ou ainda pela tomada de consciência de que a sua terra natal não é o que esperava.⁷⁵ Juntamente com o abatimento moral resultante da frustração, vem o cansaço físico e um desejo irresistível de dormir. Ora é sabido que o deambular por amores fugazes traz consigo a desilusão. Esta vida, que a princípio terá sido sedutora para um provinciano em Roma, acabou por lhe provocar a náusea e pode explicar, em parte, o conceito negativo que Marcial tem geralmente das mulheres. Daí também a sua dificuldade em se fixar ou constituir uma família estável.

4.4. A incerteza de um casamento

Vxor, uade foras aut moribus utere nostris:
non sum ego nec Curius nec Numa nec Tatius.

11.104. 1-2.

Não se pode afirmar se Marcial foi casado ou não. Contudo, a maior parte dos historiadores da literatura concorda em que ele se manteve solteiro.⁷⁶

⁷⁴ Cf. 10.74.12: *Quid concupiscam quaeris ergo? Dormire*; cf. 12.57.

⁷⁵ 12.68: *Otia me somnusque iuuant*.

⁷⁶ ASHER, "Was Martial really unmarried?": *C W 71* (1977) 440-444, depois de analisar as posições dos vários autores, deixa o problema em aberto, apresentando várias possibilidades de resolução: 1) *matrimonium legitimum* com Marcela, que teria sido a primeira ou a segunda mulher depois de um divórcio posterior à atribuição do *ius trium liberorum*; 2) união livre sem *usus* ou *coemptio* (posição sem tradição escolar); 3) descendência ilegítima (posição sem tradição escolar); 4) solteiro e sem filhos (a maior parte dos comentadores). *Vide* crítica que deste artigo faz H. C. SCHNUR, "Again 'Was Martial really married?': *C W 72* (1978) 98-99.

Como nota Serafini,⁷⁷ Marcial dava o nome sagrado de *uxor* à concubina de uma noite que fosse. Na verdade, as palavras que dirige a uma suposta *uxor* em 11.104 seriam ofensivas e exporiam ao riso público a intimidade do casal, se fossem dirigidas a uma verdadeira esposa:

*Fascia te tunicaeque obscuraque pallia celant:
at mihi nulla satis nuda puella iacet.
Basia me capiunt blandas imitata columbas:
tu mihi das auiae qualia mane soles.
Nec motu dignaris opus nec uoce iuuare
nec digitis... (...)
Si te delectat grauitas, Lucretia toto
sis licet usque die; Laida nocte uolo.*⁷⁸

Faixas e túnicas e escuros mantos te escondem: / mas, para mim, uma rapariga nunca se deita suficientemente nua. / Cativam-me os beijos que imitam as ternas pombas: / tu dá-me aqueles que, de manhã, costumam dar à tua avó. / Ao fazer amor, não te dignas ajudar-me com o movimento, nem com gemidos, / nem com os dedos... (...) Se te agrada a austeridade, Lucrecia / podes ser todo o dia; de noite, quero uma Laís.

A este epigrama parece também estar subjacente a ideia de que, mais importante do que ser esposa, importa ser amante toda a vida e de que a instituição do casamento pode abafar a espontaneidade e criatividade nos actos íntimos. Assim entendido, o epigrama perde o aparente carácter brejeiro, para passar a ser um epigrama "de tese" que nos elucida acerca da forma como o poeta concebe a vida conjugal. Consequentemente, esta *uxor* não será uma esposa do poeta, mas uma figuração da esposa-amante.

Também o epigrama 4.22 é por demais decorativo para contar uma experiência pessoal: depois da noite de núpcias, Cleópatra, ainda não domada ao marido, lançou-se num lago de límpidas águas. O poeta conclui passando o discurso para a primeira pessoa:

*Insilui mersusque uadis luctantia carpsi
basia: perspicuae plus uetuistis, aquae.*

Saltei e, mergulhando nas águas, colhi roubados / beijos: vós, águas translúcidas, proibistes ir mais além!

⁷⁷ Cf. SERAFINI, M. *Valerio Marziale* cit. 29.

⁷⁸ 11.104.7-12 e 21-22. Cf. 11.43.

Poderá ser um epigrama feito por encomenda e oferecido a um amigo casado há pouco, para este o recitar à esposa.

Segundo a opinião de Marchesi, Marcial poderá ter tido uma mulher, ainda que por pouco tempo, sob o reinado de Domiciano.⁷⁹ Nesse caso, parece-nos que, a despeito do antifeminismo tradicional na literatura cómica, seria de mau gosto escrever um epigrama como o seguinte:

*Omnes quas habuit, Fabiane, Lycoris amicas
extulit: uxori fiat amica meae!*⁸⁰

Todas as amigas que Licóris teve, Fabiano, / enterrou-as. Oxalá se torne amiga da minha mulher!

E muito menos como este:

*Vt patiar moechum rogat uxor, Galle, sed unum.
Huic ego oculos eruo, Galle, duos?*⁸¹

Que eu lhe consinta um amante, pede a minha mulher, mas só um. / A uma pessoa destas eu não lhe arranco, Galo, os dois olhos?

Assim Marcial entraria em contradição com o que afirma acerca do ataque pessoal nos epigramas. Já não poderia dizer *ludimus innocui*⁸² ou *parcere personis, dicere de uitis*,⁸³ pois o alvo estaria bem determinado: a sua mulher ou ex-mulher.

Argumenta-se, ainda, que Marcial recebeu o *ius trium liberorum*, o que pressupõe descendência legítima,⁸⁴ e, ao agradecer este privilégio, se dirige a uma *uxor* com as seguintes palavras:

*Natorum mihi ius trium roganti
Musarum pretium dedit mearum*

⁷⁹ Cf. MARCHESI, "Le donne e gli amori": *Rivista d' Italia* 13 (1910) 569-570 e A. ALVAR EZQUERRA, "Marcial visto desde sí mismo": *Actas* 80.

⁸⁰ 4.24.

⁸¹ 3.92.

⁸² 7.12.11. Cf. 3.99.

⁸³ 10.33.10

⁸⁴ Cf. SCAMUZZI, "Contributo ad una obiettiva conoscenza della vita e dell'opera di Marco Valerio Marziale": *RSC* 14 (1966) 180-187. Este autor, partindo do princípio de que o *ius trium liberorum* só podia ser atribuído a quem, mesmo que não tivesse três filhos, tivesse ao menos mulher, afirma que Marcial foi casado, embora não tenha gerado aquele número de filhos.

*solus qui poterat. Valebis, uxor!
Non debet domini perire munus.*⁸⁵

A mim que o pedi, o direito dos três filhos / me concedeu, como prémio das minhas musas, / o único que o podia conceder. Adeus, mulher! / Não se deve desperdiçar a oferta do imperador.

Seria mais uma afronta à própria esposa: era o mesmo que dizer que já não precisava dela. Zombar desta maneira da esposa com quem casou e escrever, como vimos atrás, de forma tão obscena acerca dela não se coaduna, como nota Sullivan, nem com o espírito nem com o *status* social que o grau de cavaleiro dava ao poeta. Marcial era um epigramatista, não um cómico burlesco.⁸⁶ Além disso, em 8.31 e 9.66, Marcial censura aqueles que solicitam ao imperador o direito dos três filhos. Se o primeiro epigrama pode suscitar incerteza quanto à interpretação (não é claro se Dentão já tem ou não três filhos no momento em que faz o pedido), já o segundo não deixa margem para dúvidas:

*Vxor cum tibi sit formosa, pudica, puella,
quo tibi natorum iura, Fabulle, trium?
Quod petis a nostro supplex dominoque deoque
tu dabis ipse tibi, si potes arrigere.*

Se tens uma esposa formosa, casta, jovem, / para que queres tu, Fabulo, o direito dos três filhos? / O que, suplicante, pedes ao nosso deus e senhor, / tu próprio o podes conceder a ti mesmo, se consegues endireitá-lo.

Portanto, em relação ao período romano de Marcial, não há nada nos seus escritos que possa provar que foi efectivamente casado.

Contra os que sugerem um casamento com Marcela depois do regresso a BÍlbilis,⁸⁷ pensamos que, se assim fosse, seria estranho que Marcial, ao elogiar as qualidades desta mulher em 12.21, não a indicasse inequivocamente como sua legítima esposa, e, ao enumerar as suas dádivas em 12.31, se referisse unicamente a ofertas materiais, sem mencionar o seu amor ou a comunhão de vida. Também em 12. 18, entre os benefícios que BÍlbilis lhe trouxe, não há qualquer referência a um casamento.⁸⁸

⁸⁵ 2.92.

⁸⁶ SULLIVAN, "Was Martial really married? A reply": *CW* 72 (1978-79) 238-239.

⁸⁷ Cf. L. RIBER, *Marco Valerio Marcial*, 63.

⁸⁸ Cf. SULLIVAN, "Was Martial really married? A reply" cit. 239.

4.5. Juízo sobre a mulher

Si bene te noui, longum iam lassa libellum
ponebas, totum nunc studiosa legis.

3. 68. 11-12.

Marcial, nos seus epigramas, mostra conhecer muitas mulheres, desde as mais baixas cortesãs até às mais nobres matronas. Domina certos traços da psicologia feminina: a vida ensinou-lhe a prever as reacções das mulheres.⁸⁹ O poeta sabe que grande parte dos seus leitores são mulheres a quem não desagrada o sal ou o sabor picante de alguns dos seus epigramas. Então, sob a aparência de um aviso motivado pelo pudor, lança uma provocação: *Huc est usque tibi scriptus, matrona libellus*; a partir de agora *recede*: é que se vai tratar do ginásio, das termas, do estádio, enfim, de homens sem roupa. Por isso *nudos parce uidere uiros*. Mas a curiosidade das mulheres é insaciável e capaz de vencer todos os preconceitos:

*Si bene te noui, longum iam lassa libellum
ponebas, totum nunc studiosa legis.*⁹⁰

Se bem te conheço, o longo livro que, já cansada, / ias pousar,
vais lê-lo agora todo com muita atenção.

O poeta compraz-se em satisfazer esta curiosidade e não poupa o sal, sobretudo nos epigramas que se referem às mulheres.

Nos quadros da vida romana elaborados por Marcial, vivem mulheres de carne e osso, mesmo quando encobertas por nomes falsos. A partir desses quadros, podemos deduzir o juízo do poeta sobre a mulher em geral.

A conclusão que à primeira vista se tira é negativa, e até pessimista. Mas o poeta quase sempre se abstém de julgar, limita-se a construir as cenas com o material de que dispõe e que a maior parte das vezes é mau. Mas, ao contrário do que diz Serafini,⁹¹ há epigramas, como veremos, onde se espelha a admiração por algumas mulheres.

Pensamos, por isso, que se não deve falar de misoginia. O poeta regista o que vê à sua volta, sem demonstrar qualquer azedume pre-

⁸⁹ Cf. 2.9; 3.97.

⁹⁰ 3.68.

⁹¹ Cf. SERAFINI, cit. 31-33.

concebido, ao contrário do que sucede com o seu contemporâneo e amigo Juvenal.

Já vimos atrás que Marcial sente uma complacência quase mórbida em descrever certos quadros sórdidos. Com as descrições das mulheres acontece o mesmo: o poeta está atento às situações mais caricatas. Exemplo disso são as *luscae* que pululam nos epigramas:⁹² Filene chora só por um olho: *lusca est*;⁹³ e, segundo o poeta, seria mais formosa se fosse cega dos dois olhos;⁹⁴ Lélia compra os dentes e a cabeleira, mas não o olho;⁹⁵ Licóris ama um rapazinho que é um verdadeiro ganimedes: que bem que esta *lusca* vê!⁹⁶ Mas há outro tipo de cegueira:

'Thaida Quintus amat.' 'Quam Thaida?' 'Thaida luscam.'
*Vnum oculum Thais non habet, ille duos.*⁹⁷

"É Taís que Quinto ama." "Qual Taís?" "Taís, a zarolha." / Taís não tem um olho, mas ele não tem os dois.

Há mulheres que apresentam um aspecto mastodôntico: há uma que tem os seios tão grandes que deve pagar o triplo nos banhos;⁹⁸ Cláudia é maior do que o colosso do Palatino,⁹⁹ e Taís é gorda.¹⁰⁰ Na verdade mulheres feias e repelentes não faltam:

Os et labra tibi lingit, Manneia, catellus:
*non miror, merdas si libet esse cani.*¹⁰¹

Um cachorro lambe-te, Maneia, a boca e os beiços. / Não me admiro: se a um cão até agrada comer excrementos!

Filene é calva, vermelha e zarolha; beijá-la é como *fellare*;¹⁰² Marcial sai à rua com os lábios cheios de pomada, só para a não ter de

⁹² Cf. WATSON, "Martial's fascination with *lusci*": *G&R* 19 (1982) 71-76.

⁹³ 4.65. Cf. WATSON, "Three women in Martial": *CQ* 33 (1983) 260.

⁹⁴ 12.22.3: *Esset caeca decentior Philaenis*.

⁹⁵ 12.23.

⁹⁶ 3.39.2.

⁹⁷ 3.8. Segundo Marcial, também a *mentula* é *lusca*: cf. 9.37.10.

⁹⁸ 2.52.

⁹⁹ 8.60.

¹⁰⁰ 11.101.

¹⁰¹ 1.83.

¹⁰² 2.33.

beijar.¹⁰³ Gélia diz que comer lebre tornará o poeta belo: logo, ela nunca comeu lebre.¹⁰⁴ Ligeia só tem três cabelos;¹⁰⁵ e Fabula diz que os cabelos são seus – e é verdade, porque os comprou.¹⁰⁶ Taís tem os dentes negros, e Lecânia tem os dentes brancos: a razão é que também os comprou.¹⁰⁷ A tosse de Élia levou-lhe os quatro dentes que lhe restavam: agora já pode tossir sem receio.¹⁰⁸

Algumas são velhas, mas não o assumem e têm pretensões: Lésbia mente na idade;¹⁰⁹ Afra usa uma linguagem infantil para se fazer mais nova;¹¹⁰ Fabula anda com amigas mais velhas, para parecer nova.¹¹¹ Vetustila, que justifica bem o nome que tem (já viu trezentos cônsules), quer casar-se, mas ninguém chamará esposa a quem já chamava avó: só um archote funerário pode fazer amor com ela.¹¹² Matrina, que quer os favores do poeta, assume-se como velha: mas não é velha, é morta.¹¹³ Ligeia depila as partes íntimas decrépitas: é como fazer a barba a um leão morto.¹¹⁴

Outras são malcheirosas, como Bassa e Taís.¹¹⁵

Também há algumas belezas: Catula é bela, mas só de corpo (como o seu nome sugere);¹¹⁶ e Lídia é bela, só enquanto está calada.¹¹⁷

¹⁰³ 10.22. É negro o retrato que Marcial nos apresenta desta mulher que, além de feia e zarolha (4.65 e 12.22), faz votos obscenos (9.40) e manifesta tendências viris nas relações homossexuais (7.67, 7.70). O poeta parece inspirar-se no nome da poetisa Filene de Samos, subvertendo os seus ensinamentos sobre a arte da sedução: cf. BURZACCHINI, "Filenide in Marziale": *Sileno* 3 (1977) 239-243.

¹⁰⁴ 5.29.

¹⁰⁵ 12.7.

¹⁰⁶ 6.12.

¹⁰⁷ 5.43.

¹⁰⁸ 1.19.

¹⁰⁹ 10.39.

¹¹⁰ 1.100.

¹¹¹ 8.79.

¹¹² 3.93.

¹¹³ 3.32.

¹¹⁴ 10.90.

¹¹⁵ Cf. 4.4; 4.87; 6.93.

¹¹⁶ 8.54 (já que o nome *Catulla* evoca Lésbia).

¹¹⁷ 11.102.

As ébrias não podiam faltar, e há aquelas que tentam em vão disfarçar o cheiro do vinho;¹¹⁸ também há as vaidosas que juram pelas suas pérolas;¹¹⁹ as mentirosas, em quem já ninguém acredita;¹²⁰ as ambíguas, que fazem os amantes cair no ridículo;¹²¹ as que se julgam importantes e querem um casamento à sua altura (quando o que as espera é uma frustração);¹²² as espertalhonas na escolha de um marido;¹²³ e até uma negra frígida.¹²⁴

As mulheres devassas estão em franca maioria: lésbicas com atitudes viris;¹²⁵ mulheres com fama de *fellatrices*;¹²⁶ adúlteras legais que multiplicam os casamentos com os sucessivos amantes, para não infringirem a lei Júlia;¹²⁷ esposas infiéis que enganam os maridos à descarada;¹²⁸ mulheres que se entregam facilmente;¹²⁹ mulheres que pagam os serviços sexuais que recebem;¹³⁰ mulheres que os não querem pagar, quando são velhas e feias;¹³¹ mulheres que se fazem pagar bem;¹³² e mulheres internacionais que se dão aos machos de todos os povos, mas a quem só não agrada a *mentula* romana.¹³³ O poeta conta até os casos curiosos de uma *puella* que, como a Lésbia de Catulo, perdeu as suas delícias (mas não foi um passarinho, foi um escravo que tinha uma

¹¹⁸ 1.87; cf. 12.65..

¹¹⁹ 8.81.

¹²⁰ 5.45; 12.26.

¹²¹ 1.68; 1.106.

¹²² 5.17.

¹²³ 9.10.

¹²⁴ Cf. 3.34; 3.83; 3.87; 3.97; 11.60; tem um nome falante: *Chione*, do grego χιών 'neve'.

¹²⁵ 1.90; 7.67; 7.70.

¹²⁶ 2.73; 3.87; 4.84; 9.4; 9.40; 12.55. Algumas bebem água depois de *fellare*: cf. 2.50 e 6.69.

¹²⁷ 6.7; 6.22; 6.90.

¹²⁸ 11.7; 2.56; 3.26; 12.93.

¹²⁹ 2.31; 2.49; 8.54.

¹³⁰ 11.62.

¹³¹ 7.75: *uis dare, nec dare uis*.

¹³² 11.27.

¹³³ 7.30.

mentula sesquipedalis),¹³⁴ e de Marula, cuja mão é uma autêntica balança que sabe avaliar o peso de um pênis, antes e depois do acto.¹³⁵

As águas quentes de Baias têm o efeito milagroso de inflamar até as mais castas matronas: Levina veio Penélope e foi-se embora Helena.¹³⁶

Em Roma existem também mulheres perigosas: Pôncia é uma envenenadora, o que faz o poeta desconfiar de uns comestíveis por ela oferecidos;¹³⁷ Cloe escreveu ingenuamente no túmulo do marido: *se fecisse*;¹³⁸ e Filene é uma casamenteira e feiticeira tão terrível, que, depois de morta, ainda arranca impérios ao poeta:

*Sit tibi terra leuis mollique tegaris harena,
ne tua non possint eruere ossa canes.*¹³⁹

A terra te seja leve e uma suave areia te cubra, / para que os cães não deixem de poder desenterrar os teus ossos.

É negro o quadro das mulheres apresentadas, mas nem tudo está perdido: há algumas mulheres que impressionam Marcial pela sua coragem, pela sua castidade ou pela sua sabedoria.¹⁴⁰

Já assinalámos a admiração do poeta por Marcela, pela sua inteligência e pela sua liberalidade,¹⁴¹ e por Pola Argentária, viúva de Lucano.¹⁴²

Vêm do passado alguns exemplos de amor conjugal e de coragem feminina. Pórcia, ao saber da morte do marido, como lhe esconderam todas as armas, suicidou-se engolindo carvões ardentes.¹⁴³ Na boca de Árria, que se suicidou pela espada juntamente com o marido Peto, coloca o poeta esta sublime e derradeira expressão do seu amor:

¹³⁴ 7.14. Cf. CATULO, 2.

¹³⁵ 10.55.

¹³⁶ 1.62. Sobre a devassidão feminina, sem pretendermos ser exaustivos, cf., além dos já mencionados, 6.6; 6.45; 6.67; 6.71; 7.35; 10.40; 11.21; 11.75; 11.78.

¹³⁷ 6.75.

¹³⁸ 9.15: *quid pote simplicius?*

¹³⁹ 9.29.11-12. Mas é uma reminiscência da *Antologia Palatina*.

¹⁴⁰ Cf. CHANEY, "Women, according to Martial": *CB* 48 (1971) 21-25.

¹⁴¹ 12.21 e 12.31.

¹⁴² 7.21; 7.23 e 10.64.

¹⁴³ 1.42. Pórcia filha de Catão de Útica, casara em segundas núpcias com Bruto e, à semelhança de seu pai, torna-se o protótipo feminino do suicídio estóico, ao saber da morte do marido na batalha de Filipos.

'Si qua fides, uulnus quod feci non dolet', inquit,
'sed quod tu facies, hoc mihi, Paete, dolet.'¹⁴⁴

"Podes crer: o golpe que abri em mim não me dói", disse ela, /
"mas o que tu vais abrir em ti, Peto, esse sim, é que me dói."

Mas Marcial sabe que estes exemplos não são exclusivos de outrora. Nigrina, com vida e saúde, prova o seu amor ao marido dividindo com ele a herança paterna.¹⁴⁵ Teófila, a futura esposa de Cânio Rufo, é louvada por Marcial pela sua castidade e pela sua sapiência,¹⁴⁶ e Cláudia Rufina, embora descendente de Bretões, é eternizada pela sua alma latina.¹⁴⁷

Ao lado de mulheres devassas, coloca Marcial senhoras que são verdadeiros modelos de virtude.¹⁴⁸ O número destas é nitidamente inferior, mas basta para desmentir o aparente antifeminismo do poeta.

É interessante verificar que Marcial, na descrição dos quadros da Roma viva, e à parte a tradição haurida na comédia e na sátira, dá enorme importância ao papel da mulher. A mulher casada, a donzela, a escrava, a cortesã – todas elas aparecem colocadas no seu lugar, com os seus defeitos e as suas virtudes (muitas vezes apenas sugeridas pela negativa). Marcial, assim como refere os seus grandes amigos, não se esquece de referir as amigas, como Pola Argentária ou Marcela; ao lado de inimigos e invejosos, coloca mulheres que o insultam ou exploram; a cada tipo masculino da sociedade romana, corresponde um tipo feminino. Numa sociedade como a romana onde a mulher tem um papel de menor relevância, seria natural que o poeta assumisse a tendência generalizada para esquecer a mulher, ou então só referisse os exemplos mais extraordinários que a tradição consagrara. Ora Marcial descreve quadros vivos de mulheres que encontra no dia-a-dia, por mais humildes que sejam. Assim a mulher enquadra-se perfeitamente no objecto de análise dos seus epigramas: ela é parte integrante daquele

¹⁴⁴ 1.13. Alusão ao suicídio de Árria Maior e seu marido Cecina Peto. Este tinha participado em 42, numa revolta frustrada contra Cláudio, pelo que se viu obrigado ao suicídio. (Cf. Plínio, *Epist.* 3.16.)

¹⁴⁵ 4.75.

¹⁴⁶ 7.69.

¹⁴⁷ 11.53. Poderá tratar-se de Cláudia Peregrina, esposa de Pudente (cf. 4.13), se considerarmos *peregrina* como alusão à sua origem estrangeira.

¹⁴⁸ Cf. L. DESCHAMPS, "L' influence de la diatribe dans l' oeuvre de Martial": *Atti Congr. Studi Vespasiani* 355-356; e MARCHESI, "Le donne e gli amori" cit. 572-598.

homo a que o poeta se refere quando afirma: *Hominem pagina nostra sapit*.¹⁴⁹

Uma tal galeria de tipos femininos fornece ao autor um conhecimento que lhe pode ser nocivo. Será que, por muito saber, muito hesitou? E, por medo de errar, nunca se aventurou ao grande amor, que seria a tal fonte de glória referida em 8.73, mas também fonte de tortura?

¹⁴⁹ 10.4.10.

(Página deixada propositadamente em branco)

5.

O AMOR DOS SIMPLES E DOS HUMILDES

5.1. O afecto pelos escravos

Sensit deficiens sua praemia meque patronum
dixit ad inferias liber iturus aquas.

1. 101. 9-10.

Marcial vive numa cidade onde existe um grande número de escravos. Com eles o poeta convive diariamente, em casa, nas ruas, nas termas, nos jantares para os quais é convidado... Do convívio nasce o afecto, a amizade sincera que leva à compaixão perante os maus tratos infligidos por alguns senhores, e à saudade, que se transforma em fonte do mais profundo lirismo que o poeta alcançou na sua obra, quando a morte os arrebatava ao convívio diário.

Ao confrontar-se com a situação de inferioridade e desamparo em que se encontram os escravos, o poeta deixa vibrar todo o seu sentimento e revela a profunda comoção e empatia que o liga a esses desprotegidos da sorte. A indignação e a revolta contra as punições injustas estala violentamente nos seus epigramas, sobretudo quando as vítimas são ainda muito novas.

Este foi o pecado de Lálage. Uma mão incerta, talvez pelo medo, tinha fixado mal um anel, um apenas em toda a cabeleira. O espelho com o qual descobriu o erro, serviu à cruel senhora para, com um golpe, lançar por terra a escrava Plecusa:

*Desine iam, Lalage, tristes ornare capillos,
tangat et insanum nulla puella caput.*

*Hoc salamandra notet uel saeua nouacula nudet,
ut digna speculo fiat imago tua.*¹

Deixa, a partir de agora, Lálage, de arranjar os teus sinistros cabelos, / e nenhuma escravinha toque na tua desvairada cabeça. / Oxalá uma salamandra a deixe marcada, ou uma cruel navalha a desnude, / para que a tua imagem se torne digna do espelho.

A brutalidade no tratamento dos escravos é algo indigno de uma pessoa de bom nome e provoca comentários do povo:

*Abscisa seruom quid figis, Pontice, lingua?
Nescis tu populum, quod tacet ille, loqui?*²

Porque crucificas um escravo, Pôntico, com a língua arrancada? / Não sabes que o que ele cala o grita o povo?

E a atitude de um escravo torna-se nobre quando é capaz de salvar quem o maltrata. Mas ao mesmo tempo que a dignidade do escravo sobe, a reputação do seu senhor fica para sempre abalada:

*Proscriptum famulus seruauit fronte notatus.
Non fuit haec domini uita, sed inuidia.*³

Um escravo marcado na fronte salvou o seu senhor proscrito. / Não foi a vida do seu senhor que ele salvou, mas o ódio que este vai merecer.

Marcial, a quem os escravos inspiram afecto, como qualquer familiar ou como qualquer amigo, não compreende como é que certas pessoas são capazes de vender um escravo, como se de um animal se tratasse, para comprar outro tipo de bens. Isto, para o poeta, é confundir valores, é reduzir um homem ao aspecto material. E um escravo não é um bem material, é um homem. Por isso reprova asperamente Caliodoro por ter vendido um escravo, para, ao menos uma vez, jantar bem. Ainda por cima não jantou bem, já que o prato mais caro do jantar foi um ruivo de quatro libras:

¹ 2.66.5-8. Análise comparativa deste epigrama com um passo semelhante da sátira VI de Juvenal em COLTON, "Cruelty and vanity: Juvenal 6.490-96, 6.502-06 and Martial": *CB* 50 (1973) 5-6.

² 2.82.

³ 3.21.

*Exclamare libet: 'non est hic, inprobe, non est piscis: homo est; hominem, Calliodore, comes.'*⁴

Até apetece gritar: "Este, meu desavergonhado, não é / um peixe, é um homem; é um homem que tu, Caliodoro, estás a devorar!"

Marcial também não consegue compreender como é que Tuca demonstra tanta dureza de coração ao ponto de vender escravos que foram seus companheiros de brincadeiras e de sevícias. E motivo de maior indignação para o poeta é verificar que estes escravos são crianças vítimas da luxúria do patrão, que põe e dispõe delas sem qualquer pudor:

*Ah facinus! Tunica patet inguen utrimque leuat, aspiciturque tua mentula facta manu.*⁵

Que vergonha! A túnica levantada dos dois lados mostra as virilhas: / e vê-se um membro pela tua mão modelado.

Outra fonte de sentimento para Marcial diz respeito às pessoas mortas na flor da idade. Gláucias, um liberto de Mélior, que, ao morrer, deixou toda a Roma em luto, é descrito como um modelo de virtude perdido:

*Castus moribus, integer pudore,
uelox ingenio, decore felix.
Bis senis modo messibus peractis
uix unum puer adplicabat annum.
Qui fles talia, nil fleas, uiator.*⁶

Casto de costumes; íntegro de pudor; / arguto de inteligência; de aparência agradável. / Às doze colheitas há pouco completas / o rapaz a custo tentava juntar-lhes mais um ano. / Tu que choras tal destino, oxalá nunca tenhas razões para chorar, viandante.

⁴ 10.31.

⁵ 11.70.5-6. Para ter uma ideia da visão de Marcial sobre as relações sexuais entre senhores e escravos, cf. M. GARRIDO-HORY, "La vision du dépendant chez Martial à travers les relations sexuelles": *Index* 10 (1981) 298-315. O poeta critica ainda os que enchem a casa com filhos das escravas, cf. 1.84: (...) *cum uelit habere filios, (...) futuit ancillas: (...) pater familiae verus est Quirinalis*.

⁶ 6.28. Em relação aos jovens mortos, veja-se também 10.53: a morte do auriga Escorpo, e 11.13: morte do pantomimo Páris.

Mélior libertou-o, mas Gláucias não poderia já entender a dádiva do patrão. Era um escravo belo e terno: ora o que é bom raramente dura muito:

Inmodicis brevis est aetas et rara senectus.

*Quidquid amas, cupias non placuisse nimis.*⁷

Para as pessoas extraordinárias, breve é o tempo de vida e rara a velhice. / Aquilo que amas deves procurar que te não agrade demasiado.

Também Eutíquio, escravo de Cástrico morto nas águas de Baias, é imortalizado com pungentes versos que terminam com um pedido onde o formulário dos epitáfios é alterado para introduzir uma referência à causa da morte:

*Sit, precor, et tellus mitis et unda tibi.*⁸

O que eu peço é que te seja suave quer a terra, quer a água.

E quanto aos seus próprios escravos? Como os tratava Marcial?

Perante o epigrama 8.23 em que o poeta parece *saeuus nimium-que gulosus* por bater no seu cozinheiro que não preparou bem o jantar, poderíamos ser levados a pensar que Marcial era um tirano para os seus escravos. Mas este epigrama é demasiado frívolo, não passa de um gracejo, comparado com outros em que o poeta se revela um verdadeiro amigo.

Exemplo da sua ternura e compaixão é o epitáfio à morte do seu escravo barbeiro Pantágato, *raptus puerilibus annis*. E a morte na infância é para Marcial motivo de redobrado lamento. O poeta reforça esta ideia afirmando que Pantágato é *cura dolorque* do seu patrão. Seguidamente faz o elogio da sua arte: *resecare capillos doctus et hirsutas excoluisse genas*, para terminar com o formulário próprio dos epitáfios, em que não deixa, no entanto, de colocar uma nota pessoal:

⁷ 6.29. É de modo semelhante que em 12.34.10-11 o poeta termina, como já vimos, um epigrama dirigido ao amigo Júlio Marcial: *nulli te facias nimis sodalem: / gaudebis minus et minus dolebis*. Escravos e amigos livres recebem muitas vezes do poeta tratamento semelhante.

⁸ 6.68.

*Sis licet, ut debes, tellus, placata levisque,
artificis leuior non potes esse manu.*⁹

Embora devas ser, como é tua obrigação, ó terra, benévola e leve,
/ não podes ser mais leve do que a mão deste artista.

Também o escravo Álcimo, morto na flor dos anos, inspira um epigrama que é reflexo duma inequívoca doçura de coração de Marcial. Álcimo não terá um sepulcro ornado com ricos mármore, mas apenas as simples plantas regadas com as lágrimas sentidas do seu patrão: estes são os verdadeiros *monimenta doloris*:

*Alcime, quem raptum domino crescentibus annis
Laucana leui caespite uelat humus,
accipe non Pario nutantia pondera saxo,
quae cineri uanus dat ruitura labor,
sed faciles buxos et opacas palmitis umbras
quaeque uirent lacrimis roscida prata meis.
Accipe, care puer, nostri monimenta doloris:
hic tibi perpetuo tempore uiuet honor.
Cum mihi supremos Lachesis perneuerit annos,
non aliter cineres mando iacere meos.*¹⁰

Álcimo, que, arrebatado ao seu senhor no florir dos anos, / a Labicana cobre com suave relva, / aceita, não os vacilantes blocos de mármore de Paros, / que um vão afã oferece, destinados a ruírem, à tua cinza, / mas os flexíveis buxos e as espessas sombras das videiras / e as ervas que reverdecem orvalhadas pelas minhas lágrimas. / Aceita, caro rapaz, o testemunho da minha dor: / esta homenagem viverá sem cessar para ti, pelo tempo sem fim. / Quando Láquesis tiver fiado até ao fim os meus derradeiros anos, / determino que as minhas cinzas não devem repousar de outro modo.

O carinho de Marcial por este escravo é expresso, ao longo do epigrama, através de uma gradação que começa com a apresentação sumária do defunto e localização da sua tumba, passa pelas ofertas exteriores e depois interiores, para terminar com a expressão da própria vontade no que se refere ao seu derradeiro repouso. É então que anula as diferenças que socialmente existem entre ele próprio e o escravo, com o reconhecimento de que as suas cinzas são semelhantes às de Álcimo: sumptuosidade do túmulo é um esforço vão, que nada

⁹ 6.52: observe-se a etimologia do nome Pantáгато: 'bom para tudo'; 'experto'.

¹⁰ 1.88.

aproveita às cinzas dos que partem e nada acrescenta à saudade dolorosa dos que ficam.

Igual dedicação mostra Marcial para com o seu escravo copista Demétrio, que morreu com apenas dezanove anos. Quebrando as barreiras sociais, o poeta quer mostrar reconhecimento a esta mão fiel ao seu trabalho. Quando um terrível cancro o devora por dentro, para que ele não desça escravo às águas estíguas, Marcial toma uma decisão comovente:

*Cauimus et domini ius omne remisimus aegro:
munere dignus erat conualuisse meo.
Sensit deficiens sua praemia meque patronum
dixit ad inferias liber iturus aquas.*¹¹

Estipulei que renunciava a todo o direito de dono sobre o doente: / era digno de recuperar a saúde com a minha dádiva. / Ele entendeu, ao morrer, a sua recompensa; e patrono / me chamou, enquanto se dirigia, livre, às águas infernais.

Marcial, como se vê, tinha tanta consideração pelos seus escravos como pelos amigos com quem convivia. A amizade e a dedicação estão acima da condição social. Esta humanidade do poeta, ainda invulgar para a época, é mais uma prova de que Marcial muitas vezes esconde, por detrás dos gracejos, uma concepção pessoal da vida humana e da sociedade que muitas vezes escapa ao leitor distraído.

5.2. A ternura pelas crianças

Iam tristis nucibus puer relictis
clamoso reuocatur a magistro.

5.84.1-2

Entramos no recanto mais rico do coração do poeta: a ternura que as crianças lhe inspiram. Marcial reage com emoção perante os tratamentos demasiado rigorosos infligidos pelos professores e perante as situações de morte.

Mostra-se horrorizado quando um leão dilacera duas tenras crianças que limpavam a arena:

¹¹ 1.101.

*Exclamare libet: 'crudelis, perfide, praedo,
a nostra pueris parcere disce lupa.'*¹²

Até apetece gritar: "Cruel, pérfido, predador, / aprende da nossa loba a poupar as crianças!"

Marcial compadece-se dos meninos que estão em idade escolar. A abertura do período lectivo é conotada com o começo de um suplício:

*Iam tristis nucibus puer relictis
clamoso reuocatur a magistro.*¹³

Já o menino tristonho, deixando o jogo das nozes, / é chamado aos berros pelo seu professor.

Todas as manhãs o mesmo despertador: os bramidos e os açoites do mestre-escola começam ainda antes de cantar o galo.¹⁴ E, pior ainda, as crianças têm de suportar a férula do professor no pino do verão, quando o tórrido julho coze as searas louras e um clima pestilento espalha as doenças. Marcial não aguenta mais:

*ferulaeque tristes, sceptrum paedagogorum,
cessent et Idus dormiant in Octobres:
aestate pueri si ualent, satis discut.*¹⁵

E que as sinistras palmatórias, ceptros dos pedagogos, / parem e durmam até aos idos de outubro. / No verão, se as crianças estão bem de saúde, aprendem o suficiente.

A suprema injustiça, a morte das crianças, toca profundamente o coração do poeta. São menos expressivos, no entanto, os epigramas onde se refere à morte dos filhos dos poderosos. A convencionalidade ou a lisonja pode refrear a emoção. Neste grupo se incluem o epigrama dedicado ao filho morto de Domiciano,¹⁶ e a Júlia, filha de Tito.¹⁷

A morte é cruel: por vezes aparece disfarçada, para vitimar logo os mais indefesos. A inofensiva estátua de uma urso esconde a morte na sua boca de bronze. Hilas, por brincadeira, mete aí a sua *tenera*

¹² 2.75.

¹³ 5.84.1-2.

¹⁴ 9.68.

¹⁵ 10.62. Cf. COLTON, "Children in Juvenal and Martial": *CB* 56 (1979) 2

¹⁶ 4.3.

¹⁷ 6.13. Cf. 6.3 (esta não era uma criança e, segundo consta, era amante de Domiciano).

manus, mas o cego bronze esconde uma *uipera scelerata* e a morte sobrevém sob a forma de um *dolus* percebido tarde de mais. *O facinus, falsa quod ursa fuit!*¹⁸

Um pedaço de gelo torna-se criminoso quando, ao cair, corta a garganta de um menino que passava:

*Quid non saeua sibi uoluit Fortuna licere?
Aut ubi non mors est, si iugulatis, aquae?*¹⁹

Que caprichos não quis a cruel Fortuna permitir-se? / Ou onde é que a morte não surge, se até vós, ó águas, podeis degolar?

São estes os desígnios insondáveis da Fortuna que leva os jovens em vez dos velhos. Telésforo preferiria partir antes para as sombras estíguas, mas, como tal não aconteceu, vive ainda para venerar os ossos da sua filha Antula.²⁰ Vive ainda, mas não por muito tempo: em breve chega a notícia de que a Antula se reuniram seus pais.²¹ O *fatum* está acima da vontade dos deuses, não adianta acusá-los de inveja. Assim se conforma o poeta, ao chorar a morte prematura de Severo, filho do poeta Sílio Itálico.²²

A morte não escolhe idade, nem condição social. Perante a morte do menino Úrbico, filho de Basso, Marcial cede à ternura e a uma certa revolta interior:

*Conditus hic ego sum Bassi dolor, Vrbicus infans,
cui genus et nomen maxima Roma dedit.
Sex mihi de prima derant trieteride menses,
ruperunt tetricae cum male pensa deae.
Quid species, quid lingua mihi, quid profuit aetas?
Da lacrimas tumulo, quid legis ista, meo.*²³

Eu, aqui sepultado, sou a dor de Basso, o menino Úrbico, / a quem a suprema Roma deu a estirpe e o nome. / Faltavam seis meses para o meu triénio de idade, / quando as desapiedadas deusas quebraram injustamente o fio da minha vida. / Que me aproveitou a beleza, a língua, a idade? / Derrama lágrimas sobre o meu túmulo, tu que lês estas palavras.

¹⁸ 3.19.

¹⁹ 4.18.

²⁰ 1.114.

²¹ 1.116.

²² 9.86.

²³ 7.96.

E nada há que fazer, apenas chorar...

Um retrato da criança defunta, como o pequeno Camónio, é sempre um consolo para a alma, mesmo muitos anos depois: é a recordação de uma dor e o testemunho de uma ausência; é uma forma de dar cor aos restos de uma antiga pira, guardados dentro de uma urna.²⁴

Uma criança atacada por uma doença horrível arranca ao poeta o grito de *ah scelus, ah facinus!* Para Cánace, o sétimo inverno foi o último. Mas, mais triste do que a morte, se revelou o modo como aconteceu: uma chaga horrenda destruiu-lhe o rosto e a gangrena tapou-lhe a tenra boca:

*Ipsaque crudeles ederunt oscula morbi
nec data sunt nigris tota labella rogis.
Si tam praecipiti fuerant uentura uolatu,
debuerant alia fata uenire uia.
Sed mors uocis iter properauit cludere blandae,
ne posset duras flectere lingua deas.*²⁵

E o mal cruel devorou-lhe a boquinha, / e os seus labiozinhos não foram entregues inteiros à sinistra pira. / Se tinham de chegar com tão precipitado voo, / os fados deviam chegar por outro caminho. / Mas a morte apressou-se em fechar o caminho da meiga voz, / para que, com a língua, não pudesse vergar as deusas inflexíveis.

Ninguém pode negar a dor expressa e impressa nestes versos. Marcial dá largas à sua compaixão por esta criança, que não passava de uma escravinha. Talvez por isso mesmo a comoção seja maior; as razões do poeta aumentam: é uma criança, é uma escrava. Naqueles versos, as palavras de ternura vêm misturadas com incontidos gritos de revolta contra o sofrimento dos inocentes indefesos.

²⁴ 9.74; 9.76.

²⁵ 11.91.

5.3. Erócion: o lume de um afecto que a morte não apagou

Hic festinata requiescit Erotion umbra,
 crimine quam fati sexta peremit hiems.

10.61.1-2.

Chamava-se Erócion, era o "amorzinho" do poeta: uma escravinha com apenas seis anos. A sua voz era doce, mas tinha a doçura de um canto do cisne; era mais terna do que um cordeiro, mas um cordeiro destinado ao matadouro; era mais delicada do que as ostras do Lucrino,²⁶ mas o Lucrino fica perto do Averno, ao seu lado paira a morte; a ela ninguém prefere as pedras preciosas de Éritras, que, por muito preciosas que sejam, são natureza morta; a ela ninguém prefere um dente polido de um elefante indiano, que foi despojado da vida para se lhe tirar o marfim; a ela ninguém prefere a brancura das primeiras neves, nem o lírio por nenhuma mão tocado: ambos estão marcados pela beleza e pela fragilidade – as primeiras neves sucumbem rapidamente aos raios do sol, e o lírio emurchece logo que é tocado.

A cabeleira da menina triunfa sobre o velo dos rebanhos da Bética, ou a pele dourada de um esquilo; o seu hálito tem a fragrância das rosas de Pesto, dos méis dos favos áticos, de um pedaço de âmbar. Ao

²⁶ Cf. KENNEY, "Erotion again": *G & R* 11 (1964) 77-81. Para este autor, Marcial não está aqui a comparar Erócion a uma pérola – as ostras do Lucrino não produzem pérolas, mas são boas para comer. Isto faz lembrar um género de linguagem terna com que os adultos se dirigem às crianças e aos animais. Mais longe vai WATSON, "Erotion: *puella delicata?*": *CQ* 42 (1992), 253-258. Este estudioso observa que estas comparações são características de situações eróticas, o que faz pressupor que Erócion seria, para Marcial, uma *puella delicata*. Para fundamentar a sua opinião recorre a dados da psicanálise que apresentam este tipo de relação como natural, e, para ultrapassar o problema da idade – Erócion tinha apenas cinco anos –, refere uma série de epitáfios de *puellae* e de *pueri delicati* com a mesma idade ou ainda menos. Este artigo apresenta uma argumentação sólida, através da análise do vocabulário usado pelo poeta nestes epigramas e da intertextualidade com Ovídio, bem como as ocorrências literárias do nome Erócion; mas, apesar disso, não se diria convincente. Ficamos com a sensação de que o seu autor parte de um dado adquirido, para depois ir em busca de factos que o comprovem. Não nos parece que uma relação de carácter sexual com Erócion se compadeça com a sensibilidade do poeta, manifestada não só nos epigramas que se referem a Erócion, mas também noutros em que é condenada a exploração sexual dos escravos por parte dos seus senhores. Recordem-se aqui os já citados versos 11.70.5-6: *Ah facinus! Tunica patet inguen utrimque leuat, / aspiciturque tua mentula facta manu.*

pé dela o pavão perde a beleza, a fénix torna-se vulgar. Assim a descreve o poeta, sem evitar um estilo delicado pouco frequente na sua poesia, o que revela um carinho muito entranhado, capaz de provocar explosão de sentimentos na contenção habitual do poeta.

Tanta beleza é um mau presságio: o que é belo não dura muito.

Completava o seu sexto inverno, não o pôde acabar. A *lex amara* de um destino funesto transformou-a em cinza recente, ainda morna: é o que resta dos *amores gaudiumque lususque* de Marcial.²⁷

Do poeta leva a última homenagem e a encomendação da sua sombra morta àqueles que foram os autores da vida de Marcial: Frontão e Flacila.

*Hanc tibi, Fronto pater, genetrix Flaccilla, puellam
oscula commendo deliciasque meas,
paruola ne nigras horrescat Erotion umbras
oraque Tartarei prodigiosa canis.
Inpletura fuit sextae modo frigora brumae,
uixisset totidem ni minus illa dies.
Inter tam ueteres ludat lasciua patronos
et nomen blaeso garriat ore meum.
Mollia non rigidus caespes tegat ossa nec illi,
terra, grauis fueris: non fuit illa tibi.*²⁸

Esta menina, pai Frontão, mãe Flacila, eu vos / encomendo a minha ternura e as minhas delícias, para que, pequenina como é, Erotion não tenha horror das negras sombras / e da boca monstruosa do cão do Tártaro. / Iria completar dentro em pouco os frios do seu sexto inverno, / se vivesse não menos do que outros tantos dias. / Brinque ela, alegre, entre tão anosos protectores / e com a sua língua de trapos balbucie o meu nome. / Um torrão não rígido cubra os seus ossos macios e, para ela, / terra, não sejas pesada: ela não o foi para ti.

Há quem não compreenda, ou até se escandalize, com esta devoção de Marcial para com uma escravinha: *deflere non te uernulae pudet mortem?* – pergunta Pesto com o dedo acusador. Ele, sim, teria razão para chorar: perdeu uma esposa *nota, superba, nobilis, locuples*, e, apesar disso, continua a viver. Mas onde é que reside a força de ânimo de Pesto? É que a mulher lhe deixou uma fortuna de dois milhões. Esta é a diferença fundamental entre o pranto de Pesto e o de Marcial. O poeta chora desinteressadamente; o seu amor é verdadeiro;

²⁷ 5.37.1-17.

²⁸ 5.34. Cf. COLTON, "Children in Juvenal and Martial": CB 56 (1979) 1.

não está vinculado a outra razão que não seja o afecto. E o amor verdadeiro permanece, vence a morte e sobrevive ao correr dos anos.

Estes dois epigramas teriam sido publicados em 89-90. Anos mais tarde, Marcial, cansado, prepara-se para deixar Roma. Em 98, pouco antes de partir para a sua terra natal, publica a segunda edição do livro X²⁹ e nele inclui um epigrama em que recomenda, a quem comprar o seu campo de Nomento, que cuide do túmulo de Erócion:

*Hic festinata requiescit Erotion umbra,
 crimine quam fati sexta peremit hiems.
 Quisquis eris, nostri post me regnator agelli,
 manibus exiguis annua iusta dato:
 sic lare perpetuo, sic turba sospite solus
 flebilis in terra sit lapis iste tua.*³⁰

Aqui repousa Erócion, em sua sombra apressada, / que o sexto inverno aniquilou por delito dos fados. / Quem quer que tu sejas, a mandar no meu pequeno campo depois de mim, / presta aos manes pequeninos, ano após ano, as justas homenagens. / Assim no teu lar perpétuo, assim entre a tua gente salva, / seja esta a única pedra digna de ser chorada na tua terra.

Foi a última referência a Erócion. Pela comoção expressa, percebemos que a saudade tem raízes bem fortes na alma do poeta e sentimos, por isso, que vai com ele para a pátria hispânica. A morte tomou demasiado cedo aquela pobre menina; levou-a do mundo dos mortais, mas não pôde apagar o afecto de um coração que a amava como a uma filha: era uma criança, era uma escravinha... mas tornou-se uma princesa inolvidável na alma de Marcial.

²⁹ SULLIVAN, *Martial* cit. 35 e 44. A primeira edição do livro X teria saído em Dezembro de 95, mas o poeta diz-nos, em 10.23, que muitos poemas da primeira edição foram retocados por uma *lima recens* e que *pars noua maior erit*; cf. ALLEN, "Martial knight, publisher, and poet": *CJ* 65 (1970) 351.

³⁰ 10.61. Este epigrama será, pela certa, uma novidade na edição de 98. Com efeito, Marcial alude à alienação do campo, o que se deve, certamente, à sua próxima partida para BÍlbilis.

6.

O ROSTO IMORTAL DO POETA

Bíbilis, Roma, os amigos, as mulheres, os escravos e as crianças são linhas condutoras da poesia de Marcial, que nos abrem o caminho para a definição da sua personalidade de artista e de homem. Quando fala na primeira pessoa, o poeta dá-nos muitas informações sobre o seu mundo sentimental, mas esse testemunho não pode ser aceite sem crítica. Os traços que temos vindo a reunir até aqui, são manifestações da alma de Marcial que, directa ou indirectamente, nos retratam o homem.

Tentaremos, neste capítulo, sintetizar esses traços e enriquecê-los com novos elementos acerca do poeta, para compreender melhor o seu modo de estar na poesia, na vida e no mundo. Faremos referência à sua carreira como poeta, já que esta, além de ser tema de um número significativo de epigramas, determina, em grande parte, o seu relacionamento com os que o rodeiam, quer amigos, quer inimigos.

Esperamos dar o nosso modesto contributo para a reabilitação de um poeta cuja obra os ouvidos castos da piedade cristã chegaram ao ponto de condenar à fogueira.¹ Enquanto Catulo é principalmente conhecido como um representante do amor "nobre", devido à sua paixão por Lésbia, Marcial é visto como um cultor do amor vil, que usa continuamente uma linguagem obscena. Esta distinção é errónea: o próprio Marcial, para se defender desta acusação, dá como exemplo, entre outros, a poesia de Catulo.² O que tem acontecido é que de Catulo se esquecem os carmes onde o Veronense usa linguagem escabrosa, ao passo que, em relação a Marcial, se coloca a tónica nos epigramas mais obscenos. Para mais, a obra de Marcial que chegou até nós, mau grado a confessa preguiça do poeta, é incomparavelmente mais vasta do que as cento e dezasseis composições que de Catulo sobrevivem.

¹ M. DOLÇ, *Retorno a la Roma clásica* cit. 199.

² 1. Pref.: *Lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excusarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur.*

Ora só quem não leu a obra de Marcial o pode considerar um poeta obsceno. As composições francamente obscenas ocorrem várias vezes, mas constituem uma minoria que, embora significativa, é justificada pelo género.

6.1. Como o poeta se vê a si mesmo

Certior in nostro carmine uultus erit.
Casibus hic multis, nullis debilis annis
uiuēt, Apelleum cum morietur opus.

7.84.6-8

A vida tem momentos de exaltação e momentos de derrota; momentos de confiança e momentos de incerteza. Marcial experimenta amiúde um medo incontido de não ser aceite, de não ser amado; e a crítica trocista é a principal fonte do seu temor. Ele sabe que, no momento em que o livro é publicado, deixa de estar protegido, passa a estar exposto aos sorrisos zombeteiros dos Romanos. E o poeta conhece a inconstância das massas, que tanto aplaudem como de seguida pateiam sem qualquer escrúpulo. É esta preocupação que o poeta manifesta logo no início do livro I dos epigramas. Ao próprio livro dirige estas palavras que espelham bem o receio que lhe vai na alma:

*Nescis, heu, nescis dominae fastidia Romae:
crede mihi, nimium Martia turba sapit.
Maiores nusquam rhonchi: iuuenesque senesque
et pueri nasum rhinocerotis habent.
Audieris cum grande sophos, dum basia iactas,
ibis ab excusso missus in astra sago.*³

Nem sabes, pobre de ti, nem sabes quão difíceis são os gostos da senhora Roma: / acredita em mim, a turba de Marte tem um paladar

³ 1.3.3-8. O temor que Marcial manifesta neste epigrama, em contraste com a confiança demonstrada nos dois primeiros epigramas do livro I, faz pensar que teria sido escrito como introdutório da primeira edição deste livro. A modéstia pode, contudo, ser aparente. O poeta parece estar a seguir um *topos* frequente nos proémios, com alusão, aqui, à epístola 1.20 de Horácio. De qualquer modo, o epigrama apresenta um quadro caricatural do público de Roma, e manifesta também os riscos decorrentes de uma publicação. Ao escrever este epigrama, Marcial não está ainda seguro de poder contrapor à crítica oficial a aceitação dos seus fiéis leitores; cf. a edição do livro I comentada por CITRONI, 22-24 e id., "Un premio di Marziale", 81-91.

demasiado exigente. / Em parte alguma há maiores zombarias: quer os jovens, quer os velhos, / e até as crianças têm um nariz de rinoceronte. / Quando ouvires um grande aplauso, ainda estás a atirar beijos, / e já te sentirás baldeado ao ar em saio de arremesso.

Para minimizar a insegurança, impõe-se o *labor limae* e assim se multiplicam as correcções. O pior é que o livro já não suporta mais as *domini liturae* e deseja voar pelas *aetheriae aerae*. Mas, mesmo então, pode estar sujeito a um golpe de esponja, do próprio autor ou dos amigos, porque Marcial é um perfeccionista.⁴ O medo que sente leva-o a uma atitude de autodefesa que vai desde a desculpabilização até ao ataque. O leitor é o temido juiz. Se encontrar nos epigramas qualquer coisa de obscuro ou de fraco latim, Marcial apressa-se a justificar:

*Non meus est error: nocuit librarius illis,
dum properat uersus adnumerare tibi.*

Não é minha a culpa: foi o copista que os estragou, / na precipitação de ajuntar os versos para ti.

Se esta defesa falha e se o leitor lhe continua a atribuir as culpas, então é por *cordis habere nihil*; e para quem acha que os versos são maus, a resposta é pronta: *Haec mala sunt, sed tu non meliora facis*.⁵

Para sua segurança, o poeta busca o apoio das pessoas com grande autoridade, como Faustino, oferece-lhe o livro que acaba de sair;⁶ ou procura um crítico isento e erudito, como Apolinar, pois sabe que, se este o aprovar, o livro não terá a recear os *ronchi maligniorum*.⁷ Marcial, portanto, aceitava a crítica, desde que autorizada pela amizade e pela competência.

Alguns ousam dizer que os versos de Marcial não são perfeitos, mas o poeta preocupa-se em agradecer ao público, não aos críticos literários:

*Non nimium curo: nam cenae fercula nostrae
malim conuiuis quam placuisse cocis*.⁸

⁴ 4.10: *Non possunt nostros multae, Faustine, liturae / emendare iocos: una litura potest.*

⁵ 2.8.

⁶ 3.2.

⁷ 4.86.

⁸ 9.81.

Não lhe dou muita importância: os pratos do meu jantar / preferiria que agradassem mais aos convidados do que aos cozinheiros.

Ele próprio tem consciência de que no seu livro não existem só flores. Um livro é constituído por versos bons e maus:

*'Triginta toto mala sunt epigrammata libro.'
Si totidem bona sunt, Lause, bonus liber est.'*⁹

'Existem no livro inteiro trinta epigramas maus.' / Se existirem outros tantos bons, Lauso, é um bom livro.

Realmente, uma coisa é escrever alguns versos isolados, outra é escrever um livro:

*Quod non insulse scribis tetrasticha quaedam,
disticha quod belle pauca, Sabelle, facis,
laudo nec admiror. Facile est epigrammata belle
scribere, sed librum scribere difficile est.*¹⁰

Lá porque escreves algumas quadras não sem sabor, / lá porque fazes, Sabelo, uns poucos dísticos bonitinhos, / dou-te o meu louvor, não a minha admiração. Epigramas bonitinhos, é fácil / escrevê-los, mas escrever um livro é difícil.

A tarefa da publicação é ingrata: é mais fácil criticar os versos alheios do que publicar os próprios. Por isso, Marcial desafia um poeta crítico a publicar os seus versos.¹¹ Por outro lado, não entende nem tolera que poetas que ninguém lê se atrevam a criticar os seus versos.¹²

Outro tipo de crítica a que o poeta reage diz respeito à extensão dos epigramas. Mas há que distinguir entre poetas que escrevem epigramas longos que parecem breves e poetas que escrevem dísticos tão enfadonhos que se tornam longos.¹³ A quem se escandaliza por Marcial fazer epigramas em hexâmetros, o poeta aconselha a ler só os dísticos, pois reserva para si a liberdade de escrever hexâmetros e concede ao leitor a liberdade de os passar à frente.¹⁴ É que por vezes é impossível

⁹ 7.81.

¹⁰ 7.85.

¹¹ 1.91.

¹² Cf. 3.9; 6.64.

¹³ 2.77.

¹⁴ 6.65; cf. 10.1.

ser mais breve.¹⁵ De resto, a crítica de falta de brevidade não se pode aplicar a Marcial, porquanto a concisão é um princípio por ele preconizado.¹⁶ Só quem nada escreve pode ser mais breve.¹⁷ Até um livro só de dísticos pode tornar-se demasiado monótono:

*Disticha qui scribit, puto, uult breuitate placere.
Quid prodest breuitas, dic mihi, si liber est?*¹⁸

Quem escreve dísticos deseja, julgo eu, agradar pela brevidade. / Mas, de que é que aproveita a brevidade, diz-me lá, se não deixa de ser um livro?

O temor da crítica mordaz é compensado com a alegria de ser reconhecido e aplaudido.¹⁹ Nas composições em que faz referência a esse reconhecimento, pressente-se que o poeta tem necessidade destes aplausos. Quinto Polião Valeriano guardou as poesias que o poeta escreveu na juventude;²⁰ Hipódamo quer ter o nome num epigrama, porque considera isso uma honra, Marcial fica muito contente – *ni ualeam, si non res est gratissima nobis* –, embora o nome seja difícil para a métrica;²¹ mostra-se ainda muito lisonjeado pelo facto de saber que a bela Viena conta os epigramas do poeta entre as suas delícias: lêem-nos o velho e o jovem e o menino, e até a *casta puella* os lê à frente do *tetricus uir*. Perante isto, Marcial confessa:

*Hoc ego maluerim quam si mea carmina cantent
qui Nilum ex ipso protinus ore bibunt;
quam meus Hispano si me Tagus impleat auro
pascat et Hybla meas, pascat Hymettos apes.*²²

Esta honra eu a preferiria a que cantassem os meus versos / aqueles que bebem do Nilo, logo da própria nascente; / a que o meu Tago me enchesse de ouro hispano / e o Hibla e o Himeto alimentassem as minhas abelhas.

¹⁵ 3.83; 2.77.7: *non sunt longa quibus nihil est quod demere possis*.

¹⁶ 1.118; 2.1; 4.89. Espera assim conseguir a atenção daqueles que dispõem de pouco tempo, ou pouca paciência: 4.82.

¹⁷ 1.110.

¹⁸ 8.29.

¹⁹ Cf. 6.64

²⁰ 1.113.

²¹ 4.31.

²² 7.88.

A mensagem é clara: mais do que as riquezas provenientes da sua obra conta o seu reconhecimento e aplauso. Marcial pode viver sem riquezas: mas não sobrevive, se não gostarem dele. Fica, por isso, sensibilizado e grato aos amigos que lhe pedem os originais com as emendas da sua própria mão,²³ e a Prisco que, mesmo em tempos difíceis, ousou ser um mecenas, proporcionando-lhe o direito ao ócio fecundo.²⁴ São estas manifestações de apreço que Marcial deseja e o fazem sentir-se amado.

Como todo o criador, Marcial revela grande amor pela sua obra, que, ao fim e ao cabo, é parte de si. É isso mesmo que lembra ao leitor no início do livro III, tentando justificar a eventual pobreza de argumentos dos epigramas que foram escritos fora de Roma:

*Hunc legis et laudas librum fortasse priorem:
illa uel haec mea sunt, quae meliora putas.*²⁵

Lês este livro e talvez louves o anterior: / qualquer deles é meu, seja qual for o que julgues melhor.

E, se, num aniversário, cada um dá o que tem, o poeta oferece um epigrama: é a melhor oferta que pode fazer, porque é algo verdadeiramente seu;²⁶ e um livro oferecido pelo autor tem maior valia.²⁷

Apesar de todas as dificuldades, o poeta parece ter um esteio inabalável: a consciência do seu valor como poeta. Esta consciência acaba por se sobrepor a toda a crítica. Marcial sabe que os seus versos não são desdenháveis.²⁸ No epigrama-prólogo do livro nono, apresenta-se convencido daquilo que vale, ao mesmo tempo que pede a benquerença do leitor:

*Ille ego sum nulli nugarum laude secundus,
quem non miraris, sed puto, lector, amas.*

Eu sou aquele a nenhum segundo, na glória destas bagatelas, / a quem não admiras, mas julgo, leitor, que amas.

²³ 7.11; 7.17.

²⁴ 12.3.

²⁵ 3.1.3-4.

²⁶ 10.87.

²⁷ 9.99.

²⁸ 5.30.5-6: *sed lege fumoso non aspernanda Decembri / carmina, mittantur quae tibi mense suo.*

Mais tarde há-de corrigir-se e considerar-se inferior apenas a Catulo.²⁹ Nem sequer admite misturas com versos de inferior qualidade.³⁰ O seu valor é incomparavelmente superior ao dos ricos. Depois de enumerar as riquezas de Calístrato em comparação com a sua pobreza, o poeta conclui desta sorte:

*Hoc ego tuque sumus: sed quod sum, non potes esse;
tu quod es e populo quilibet esse potest.*³¹

Isto somos eu e tu; mas o que eu sou, tu não podes ser; / o que tu és, qualquer plebeu o pode ser.

Com o tempo, a consciência da sua divulgação nas paragens mais remotas do Império e a sua fama em vida tornam-se factores importantes para a auto-estima do poeta:

*Ore legor multo notumque per oppida nomen
non expectato dat mihi fama rogo.*³²

Sou lido por muitas bocas e um nome conhecido através das cidades / me dá a fama sem esperar pela pira.

Quanto à fama depois da morte, Marcial, por enquanto, dispensa-a, e opõe-se mesmo àqueles que só apreciam os poetas mortos:³³ são os vivos que necessitam de sentir o calor da admiração para continuarem a sua obra.

No mais, Musa, no mais! – dirá Camões no final d'*Os Lusíadas*. Marcial, embora não tenha a lira destemperada nem a voz enrouquecida, acha que a Musa já lhe deu fama suficiente:

*Quinque satis fuerunt: nam sex septemue libelli
est nimium: quid adhuc ludere, Musa, iuuat?
Sit pudor et finis: iam plus nihil addere nobis
fama potest. Teritur noster ubique liber;*

²⁹ 10.78. Cf. 4.23 e 5.5.

³⁰ Cf. 10.100.

³¹ 5.13.

³² 3.95.7-8; cf. 6.64. Também o epigrama 1.1 manifesta a consciência de uma fama que não é comum ocorrer nos dois primeiros livros: *Hic est quem legis ille, quem requiris, / toto notus in orbe Martialis / argutis epigrammaton libellis: / cui, lector studiose, quod dedisti / uiuenti decus atque sentienti, / rari post cineres habent poetae*. Este epigrama não corresponderá a um prómio originário, mas teria sido acrescentado, juntamente com 1.2, em edição posterior, numa fase em que o poeta já se tinha afirmado (cf. CITRONI, ed. Liber I cit. 12-14).

³³ 5.10 e 8. 69.

*et cum rupta situ Messalae saxa iacebunt
 altaque cum Licini marmora puluis erunt,
 me tamen ora legent e secum plurimus hospes
 ad patrias sedes carmina nostra ferent.*³⁴

Cinco eram já suficientes: agora seis ou sete livros / é demasiado: porque é que te agrada ainda, Musa, gracejar? / Tem vergonha e põe fim a isto: já nada mais me pode acrescentar / a fama. O meu livro é relido por toda a parte. / Mesmo quando as pedras do túmulo de Messala jazerem quebradas ao abandono, / e quando os nobres mármorees do túmulo de Lícino forem pó, / a mim, hão-de recitar-me as bocas, e muitos forasteiros, consigo, / para os pátrios lares, levarão os meus versos.

O poeta tem consciência da perenidade da sua obra. Plínio-o-Moço dirá que Marcial escreveu os seus versos como se fossem imortais,³⁵ Marcial sabe, como outrora Horácio, que eles são imortais, porque, além do engenho, possuem génio e, de facto, *uicturus genium debet habere liber*.³⁶

Assim, a oferta de um livro de epigramas a um amigo ganha inestimável valor, porque leva consigo o rosto imortal do poeta. E, dirigindo-se ao seu livro, Marcial afirma:

*Parua dabis caro, sed dulcia dona sodali:
 certior in nostro carmine uultus erit.
 Casibus hic nullis, nullis debilis annis
 uiuet, Apelleum cum morietur opus.*³⁷

Modesta será a dádiva, mas grata ao meu querido amigo: / na minha poesia, estará mais fiel o meu rosto. / A despeito das vicissitudes, a despeito da poeira dos anos, / viverá, mesmo quando perecer a obra de Apeles.

Marcial sabe que venceu, contra as expectativas de muitos. Apos-tou no género epigramático, quando todos louvam e admiram os poemas mitológicos. Mas a verdade é só uma: *laudant illa, sed ista le-*

³⁴ 8.3.

³⁵ *Epist.* 3.21.6.

³⁶ 6.61.10.

³⁷ 7.84.5-8.

gunt.³⁸ porque nos seus epigramas há vida e os homens se revêm nas acções e sentimentos descritos.³⁹

Como poeta, Marcial tem razões para se sentir realizado. Mas, apesar dos sinais inequívocos de sucesso, o poeta teme que, embora possa ser uma presença divertida para os ouvintes, não seja verdadeiramente amado.⁴⁰ Parténio não tem tempo para as musas, e se tem, é para as suas;⁴¹ e há quem diga que leu o livro de Marcial de fio a pavio, mas o poeta sabe que não é verdade.⁴² Sobrevém então a mágoa e a desilusão, ao dar-se conta de que mais conhecido do que ele é Andrémon, um cavalo de corrida!⁴³

Subsiste ainda outro problema: as letras nunca enriqueceram ninguém, e o poeta, perante o espanto do mundo que o conhece, anda mal vestido.⁴⁴ Queixa-se dos *stulti parentes*, que o não favoreceram com uma profissão lucrativa, antes lhe ensinaram as *litterulae*, numa sociedade onde até um sapateiro ganha mais.⁴⁵ Que aproveita a Marcial saber que os seus versos são cantados na Bretanha? A sua bolsa não o sabe.⁴⁶ E, na glória, subsiste o desalento... A frustração de Marcial ganha expressão poética na figura, já atrás referida, de Mamurra, que se dá ares de grande comprador, aprecia demoradamente os artigos expostos – para, ao fim da tarde, cansado, comprar dois cálices de um asse,⁴⁷ ou na figura de Eros, que chora por não poder comprar as coisas belas que admira:

*Quam multi faciunt quod Eros, sed lumine sicco!
Pars maior lacrimas ridet et intus habet.*⁴⁸

³⁸ 4.49. Mas a verdade é que Marcial, embora em percentagem reduzida dos seus epigramas, também recorre à mitologia. De qualquer modo, a excepção confirma a regra.

³⁹ Cf. 10.4 e 11.42.

⁴⁰ 7.76.6: *delectas, Philomuse, non amaris* (se, como suspeitamos, o poeta está, em hora de desencanto, a pensar na sua própria situação).

⁴¹ 11.1.

⁴² 11.107.

⁴³ 10.9.

⁴⁴ 6.82.

⁴⁵ 9.73.

⁴⁶ 11.3.

⁴⁷ 9.59.

⁴⁸ 10.80.

Quantos não sofrem como Eros, mas de olhos enxutos! / A maior parte ri das suas lágrimas, e dentro de si as guarda.

Não estará o poeta a incluir-se nestes *multi*? A frequência com que se lamenta da sua pobreza parece comprová-lo.

Assim o poeta caminha pelas ruas de Roma, feliz, porque é conhecido nos quatro cantos do mundo; triste, porque tem de mendigar junto dos amigos a toga e o jantar.

Em suma, por trás dos epigramas a que fizemos referência, presente-se uma alma angustiada que oscila entre a consciência do seu valor e o medo de não ser aceite pela crítica. O poeta torna manifesta a existência de um fosso entre o valor que reconhece na sua obra e o valor que os leitores realmente lhe atribuem. Marcial sabe que muitos o apreciam e congratula-se, mas tal facto parece não ser suficiente. A verdade é que a sua obra lhe não faculta a abundância de recursos que seria de esperar, se fosse devidamente reconhecida. Não é que pretenda riquezas – essas deseja-as apenas para poder *donare* e *aedificare*⁴⁹ –, mas dói-lhe que a sua obra não seja ainda tão aplaudida como ele acha que merecia e pesa-lhe ter de sobreviver à custa da penosa vida de cliente. Aos olhos susceptíveis de Marcial, estas limitações significam que não é suficientemente amado. O que o poeta deseja acima de tudo vem sugerido no epigrama-prólogo do livro nono: o *amor* do *lector*.

6.2. Como o poeta vê os outros

Vt mea nec iuste quos odit pagina laesit
et mihi de nullo fama rubore placet.

7.12.5-6

Em Roma há falta de mecenas. O poeta recorre aos amigos mais poderosos: disfarçadamente sugere a Flaco que ele poderá ser o mecenas de que o poeta precisa.⁵⁰ E, uma vez que é poeta de reconhecido mérito, sente-se com autoridade para pedir aos amigos aquilo de que precisa.⁵¹ Alguém lhe dá hospedagem, mas coloca-o num quarto onde

⁴⁹ 9.22.16.

⁵⁰ 8.55.

⁵¹ 7.36. Estela ofereceu-lhe as telhas para cobrir a casa: só falta vestir o dono.

nem Bóreas quereria ficar: isto não se faz a um velho amigo!⁵² Lupo deu-lhe uma quinta, mas é tão pequena que uma toupeira a pode lavar.⁵³

As ofertas e os empréstimos dos amigos são naturalmente encarrados como sinais objectivos de amizade. Há quem se diga verdadeiro amigo do poeta e, embora rico, lhe não dê nenhuma prova dessa amizade. O desabafo termina com um daqueles plebeísmos crus que eram gratos a este tipo de poesia:

*Nil aliud uideo quo te credamus amicum
quam quod me coram pedere, Crispe, soles.*⁵⁴

Não vejo mais nenhuma razão para te julgar meu amigo, / além do facto de que te costumás largar, Crispo, na minha presença.

Entre os amigos deve vigorar como modelo a amizade de Píldes e Orestes, o que implica uma partilha sem restrições:

*Quid quod nil umquam Pyladi donauit Orestes?
Qui donat, quamuis plurima, plura negat.*⁵⁵

Que dirias do facto de que Orestes nunca deu nada a Píldes? / Quem dá, por muito que dê, é mais o que não dá.

Mas o poeta sabe que isto não é fácil de pôr em prática. É que os homens, quanto mais ricos, menos generosos:

*Genus, Aucte, lucri diuites habent iram:
odisse quam donare uilius constat.*⁵⁶

Os ricos, Aucto, têm na ira uma fonte de proveito: / odiar fica mais barato que dar.

Nos epigramas, os nomes verdadeiros misturam-se com os nomes falsos. O poeta sabe que tem na sua mão uma arma terrível e temida,⁵⁷ mas fazer uso dela não convém aos seus objectivos literários. Prefere usar *innocuos sales*,⁵⁸ e assim consegue atingir um duplo objectivo:

⁵² 8.14.

⁵³ 11.18.

⁵⁴ 10.15.

⁵⁵ 10.11.

⁵⁶ 12.13.

⁵⁷ Cf. 12.61.

⁵⁸ 3.99.

*parcere personis, dicere de uitis.*⁵⁹ Pode, por isso, tranquilizar o leitor – *opes nostrae* –, a maior riqueza que Roma deu ao poeta:⁶⁰

*Vt mea nec iuste quos odit pagina laesit
et mihi de nullo fama rubore placet (...)
Ludimus innocui: scis hoc bene.*⁶¹

A minha poesia não prejudicou nem sequer aqueles que tinha razão para odiar / e a mim não me agrada a fama à custa da vergonha de quem quer que seja. / (...) Gracejo sem ofender: sabes isso bem.

Se o próprio Marcial neutraliza uma arma que poderia ser geradora de desconfiança e inimizade,⁶² restam-lhe dois caminhos: o da glorificação através da menção das pessoas que o merecem – e Marcial confessa que isso lhe agrada⁶³ – ou a omissão, condenando o interessado ao esquecimento eterno, com a maldição:

*Ignotus pereas, miser, necesse est.*⁶⁴

É forçoso, desgraçado, que morras desconhecido.

Há, no entanto, quem mostre ingratidão em relação à generosidade do poeta:

*Laudatus nostro quidam, Faustine, libello
dissimulat, quasi nil debeat: inposuit.*⁶⁵

Um certo indivíduo, ó Faustino, louvado no meu livro, / disfarça, como se nada me devesse: chegou para mim!

Com esta sua visão da realidade, Marcial acaba por gerar incompreensão. Há quem pense que ele é um preguiçoso e o acuse de só publicar um livro por ano. Mas, para um poeta constantemente ocupado com as obrigações de cliente, um livro já é muito.⁶⁶

Ora, para um cliente, o dia começa invariavelmente bem cedo, e, por vezes, quando chega a casa do patrono, o *ianitor* diz-lhe que o

⁵⁹ 10.33.

⁶⁰ Cf. 10.2.

⁶¹ 7.12.5-6 e 11. Cf. 1. *pref.*

⁶² Sobre este assunto cf. R PAVANELLO, "Nomi di persona allusivi in Marziale": *Paideia* 49 (1994) 161-164.

⁶³ Cf. 5.15.

⁶⁴ 5.60; cf. 12.61.11: *Frons haec stigmatē non meo notanda est.*

⁶⁵ 5.36.

⁶⁶ 10.70.

patrão não está ou que já saiu. Depois de uma visita a Paulo, a desilusão do desencontro:

*Semper inhumanos habet officiosus amicos:
rex, si non dormieris, non potes esse meus.*⁶⁷

O cliente dedicado tem sempre amigos desumanos. / Se não dormires, não podes ser meu patrono.

Marcial gosta de dormir e acaba por chegar tarde. Prefere, por vezes, enviar uns versos em vez de se deslocar.⁶⁸

Com os anos, os jantares de cerimónia deixam de o atrair. Não vai aos jantares demasiado solenes onde os convidados são numerosos:⁶⁹ prefere os jantares simples com os amigos,⁷⁰ e as festas de aniversário mais familiares.⁷¹ É precisamente no convívio que começa a distinguir os verdadeiros dos falsos amigos. Então revela todo o seu amargor quando verifica que são falsos muitos amigos que julgava verdadeiros e que mesmo os mais fiéis colocam, por vezes, os seus afazeres ou o seu ócio à frente da amizade, a ponto de se furtarem à companhia do poeta.⁷²

No que diz respeito às mulheres, já vimos que, entre o deambular por amores fáceis e passageiros, casos há em que parece brilhar uma chama de sentimento mais profundo, embora dissimulado nas mais contraditórias expressões do amor: são epigramas que reflectem um mundo sentimental repleto de incertezas, medos, mágoas e despeitos – recorde-se o caso de Gala, onde se pode adivinhar um percurso amoroso que, à semelhança da Léssia de Catulo (embora com as devidas diferenças), teve um período de ascensão que deixa adivinhar momentos de grande intimidade, e um período de declínio com momentos de briga, até terminar no despeito provocado pela degradação da amada. A progressiva oferta e declínio de Gala expressa em 10.75, até terminar no brutal *Dat gratis, ultro dat mihi Galla. Nego*, manifesta claramente a desilusão do poeta, face a uma relação amorosa que pode ter sido mais entranhada que outras. Além disso, fica-nos a sensação de que se, por um lado, este amor atribulado serviu de impedimento para outra

⁶⁷ 5.22.

⁶⁸ Cf. 1.70; 1.108; 3.4; 7.42.

⁶⁹ Cf. 11.35.

⁷⁰ Cf. 10.48.

⁷¹ Cf. 11.65.

⁷² Cf. 2.5.

relação mais séria, por outro, devido à forma como terminou, deixou um amargo sentimento de repulsa que poderá ter determinado, em parte, a sua fuga a um amor único. De qualquer modo navegamos nas águas mais turvas e revoltas dos epigramas e da vida do poeta. As possibilidades são muitas; são mais as suposições que as certezas. A única certeza que parece emergir é a da procura, tantas vezes por caminhos tortuosos, do amor como fonte da sua poesia.

Com efeito, pelo que nos é dado deduzir dos epigramas, a vida amorosa do poeta foi balizada por uma série de fogachos que, de acordo com a instabilidade do temperamento e da situação, nunca lhe permitiram fixar-se numa relação mais duradoura e mais profunda. Não encontramos um único epigrama que espelhe inequivocamente a existência de uma esposa. Ficamos até com a impressão de que o poeta, perante tanta situação sórdida que descreve, acaba por fugir, talvez por inconsciente receio, de compromissos mais sérios. Parece, deste modo, negar a si próprio, por estranho autodespeito, o grande amor que postula em 8.73.4, com o grito solene: *da quod amem*. E, se alguma oportunidade surgiu, o poeta retraiu-se e não teve a coragem de assumir nem na vida nem na poesia.

Se as mulheres das suas relações eram ricas ou poderosas, então o poeta buscava a sua protecção mecenática. Cabe aqui lembrar os exemplos de Pola Argentária, viúva de Lucano, e de Marcela, a sua protectora de BÍlbilis. Por estas mulheres demonstra Marcial admiração, respeito, amizade, mas não vai mais além.

Onde, em nosso entender, se torna mais inequívoca a sensibilidade do poeta é no afecto pelos escravos e pelas crianças. Aqui todas as dúvidas se desvanecem, porque o amor é claro, sincero e espelha a simplicidade das almas grandes. As crianças e os escravos maltratados e a morte cruel dos indefesos arranca à pena do poeta versos de condoída revolta interior.

Esse afecto culmina em Erócion, uma escravinha morta em plena meninice e sempre chorada por Marcial: é mais um amor que acabou em amargor. Nos poucos, mas sentidos, epigramas que lhe dedicou,⁷³ a musa crítica e irónica dá lugar a um coração comovido, a transbordar de ternura, em contraste evidente com a imagem do Marcial que a tradição nos legou.

⁷³ Cf. 5.34; 5.37 e 10.61.

Não podemos esquecer aqui o sentir do poeta em relação aos imperadores, já que são inúmeros os epigramas que a eles se referem. Parece-nos, contudo, que esta abordagem é de menor importância neste trabalho, uma vez que tais epigramas são, regra geral, muito convencionais.⁷⁴

Quatro imperadores aparecem, como objecto de adulação, na obra de Marcial: Tito, Domiciano; Nerva e Trajano.⁷⁵

Em homenagem a Tito, Marcial publicou o *Liber spectaculorum*, que celebra a inauguração do Anfiteatro Flávio.⁷⁶

O maior período da vida de Marcial em Roma decorre sob o governo de Domiciano. Vários são os elogios que Marcial lhe dirige; vários também os motivos de que o poeta se serve para fazer esses elogios. Um dos mais reiterados é o tema dos jogos no anfiteatro: a influência do *numen* de Domiciano torna o leão mais clemente e mais nobre,⁷⁷ e a abundância de tigres faz este imperador vencer Dioniso.⁷⁸ Outra estratégia é fazer o panegírico das pessoas da confiança do imperador,⁷⁹ ou do seu favorito Eiarino,⁸⁰ ou dos seus filhos.⁸¹ O poeta exalta ainda as campanhas e vitórias do imperador,⁸² bem como a sua couraça;⁸³ celebra o seu aniversário;⁸⁴ glorifica o palácio com a sua sala de jantar e os seus banquetes;⁸⁵ exalta a estátua de Hércules, que foi erigida na Via Ápia com o rosto do imperador;⁸⁶ louva a sua obra

⁷⁴ Cf. CITRONI, *cit.* 30-31.

⁷⁵ Para uma visão mais exaustiva acerca do que Marcial louvou nestes imperadores, cf. M.^a CRISTINA PIMENTEL, *A adulatio em Marcial* (dissertação de doutoramento em Literatura Latina), Lisboa, F. L. U. L., 1993, 77-123 e CITRONI, "Pubblicazione e dediche dei libri in Marziale": *Maia* 40 (1988) 3-39.

⁷⁶ Sobre este assunto vd. P. TREMOLI, "Marziale adulatore di Tito": *Atti Congr. Studi Flaviani*, II, Rieti, 1983, 383-391.

⁷⁷ Cf. 1.6; 1.14; 1.22; 1.104; 8.53.

⁷⁸ Cf. 8.26.

⁷⁹ Cf. 1.12; 1.78; 1.82; 1.111; 5.5; 5.6; 6.38; 7.74; 9.79.

⁸⁰ Cf. 9.11; 9.12; 9.13; 9.16; 9.17; 9.36.

⁸¹ Cf. 4.3; 6.3.

⁸² Cf. 7.6; 7.7; 7.8; 8.15; 9.93.

⁸³ Cf. 7.1; 7.2.

⁸⁴ Cf. 4.1

⁸⁵ Cf. 8.36; 8.39; 8.49.

⁸⁶ Cf. 9.64; 9.65.

em favor da Urbe, que agora é sumptuosa⁸⁷ e, graças à lei Júlia, se tornou casta.⁸⁸

Outra forma de adulação é a oferta de um livro ao imperador: a obra fica assim sob a sua protecção.⁸⁹

Embora Marcial se dirija muitas vezes a Domiciano, para lhe fazer pedidos,⁹⁰ muito pouco tem que lhe agradecer: apenas a concessão do *ius trium liberorum*, que daria algumas vantagens de natureza económica e social:

*Haec, si displicui, fuerint solacia nobis;
haec fuerint nobis praemia, si placui.*⁹¹

Este direito, se te não agradei, será para mim uma consolação. /
Este direito será para mim um prémio, se te agradei.

Esta concessão leva o poeta a afirmar com graça: *Valebis, uxor! / Non debet domini perire munus.*⁹² Talvez não passe de uma forma irónica de acentuar exageradamente a dádiva do imperador.

Já Tremoli notou que Marcial não tinha uma verdadeira alma de adador, o que fez com que a sua adulação quase não tivesse resultados visíveis.⁹³ Parece-nos existir, em muitos epigramas, mais ironia que adulação. Reparemos no exagero destes versos:

*Nullum Roma ducem, nec te sic, Caesar, amavit
te quoque iam non plus, ut uelit ipsa, potest.*⁹⁴

Roma não amou assim nenhum chefe, senão a ti, César; / também
ela própria não te poderia amar mais, mesmo que quisesse.

ou destes outros ainda:

⁸⁷ Cf. 7.61.

⁸⁸ Cf. 6.4; 9.5; 9.7.

⁸⁹ Cf. 5.1; 8. *pref.*

⁹⁰ Cf. 4.27; 6.87; 7.60; 8.22; 9.18.

⁹¹ 2.91.

⁹² 2.92: epigrama que muitos têm usado como uma prova de que Marcial foi casado, ou de que foi sempre solteiro, conforme as interpretações: cf. ASHER, "Was Martial really unmarried?": *CW* 71 (1977) 441-445.

⁹³ Cf. TREMOLI, "Marziale adulatore di Tito" cit. 390-391.

⁹⁴ 8.11.

*Diligeris populo non propter praemia, Caesar;
te propter populus praemia, Caesar, amat.*⁹⁵

És estimado pelo povo, não por causa das tuas dádivas, César; / por causa de ti, é que o povo ama as tuas dádivas.

Nestes epigramas em que se expressa o amor de Roma pelo seu imperador, ou pelos seus ministros,⁹⁶ Marcial, como nota Bardon, parece excluir-se tacitamente desse número, quando seria de esperar que vincasse a sua afeição, se esta existisse realmente.⁹⁷

E já que Domiciano se intitula um deus, Marcial trata de o colocar acima dos outros deuses. Domiciano é muito mais clemente e justo do que Júpiter, porque revogou o raio já lançado pela sua mão direita, reabilitando o pai de Etrusco que havia condenado ao exílio.⁹⁸ Todo o mundo celebra sacrifícios pelo seu *dux*, não só os homens, mas até os deuses.⁹⁹ Além disso, Domiciano fez tantas obras de carácter religioso que agora os céus estão em dívida para com ele:

*Nam tibi quod soluat non habet arca Iouis.*¹⁰⁰

A verdade é que o erário de Júpiter não tem com que te pagar.

Maior ironia poderá existir quando o poeta afirma que, se fosse convidado para jantar por Júpiter e por Domiciano, preferiria aceitar o convite do imperador.¹⁰¹ Claro que, se participasse no banquete de Júpiter, é porque estava morto...¹⁰²

Quanto a Nerva, Marcial louva o seu talento poético,¹⁰³ pede aos deuses por ele,¹⁰⁴ considera-o continuador dos antigos pela sua *recti*

⁹⁵ 8.56.

⁹⁶ Cf. 9.79.

⁹⁷ Cf. H. BARDON, *Les empereurs et les lettres latines d'Auguste à Hadrien*, Paris, 1968, 274-389.

⁹⁸ 6.83.

⁹⁹ 8.4.

¹⁰⁰ 9.3.

¹⁰¹ 9.91.

¹⁰² É neste sentido que, em 2.14.17-18, o poeta pede a Júpiter, o *uector lasciuus taurus*, que convide o parasita Sélio para o seu banquete.

¹⁰³ 9.26.

¹⁰⁴ 11.4.

reuerentia,¹⁰⁵ exalta a liberdade de *Helicone frui* sob o seu governo¹⁰⁶ e pede a Parténio que lhe recomende o livro.¹⁰⁷

Mas, ao elogiar o seu talento poético e a sua argúcia de ouvido, Marcial simula um receio que pode ser um assomo formal de modéstia, mas, logo a seguir, faz referência a um poeta que é um nome incómodo, cuja associação não será muito elogiosa nem bem-vinda:

*Iudicium metuit nostra Thalia tuum:
ipse tuas etiam ueritus Nero dicitur aures,
lasciuum iuuenis cum tibi lusit opus.*¹⁰⁸

A minha Talia teme o teu juízo: / diz-se que até o próprio Nero temeu o teu ouvido, / quando em jovem recitou à tua frente um poema brejeiro.

Ora todos sabemos o conceito em que era tido Nero, mercê da campanha que a dinastia dos Flávios fez contra ele. E não era a primeira vez que Marcial associava estes dois nomes; já o fizera antes de Nerva ser imperador:

*Sed tamen hunc nostri scit temporis esse Tibullum,
carmina qui docti nota Neronis habet.*¹⁰⁹

Mas, no entanto, sabe que ele é o Tibulo do nosso tempo / quem conhece os famosos poemas do douto Nero.

Os fracos benefícios que estes imperadores concederam ao poeta, podem ser o sinal de que pressentiram a ironia das suas palavras. Tremoli tem razão: decididamente Marcial não é um bom adador.

A Trajano tenta o poeta pedir dinheiro, insinuando que ele é a segurança do cliente.¹¹⁰ Elogia o facto de este imperador não usar o título de *dominus et rex*, como Domiciano, e louva a sua justiça e im-

¹⁰⁵ 11.5.

¹⁰⁶ 12.5-6; cf. 10.2.

¹⁰⁷ 12.11. Parténio foi assassinado em 97. Este epigrama, tal como 12.5, é anterior à publicação do livro e talvez fizesse parte da pequena antologia referida em 12.4, à qual este epigrama serviria de prefácio.

¹⁰⁸ 9.26.

¹⁰⁹ 8.70. Note-se que em 11.33 Marcial apelida Domiciano de Nero.

¹¹⁰ 10.34.

permeabilidade face a adulações,¹¹¹ sem esquecer as suas campanhas no Reno.¹¹²

Mas, no tocante a este imperador, parece não haver ironia. Este *mitissimus Caesar* é hispano,¹¹³ tal como o poeta, e, como vimos, Marcial sente orgulho dos grandes nomes que glorificam a sua pátria. Além disso, Marcial encontra-se já em BÍlbilis, onde os acontecimentos de Roma têm um eco distante que não estimula a veia irónica do poeta.¹¹⁴

6.3. Como poeta vê a sua vida

Et si calculus omnis huc et illuc
diuersus bicolorque digeratur,
uincet candida turba nigriorem.

12.34.5-7.

O mundo do poeta está dividido: de um lado BÍlbilis, a sua terra natal; do outro, Roma, a terra adoptiva. Também BÍlbilis não é uma só: de um lado, a BÍlbilis ideal, o paraíso das suas recordações de infância; do outro a BÍlbilis real, a terra do livro XII.

Hispano em Roma, sentiu saudades da sua pátria, evocou os seus lugares aprazíveis,¹¹⁵ a sua vida simples,¹¹⁶ saboreou antecipadamente a sua viagem,¹¹⁷ e esperou ser recebido pelos seus conterrâneos com as honras devidas por ter eternizado o nome da sua cidade.¹¹⁸ Se isto se concretizasse, o poeta teria realizado o seu sonho de uma vida simples.¹¹⁹

Romano na Hispânia, Marcial, embora confesse que realizou em parte o sonho de simplicidade e de paz,¹²⁰ e tenha recebido o apoio de

¹¹¹ 10.72; cf.12.8.

¹¹² 10.7.

¹¹³ 12.9.

¹¹⁴ Cf. CRISTINA PIMENTEL, *A adulatio em Marcial* cit. 122.

¹¹⁵ Cf. 1.49.

¹¹⁶ Cf. 10.96.

¹¹⁷ Cf. 10.104.

¹¹⁸ Cf. 10.103.

¹¹⁹ Cf. 10.47.

¹²⁰ Cf. 1.18.

Marcela e Prisco,¹²¹ começa a sentir o *desiderium* da Roma que deixou,¹²² da sua fonte de inspiração: a Musa abandona-o; o ambiente em que vive está repleto de espíritos venenosos¹²³ e maçadores que não deixam o poeta descansar.¹²⁴ E o amor mistura-se com o amargor.

O poeta está no fim da vida. Olha o passado e sente saudades daquela Roma à qual chegou jovem: as bibliotecas, os teatros, as reuniões e todas as coisas que tinha abandonado sem perceber quanto as estimava.¹²⁵ Pode recordar com um sorriso como se divertiu a descrever os homens, as mulheres, os monumentos, os actos mais importantes da vida social de Roma. Os argumentos vivos eram incontáveis. O poeta, absorvido pela elaboração desses quadros, foi, sem se dar conta, ele próprio conquistado. Percebe agora que amou verdadeiramente a Urbe, embora esse amor tantas vezes tivesse sido confundido com ódio e viesse misturado com fel. Porque a amou, sofreu com a sua corrupção: foi com amargor que reconheceu que um homem honesto e um amigo fiel não conseguem sobreviver.¹²⁶ Porque a amou, transigiu largo tempo com a humilhante vida de cliente.

Agora restam as recordações. E, na hora da saudade, os amigos vêm ao pensamento. Um nome se destaca – o de Júlio Marcial – e a sua lembrança ilumina o rosto do poeta: durante trinta e quatro anos aconteceram muitas coisas doces e amargas, mas os momentos felizes foram mais: o conjunto das pedrinhas brancas vence o das negras.¹²⁷

Para quem sempre desejou viver intensamente cada dia que passa,¹²⁸ já que a morte não perdoa,¹²⁹ esta é a suprema consolação. Apesar de tudo, valeu a pena viver: o poeta pode agora descansar em paz.

¹²¹ Cf. 12.21; 12.31 (Marcela); 12. *Pref.*; 12.3 (Prisco).

¹²² Cf. 12.21.9-10.

¹²³ Cf. 12. *pref.*

¹²⁴ Cf. 12.68.

¹²⁵ Cf. 12. *pref.*

¹²⁶ Cf. 4.5.

¹²⁷ Cf. 12.34. Cf. capítulo III: *Dedicação aos amigos*.

¹²⁸ Cf. 1.15; 5.58; 6.27; 6.79; 8.44.

¹²⁹ Cf. 3.43; 4.60; 5.64; 10.47. A morte pode esperar: aos cinquenta e sete anos, o poeta pede mais dezoito, cf. 10. 24.

6.4. Como o poeta cria *uictura carmina*

Si dare uis nostrae uires animosque Thaliae
et uictura petis carmina, da quod amem.

8.73.3-4.

Da quod amem – pediu uma vez o poeta, como condição indispensável para a criação de *uictura carmina*.¹³⁰ É o próprio Marcial quem restringe este *quod* ao mundo das mulheres e dos efebos. No entanto, a sua vida e a sua poesia provam o contrário: este *quod* pode ser BÍlbilis, Roma, os amigos, algumas mulheres, os escravos e crianças, de modo especial Erócion. Muitos são, por isso, os sinais poéticos de entrega oblativa, ou de amor carnal, de amizade sincera, ou de sofrimento.

Todos estes aspectos do amor se complementam e contribuem para delinear uma visão globalizante do amor em Marcial. O amor é um todo complexo; o homem é breve; o poeta é um acumular de breves, é a síntese da alma humana. Daí o perigo de considerar isoladamente os epigramas de Marcial e apreender apenas aspectos parciais: conforme os textos considerados, podemos julgá-lo um cultor da amizade, um saudosista, um exemplo de ternura pelas crianças, um filantropo em relação aos escravos, um pedinção inveterado, um adulator sem escrúpulos, um cliente revoltado, um amante cândido e dedicado, ou até um poeta obscuro. Mas o todo da obra é que faz o poeta. Ora a consideração atenta dos epigramas demonstra que, embora à sua maneira, Marcial foi um poeta capaz de amar.

A poesia de Marcial, no seu conjunto, é o espelho da alma humana que difunde o amor, não só em uma, mas em várias direcções numa perspectiva horizontal, e em vários níveis – desde o mais baixo ao mais elevado – numa perspectiva vertical. Assim, quem quer que leia os epigramas do poeta, reconhece, em muitos deles, a sua própria alma.¹³¹ São epigramas com argumentos vivos.¹³² É isto que torna a obra de Marcial uma poesia destinada a sobreviver.

¹³⁰ 8.73.

¹³¹ 10.4.8: *hoc lege, quod possit dicere uita 'meum est'*.

¹³² 11.42. *Viuida cum poscas epigrammata, mortua ponis / lemmata. Qui fieri, Caeciliane, potest?*

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA*

1. Edições de MARCIAL (*Epigramas*)

- GIARRATANO, Caesar, Paravia, Augustae Taurinorum, ³1950 / 51 (¹1919).
IZAAC, H. J., texte établi et traduit par –, Paris, Les Belles Lettres, ²1961 (¹1930).
NORCIO, Giuseppe, Torino, UTET, 1980.
BAILEY, Shackleton, Post W. HERAEUM edidit –, Stutgardiae, Teubner, 1990 (texto seguido nesta dissertação).
DOLÇ, Miguel, *Epigramas selectos*. Introducción, selección, notas y vocabulario por –, Barcelona, Bosch, 1981.
CITRONI, Mario, *Epigrammaton liber I*. Introduzione, testo, apparato critico e commento a cura di –, Firenze, La Nuova Italia, 1975.
HOWELL, Peter, *A commentary on book one of the Epigrams of Martial*, London, The Athlone Press, 1980.
KAY, N. M., *Martial book IX, a commentary*, London, Duckworth, 1985.

2. Concordâncias

- SIEDSCHLAG, Edgar, *Martial-Konkordanz*, Hildesheim / New York, Georg Olms, 1979.
ESTEFANIA, Dulce, *M. Val. Martialis Epigrammaton concordantia*, Santiago de Compostela, Universidad, 1980.

3. Estudos

- ADAMIK, T., "Martial and the *vita beator*": *AUB* 3 (1975) 55-64.
——, "Pliny and Martial (*Epist.* 3.21.)": *AUB* 4 (1976) 63-72.
ALLEN, Walter JR., "Martial knight, publisher, and poet": *CJ* 65 (1970) 345-357.
ALVAR EZQUERRA, Antonio, "Marcial visto desde sí mismo": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 73-86.

* As revistas são citadas, sempre que possível, pelas abreviaturas usadas em *L'année philologique*.

- ARRANZ SACRISTÁN, Felicísimo, "Hispania vista por Marco Valerio Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de Bìlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 215-236.
- ASCHER, Leona, "Was Martial really unmarried?": *CW* 70 (1977) 441-444.
- AUGELLO, Giuseppe, "Pratica e necessità del donare nella Roma di Marziale": *ALGP* 2 (1965) 339-351.
- , "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale": *ALGP* 5-6 (1968-69) 234-270.
- , "Moda e vanità a Roma nella testimonianza di Marziale": *Studi classici in onore de Quintino Cataudella*, Catania, Università, 1972, III, 371-390.
- BARDON, H., "Le goût à l'époque des Flaviens": *Latomus* 21 (1962) 732-748.
- , *Les empereurs et les lettres latines d'Auguste à Hadrien*, Paris, 1968.
- BELLINGER, A. R. "Martial, the suburbanite", *CJ* 33 (1928) 425-435.
- BEST, E. E., "Martial's readers in the Roman world": *CJ* 64 (1969) 208-212.
- BOISSIER, "Le poète Martial": *Tacite*, Paris, Hachette, 1926, 281-335. (Inicialmente publicado em *Revue des deux mondes* 160 (1900) 241-279.).
- BORREGO HERRERO, Juan-José, "Marcial, crítico de cada día dentro de la sociedad romana": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de Bìlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), I, Zaragoza, UNED, 1989, 69-71.
- BRUGNOLI, Giorgio, "Cultura e propáganda nella restaurazione dell' età flaviana": *Annali dell' Università di Lecce* 1 (1963-64) 5-36.
- BURZACCHINI, Gabriele, "Filenide in Marziale": *Sileno* 3 (1977) 239-243.
- CAMPO PECINO, Maria Dolores, "Marcial: la figura femenina en su obra (Epigramas I-VII)": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de Bìlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), I, Zaragoza, UNED, 1989, 75-87.
- CARRATELLO, Ugo, "Un folle amore in Marziale... (Mart. I 68)": *Studi classici in onore di Quintino Cataudella*, Catania, Università, 1972, III, 391-401.
- CARRINGTON, A. G., "Martial": *Neronians and Flavians. Silver Latin I*, edited by D. R. DUDLEY, London – Boston, Routledge & Kegan Paul, 1972, 236-270.
- CASTAGNOLI, Ferdinando, "Roma nei versi di Marziale": *Athenaeum* 28 (1950) 67-78.
- CHANEY, Virginia M., "Women, according to Martial": *CB* 48 (1971) 21-25.

- CIARRA IRURITA, Alejandro, "El regreso de Marco Valerio Marcial (Una súplica a la tierra)": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), I, Zaragoza, UNED, 1989, 89-94.
- CITRONI, Mario, "Donne in Marziale": *Maia* 20 (1968) 69-72.
- , "Motivi di polemica letteraria negli epigrami di Marziale": *Darch* 2 (1968) 259-301.
- , "Un proemio di Marziale (I, 3)": *Studia Florentina Alessandro Ronconi sexagenario oblata*, Roma, Ateneo, 1970, 81-91.
- , "Pubblicazione e dediche dei libri in Marziale": *Maia* 40 (1988) 3-39.
- CLÚA SERENA, José-Antonio, "En torno a las correspondencias entre epigramas griegos y epigramas satíricos de Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), I, Zaragoza, UNED, 1989, 103-107.
- COLTON, Robert E., "Juvenal and Martial on literary and professional men": *CB* 39 (1963) 49-52.
- , "Cruelty and vanity: Juvenal 6.490-96, 6.502-06 and Martial": *CB* 50 (1973) 5-6.
- , "Juvenal and Martial on women who ape Greek ways": *CB* 50 (1974) 42-44.
- , "A client's day: echoes of Martial in Juvenal's first satire": *CB* 52 (1976) 35-38.
- , "Children in Juvenal and Martial": *CB* 56 (1979) 1-3.
- , *Juvenal's use of Martial's epigrams. A study of literary influence*, Amsterdam, Hakkert, 1991.
- CORSARO, Francesco, "Il mondo del mito negli *Epigrammaton libri* di Marziale": *SicGymn* n. s. 26 (1973) 171-205.
- DESCHAMPS, Lucienne, "L'influence de la diatribe dans l'oeuvre de Martial": *Atti del Congresso Internazionale di Studi Vespasiani*, Rieti, Centro di Studi Varroniani, 1981, 353-368.
- , "Il ritratto di Tito nell' opera di Marziale", *Atti del Congresso Internazionale di Studi Flaviani*, Rieti, Centro di Studi Varroniani, 1983, 69-84.
- DOLÇ, Miguel, "Hispania clásica (siglos I a. de J. C. a VII d. J. C.). Literatura hispanorromana": *Historia general de las literaturas hispánicas*, I: desde los orígenes al 1400, Barcelona, 1949.
- , *Hispania y Marcial. Contribución al conocimiento de la España antigua*, Barcelona, Escuela de Filología, 1953.
- , "La investigación sobre la toponimia hispana de Marcial": *Eclás* 4 (1957) 68-79.
- , *Retorno a la Roma clásica. Sobre cultura y sociedad en los albores de Europa*, Madrid, Prensa Española, 1972.

- , "Due passioni di Marziale: Roma e Hispania": *Colloquio italo-spagnolo sul tema: Hispania romana* (Roma, 15-16 de maggio 1972), *RAL* 200 (1974) 109-125.
- , "Marcial, entre Roma y BÍlbilis": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 11-22.
- ESTEFANIA ÁLVAREZ, Dulce, "Marcial: el poeta y su obra": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 49-67.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, Manuel, "Sobre el cómo traducir a Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 379-395.
- FONTÁN PÉREZ, Antonio, "Marcial y Estacio: dos vates contemporáneos, dos poéticas opuestas": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 343-355.
- FORTUNY PREVI, Filomena, *Introducción al vocabulario de Marcial, reflejo de la sociedad romana de la época*, Murcia, Universidad, 1979.
- , "En torno al vocabulario erótico de Marcial": *Myrtia* 1 (1986) 73-91.
- FRASSINETTI, Paolo, "Marziale poeta serio": *Argentea aetas. In memoriam Entii V. Marmorale*. Genova, Istituto di Filologia Classica e Medievale, 1973, 161-180.
- FUJII, Noboru, "Love and women in Martial – a poet incapable of amare": *Anuario dell' Istituto Giapponese di Cultura a Roma* 1 (1963-64) 27-42.
- GALÁN RODRÍGUEZ, María del Pilar, "Marco Valerio Marcial: análisis de un diálogo fructífero": *CFC* 7 (1994) 133-143.
- GARCÍA ROMERO, Francisco-Antonio, "El realismo español en Marcial. Una teoría poética": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, I, 109-112.
- GARCÍA-HERNÁNDEZ, Benjamín, "Estructuras léxicas en los epigramas de Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 241-258.
- GARRIDO-HORY, Marguerite, "La vision du dépendant chez Martial à travers les relations sexuelles": *Index* 10 (1981) 298-315.
- GUILLÉN CABAÑERO, José, "La moralidad de Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 91-144.

- HONRUBIA GÓMEZ, Alejandro, "Marcial y su entorno": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, I, 119-123.
- HOYO CALLEJA, Javier del, "Léxico referente a la esposa de Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, I, 113-118.
- KENNEY, E. J., "Erotion again": *G&R* 11 (1964) 77-81.
- LANA, Italo, "Marziale poeta della contraddizione": *RFIC* 33 (1955) 225-249.
- LEÃO, Delfim Ferreira, *As ironias da Fortuna. Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*, Lisboa, Edições Colibri – FLUC, 1998.
- LUGLI, Giuseppe, "La Roma di Domiziano nei versi di Marziale e di Stazio": *StudRom* 9 (1961) 1-17.
- LUQUE MORENO, Jesús, "Los versos del epigrama de Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 263-285.
- MARACHE, René, "La revendication sociale chez Martial et Juvenal": *RCCM* 3 (1961) 30-67.
- , "La poésie romaine et le problème social à la fin du I^{er} siècle": *IL* 13 (1961) 12-19.
- MARCHESI, Concetto, "Le donne e gli amori di Marco Valerio Marziale": *Rivista d'Italia* 13 (1910) 551-598.
- , *Valerio Marziale*, Genova, Formiggini, 1914.
- , "Marziale": *Storia della letteratura latina*, Milano-Messina, Principato, 81955, II, 126-142.
- MARINO, Peter A., "Woman: poorly inferior or richly superior?": *CB* 48 (1971) 17-21.
- MARTÍN BUENO, Manuel, "BÍlbilis: fisionomía de la cuna de Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 361-377.
- MATEU ARESTE, Francisco-Javier, "Formas de proyección del enunciado gnómico en Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, I, 131-139.
- MEDEIROS, Walter de, "A Lua Negra do poeta": *Humanitas* 35-36 (1983-84) 87-103.
- , "O poeta que buscava um amor": *Biblos* 64 (1988) 1-15.
- PAILLER, Jean-Marie, "Martial et l'espace urbain", *Pallas* 28 (1981) 79-87.
- PAOLI, Ugo Enrico, "Il poeta di Roma vivente": *Avventure e segreti del mondo greco e romano*, Firenze, Le Monnier, 1956, 552-567.

- PARATORE Ettore, *Storia della letteratura latina*, Firenze 1983 (tradução portuguesa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983).
- PAVANELLO, Renata, "Nomi di persona allusivi in Marziale": *Paideia* 49 (1994) 161-177.
- PEPE, Luigi, *Marziale*, Napoli, Armanni, 1950.
- PICÓN GARCÍA, Vicente, "De la inspiración al poema en Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, I, 145-151.
- PIMENTEL, Maria Cristina, *A adulatio em Marcial*, (dissertação de doutoramento em Literatura Latina apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – texto policopiado), Lisboa, 1993.
- RIBER, Lorenzo, *Marco Valerio Marcial*, Madrid, Espasa-Calpe, 1941.
- RÓDON BINUÉ, Eulalia, "La expresividad léxica en Marcial": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, II, 291-300.
- RODRÍQUEZ, Maria Teresa, "Il linguaggio erotico di Martiale": *Vichiana* 10 (1971) 91-117.
- SALLER, R. P., "Martial on patronage and literature": *CQ* 33 (1983) 246-257.
- SCAMUZZI, Ugo, "Contributo ad una obiettiva conoscenza della vita e dell'opera di Marco Valerio Marziale": *RSC* 14 (1966) 149-207.
- SCHNUR, Harry C., "Again 'Was Martial really married?'": *CW* 72 (1978) 98-99.
- SERAFINI, Augusto, *M. Valerio Marziale*, Treviso, Longo & Zoppelli, 1941.
- SULLIVAN, J. P., "Was Martial really married? A reply": *CW* 72 (1978) 238-239.
- , "Martial's sexual attitudes": *Philologus* 123 (1979) 288-302.
- , "The social structure of Martial's epigrams": *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Calatayud, mayo 1986), Zaragoza, UNED, 1989, I, 183-198.
- , *Martial: the unexpected classic. A literary and historical study*, Cambridge, University Press, 1991.
- TERZAGHI, Nicola, "Marziale": *Storia della letteratura latina da Tiberio a Giustiniano*, Milano, Vallardi, 1934.
- TREMOLI, Paolo, "Marziale, adulatore di Tito": *Atti del Congresso Internazionale di Studi Vespasiani*, Rieti, Centro di Studi Varroniani, 1983, III, 383-391.
- WATSON, L. C., "Three women in Martial": *CQ* 33 (1983) 258-264.
- WATSON, P. "Martial's fascination with *lusci*": *G&R* 19 (1982) 71-76.
- , "Erotion: *puella delicata*?": *CQ* 42 (1992) 253-268.

Execução Gráfica

Colibri – Artes Gráficas

Faculdade de Letras
Alameda da Universidade
1699 Lisboa Codex
Telef. / Fax 796 40 38

Internet: www.edi-colibri.pt
e-mail: colibri@edi-colibri.pt

José Luís Lopes Brandão, assistente do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, completou em 1992 o curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa daquela Faculdade e, em 1993, o Estágio Pedagógico do Ramo de Formação Educacional. Leccionou no ensino secundário até 1995, altura em que ingressou na Faculdade de Letras como assistente estagiário. Em 1996 prestou provas de mestrado em Literaturas Clássicas com a dissertação *'Da quod amem'. Amor e amargor na poesia de Marcial*, que agora se publica com ligeiras alterações. Publicou entretanto alguns trabalhos sobre Marcial, Petrónio e Apuleio.

*

*Se queres dar vigor e alma à minha poesia
e pretendes versos imortais, dá-me algo que eu possa amar.*

MARCIAL, 8.73.3-4.

Muitas vezes considerado um poeta pouco sério, ou mesmo obsceno, Marco Valério Marcial é acusado por alguns autores de ser 'incapaz de amar'. Mas uma leitura mais completa e atenta dos seus epigramas revela-nos um profundo amor à sua terra natal, BÍBILIS, cantada com saudade na confusão da Urbe; à sua terra adoptiva, Roma, a musa inspiradora de que sente a falta quando regressa à pátria hispânica; aos amigos, de quem louva a generosidade, lamenta a ausência, censura a ingratidão; aos escravos e crianças, sobretudo as vítimas de maus tratos ou de uma morte prematura e, ainda que de forma ocasional, a algumas mulheres que se destacam num mundo de cortesãs e efebos. Marcial oferece-nos, cheios de humor latino, interessantes quadros da vida social da Roma Imperial, ao mesmo tempo que procura libertar o epigrama do estigma de género menor com que vem sendo marcado. É este o conteúdo do presente trabalho, onde se procura descobrir o poeta e apontar diversas pistas para o seu estudo.



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ISBN 972-772-043-9



EDIÇÕES COLIBRI